

Nosso Lar

(OBRA MEDIÚNICA)

I

Série André Luiz

- I - Nosso Lar**
- II - Os Mensageiros**
- III - Missionários da Luz**
- IV - Obreiros da Vida Eterna**
- V - No Mundo Maior**
- VI - Agenda Cristã**
- VII - Libertação**
- VIII - Entre a Terra e o Céu**
- IX - Nos Domínios da Mediunidade**
- X - Ação e Reação**
- XI - Evolução em Dois Mundos**
- XII - Mecanismos da Mediunidade**
- XIII - Conduta Espírita**
- XIV - Sexo e Destino**
- XV - Desobsessão**
- XVI - E a Vida Continua...**

Revisitando Nosso Lar

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Nosso Lar

*Quando o servidor está pronto,
o serviço aparece.*

**DITADO PELO ESPÍRITO
ANDRÉ LUIZ**

(atualização de texto de Maísa Intelisano)

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

ÍNDICE

<i>Novo amigo</i>	6
<i>Mensagem de André Luiz</i>	7
1 – Nas zonas inferiores	8
2 – Clarêncio	11
3 – A oração coletiva	13
4 – O médico espiritual	15
5 – Recebendo assistência	17
6 – Precioso aviso	19
7 – Explicações de Lísias	21
8 – Organização de serviços	23
9 – Problema de alimentação	25
10 – No Bosque das Águas	27
11 – Notícias do plano	29
12 – O Umbral	31
13 – No gabinete do Ministro	33
14 – Explicações de Clarêncio	35
15 – A visita materna	37
16 – Confidências	39
17 – Na casa de Lísias	41
18 – Amor, alimento das almas	43
19 – A jovem desencarnada	45
20 – Noções de lar	47
21 – Continuando a conversa	49
22 – O bônus-hora	51
23 – Saber ouvir	53
24 – O impressionante apelo	55

25 – Conselho generoso	57
26 – Novas perspectivas	59
27 – Enfim, o trabalho	61
28 – Em serviço	64
29 – A visão de Francisco	66
30 – Herança e eutanásia	68
31 – Vampiro	70
32 – Notícias de Veneranda	73
33 – Observações curiosas	75
34 – Com os recém-chegados do Umbral	77
35 – Um encontro especial	79
36 – O sonho	81
37 – A palestra da Ministra	83
38 – O caso Tobias	86
39 – Ouvindo D. Laura	89
40 – Quem planta, colhe	91
41 – Convocados à luta	94
42 – A palavra do Governador	97
43 – Conversando	99
44 – As Trevas	101
45 – No Campo da Música	103
46 – Sacrifício de mulher	107
47 – A volta de Laura	108
48 – Evangelho no lar	110
49 – Voltando para casa	113
50 – Cidadão de "Nosso Lar"	116

NOVO AMIGO

Os prefácios, em geral, apresentam autores, exaltando-lhes o mérito e comentando-lhes a personalidade.

Aqui, porém, a situação é diferente.

Embalde os companheiros encarnados procurariam o médico André Luiz nos catálogos da convenção.

Por vezes, o anonimato é filho do legítimo entendimento e do verdadeiro amor. Para redirmos o passado escabroso, modificam-se tabelas da nomenclatura usual na reencarnação. Funciona o esquecimento temporário como bênção da Divina Misericórdia.

André precisou, igualmente, cerrar a cortina sobre si mesmo.

É por isso que não podemos apresentar o médico terrestre e autor humano, mas sim o novo amigo e irmão na eternidade.

Por trazer valiosas impressões aos companheiros do mundo, necessitou despojar-se de todas as convenções, inclusive a do próprio nome, para não ferir corações amados, envolvidos ainda nos velhos mantos da ilusão. Os que colhem as espigas maduras, não devem ofender os que plantam a distância, nem perturbar a lavoura verde, ainda em flor.

Reconhecemos que este livro não é único. Outras entidades já comentaram as condições da vida, além-túmulo...

Entretanto, de há muito desejamos trazer ao nosso círculo espiritual alguém que possa transmitir a outrem o valor da experiência própria, com todos os detalhes possíveis à legítima compreensão da ordem que preside o esforço dos desencarnados laboriosos e bem-intencionados, nas esferas invisíveis ao olhar humano, embora intimamente ligadas ao planeta.

Certamente que numerosos amigos sorrirão ao contacto de determinadas passagens das narrativas. O inabitual, entretanto, causa surpresa em todos os tempos. Quem não sorriria, na Terra, anos atrás, quando se lhe falasse da aviação, da eletricidade, da radiofonia?

A surpresa, a perplexidade e a dúvida são de todos os aprendizes que ainda não passaram pela lição. É mais que natural, é justíssimo. Não comentaríamos, desse modo, qualquer impressão alheia. Todo leitor precisa analisar o que lê.

Reportamo-nos, pois, tão-somente ao objetivo essencial do trabalho.

O Espiritismo ganha expressão numérica. Milhares de criaturas interessam-se pelos seus trabalhos, modalidades, experiências. Nesse campo imenso de novidades, todavia, não deve o homem descuidar de si mesmo.

Não basta investigar fenômenos, aderir verbalmente, melhorar a estatística, doutrinar consciências alheias, fazer proselitismo e conquistar favores da opinião, por mais respeitável que seja, no plano físico. É indispensável cogitar do conhecimento de nossos infinitos potenciais, aplicando-os, por nossa vez, nos serviços do bem.

O homem terrestre não é um deserdado. É filho de Deus, em trabalho construtivo, envergando a roupagem da carne; aluno de escola benemérita, onde precisa aprender a elevar-se. A luta humana é a sua oportunidade, a sua ferramenta, o seu livro.

O intercâmbio com o invisível é um movimento sagrado, em função restauradora do Cristianismo puro; que ninguém, todavia, se descuide das necessidades próprias, no lugar que ocupa pela vontade do Senhor.

André Luiz vem contar a você, leitor amigo, que a maior surpresa da morte carnal é a de nos colocar face a face com própria consciência, onde edificamos o céu, estacionamos no purgatório ou nos precipitamos no abismo infernal; vem lembrar que a Terra é oficina sagrada, e que ninguém a menosprezará, sem conhecer o preço do terrível engano a que submeteu o próprio coração.

Revisitando Nosso Lar

Guarde a experiência dele no livro dalma. Ela diz bem alto que não basta à criatura apegar-se à existência humana, mas precisa saber aproveitá-la dignamente; que os passos do cristão, em qualquer escola religiosa, devem dirigir-se verdadeiramente ao Cristo, e que, em nosso campo doutrinário, precisamos, em verdade, do ESPIRITISMO e do ESPIRITUALISMO, mas, muito mais, de ESPIRITUALIDADE.

EMMANUEL

Pedro Leopoldo, 3 de outubro de 1943.

MENSAGEM DE ANDRÉ LUIZ

A vida não cessa. A vida é fonte eterna e a morte é jogo escuro das ilusões.

O grande rio tem seu trajeto, antes do mar imenso. Copiando-lhe a expressão, a alma percorre igualmente caminhos variados e etapas diversas, também recebe afluentes de conhecimentos, aqui e ali, avoluma-se em expressão e purifica-se em qualidade, antes de encontrar o Oceano Eterno da Sabedoria.

Cerrar os olhos carnavais constitui operação demasiadamente simples.

Permutar a roupagem física não decide o problema fundamental da iluminação, como a troca de vestidos nada tem que ver com as soluções profundas do destino e do ser.

Oh! caminhos das almas, misteriosos caminhos do coração! É mister percorrê-los, antes de tentar a suprema equação da Vida Eterna! É indispensável viver o vosso drama, conhecer-vos detalhe a detalhe, no longo processo do aperfeiçoamento espiritual!...

Seria extremamente infantil a crença de que o simples "baixar do pano" resolvesse transcendentais questões do Infinito.

Uma existência é um ato.

Um corpo - uma veste.

Um século - um dia.

Um serviço - uma experiência.

Um triunfo - uma aquisição.

Uma morte - um sopro renovador.

Quantas existências, quantos corpos, quantos séculos, quantos serviços, quantos triunfos, quantas mortes necessitamos ainda?

E o letrado em filosofia religiosa fala de deliberações finais e posições definitivas!

Ai! por toda parte, os cultos em doutrina e os analfabetos do espírito!

É preciso muito esforço do homem para ingressar na academia do Evangelho do Cristo, ingresso que se verifica, quase sempre, de estranha maneira - ele só, na companhia do Mestre, efetuando o curso difícil, recebendo lições sem cátedras visíveis e ouvindo vastas dissertações sem palavras articuladas.

Muito longa, portanto, nossa jornada laboriosa.

Nosso esforço pobre quer traduzir apenas uma idéia dessa verdade fundamental.

Grato, pois, meus amigos!

Manifestamo-nos, junto vós outros, no anonimato que obedece à caridade fraternal. A existência humana apresenta grande maioria de vasos frágeis, que não podem conter ainda toda a verdade. Aliás, não nos interessaria, agora, senão a experiência profunda, com os seus valores coletivos. Não atormentaremos alguém com a idéia da eternidade. Que os vasos se fortaleçam, em primeiro lugar. Forneceremos, somente, algumas ligeiras notícias ao espírito sequioso dos nossos irmãos na senda de realização espiritual, e que compreendem conosco que "o espírito sopra onde quer".

E, agora, amigos, que meus agradecimentos se calem no papel, recolhendo-se ao grande silêncio da simpatia e da gratidão. Atração e reconhecimento, amor e júbilo moram na alma. Crede que guardarei semelhantes valores comigo, a vosso respeito, no santuário do coração.

Que o Senhor nos abençoe.

ANDRÉ LUIZ

1

NAS ZONAS INFERIORES

Eu tinha a impressão de haver perdido a idéia de tempo. A noção de espaço já havia desaparecido há muito tempo.

Eu tinha certeza de que não pertencia mais ao mundo dos vivos e, no entanto, meus pulmões respiravam profundamente.

Desde quando havia me tornado brinquedo de forças irresistíveis? Impossível dizer.

Sentia-me, na verdade, espectro amargurado preso pelo horror. Cabelos desarrumados, coração aos pulos, medo terrível tomando conta do meu ser, muitas vezes gritei como louco, implorei piedade e protestei contra o doloroso desânimo que me vencia o espírito; mas quando não era o silêncio cruel que engolia minha voz, gemidos mais tristes que os meus respondiam aos meus chamados. Outras vezes, gargalhadas sinistras interrompiam o silêncio do lugar. Algum companheiro desconhecido enlouquecido, pensava eu. Formas diabólicas, rostos abestalhados, expressões animalescas surgiam, de vez em quando, agravando meu medo. A paisagem, quando não estava totalmente escura, parecia envolvida em luz esbranquiçada, como um cadáver vestido de pesada neblina, que os raios de Sol aquecessem de muito longe.

E a estranha viagem prosseguia... Com que finalidade? Quem poderia responder? Só sabia que fugia o tempo todo... O medo me levava aos trancos e barrancos. Onde estavam o lar, a esposa, os filhos? Tinha perdido totalmente a noção de direção. O medo do desconhecido e da escuridão me anularam toda capacidade de pensar, assim que rompi os últimos laços com o corpo físico, que já estava enterrado.

Minha consciência estava atormentada: preferiria ter perdido totalmente a razão, o não-ser.

No começo, chorava sem parar e só em raros momentos conseguia a felicidade de dormir. Mas a sensação de alívio logo era interrompida. Seres monstruosos me acordavam com ironia; tinha que fugir deles.

Percebia agora que lugar estranho era aquele que surgia numa nuvem de poeira do mundo e, no entanto, já era tarde. Pensamentos de angústia perturbavam meu cérebro. Mal planejava uma saída e vários incidentes me levavam a conclusões confusas. Em nenhum momento a questão religiosa pareceu tão profunda para mim.

Os princípios meramente filosóficos, políticos e científicos agora me pareciam extremamente sem importância para a vida humana. No meu entender, representavam algo importante no mundo físico, mas era necessário reconhecer que a humanidade não se constitui de gerações passageiras e sim de espíritos eternos, a caminho de um destino glorioso. Percebia que alguma coisa permanece acima de toda teoria meramente intelectual. É a fé, manifestação de Deus para o homem. No entanto, chegava muito tarde a essa conclusão. De fato, conhecia os textos do Antigo Testamento e muitas vezes havia folheado o Evangelho; entretanto, era forçado a reconhecer que nunca tinha me interessado realmente pelos textos sagrados. Procurava a opinião de escritores não muito voltados para o sentimento e a consciência, ou discordando completamente das verdades essenciais. Em outras ocasiões, procurava as interpretações religiosas, sem nunca vencer as contradições com que tinha me acomodado.

Na verdade, no meu conceito, não tinha sido um criminoso. Mas o imediatismo tinha me vencido. Minha vida física, transformada pela morte, não tinha sido marcada por fatos diferentes do padrão comum.

Filho de pais talvez generosos demais, consegui meus diplomas superiores sem muito sacrifício, compartilhei dos vícios da juventude da minha época, formei um lar, tive filhos, procurei estabilidade para garantir a tranquilidade econômica de minha família, mas, pondo a mão na consciência, que me acusava silenciosamente, alguma coisa me dava a sensação de tempo perdido. Tinha vivido na Terra, usufruído seus bens, aproveitado as bênçãos da vida, mas não tinha quitado completamente o débito enorme.

Tive pais generosos e dedicados que nunca soube valorizar; preni esposa e filhos com egoísmo feroz e destruidor. Tive um lar que fechei a todas as pessoas que se encontravam em dificuldades. Aproveitei as alegrias da família, esquecendo de dividir essa bênção com o resto da humanidade, permanecendo indiferente aos mais básicos deveres de fraternidade.

No fim, como uma flor criada em estufa, não conseguia encarar a realidade eterna. Não havia desenvolvido os potenciais que Deus havia me dado. Sufoquei tudo, criminosamente, pensando só no meu bem estar. Não me preparei para a nova vida. Por isso era justo que me sentisse como um aleijado que fosse obrigado a caminhar para continuar viagem; ou como pobre mendigo que, cansado no deserto, caminha sem destino, empurrado por ventos fortes.

Ah, amigos da Terra, quantos de vocês podem evitar essa angústia, preparando o próprio coração... Acendam suas luzes interiores antes de passar pela morte. Busquem a verdade antes que a verdade chegue de surpresa. Suem agora para não chorar depois.

2 CLARÊNCIO

“Suicida! Suicida! Criminoso! Infame!” – gritos como estes me cercavam de todos os lados. Onde estavam esses mercenários insensíveis? Algumas vezes, eu os via de relance, deslizando na escuridão, e, no auge do desespero, eu os atacava, indo ao limite de minhas forças. No entanto, em vão eu esmurrava o ar com toda minha raiva. Escutava gargalhadas sarcásticas, enquanto os vultos escuros desapareciam nas sombras.

Para quem apelar? A fome me torturava, a sede me escaldava. Os fenômenos mais banais da vida física apresentavam-se claros aos meus olhos. A barba havia crescido, a roupa começava a se rasgar com os meus esforços naquela região estranha. O mais doloroso, no entanto, não era o terrível abandono em que me sentia, mas o assédio constante de forças perversas que me atacavam de repente nos caminhos desertos e escuros. Irritavam-me, aniquilavam-me a capacidade de ordenar idéias. Queria pensar com maturidade sobre a situação, procurar razões e estabelecer novas diretrizes para o pensamento, mas aquelas vozes, aqueles lamentos misturados com acusações pessoais, deixavam-me completamente desnorreado.

- O que vc está procurando, infeliz! Aonde vai, suicida?

Críticas como essas, repetidas sem parar, perturbavam meu coração. Infeliz, sim; mas suicida? – nunca! Essas acusações, no meu entender, não eram verdadeiras. Eu tinha deixado o corpo físico contra a minha vontade. Lembrava de minha luta obstinada com a morte. Parecia que ainda ouvia os últimos pareceres médicos na Casa de Saúde; lembrava a assistência dedicada que tinha recebido, os curativos dolorosos que havia enfrentado durante o longo período após a delicada cirurgia dos intestinos. Enquanto recuperava essas lembranças, sentia o contato do termômetro, a picada desagradável das injeções e, finalmente, revia a última cena antes da morte: minha esposa, ainda jovem, e os três filhos me olhando, no desespero da separação final. Depois... acordar na paisagem úmida e escura e a grande caminhada que parecia interminável.

Por que o rótulo de suicida, quando tinha sido obrigado a abandonar a casa, a família e o convívio agradável com as pessoas queridas? Até o homem mais forte tem limites para a resistência emocional. Firme e decidido no início, comecei a me entregar a longos períodos de desânimo, e, longe de manter a firmeza moral, por não saber o que me aconteceria, senti que o choro, por tanto tempo contido, irrompia com mais frequência, aliviando o coração.

A quem recorrer? Por maior que fosse a cultura intelectual trazida do mundo, não poderia mudar agora a realidade da vida. Meus conhecimentos, perante o infinito, pareciam bolhas de sabão carregadas pelo vento forte que transforma as paisagens. Eu era alguma coisa que o tufão da verdade arrastava para muito longe. Entretanto, a situação não modificava a minha outra realidade íntima. Perguntando a mim mesmo se não tinha enlouquecido, percebia a consciência vigilante, me mostrando que eu continuava a ser eu mesmo, com o sentimento e a cultura alcançados durante a vida física. As necessidades fisiológicas continuavam, sem modificação. A fome me castigava por inteiro e, ainda assim, o abatimento progressivo não me fazia cair completamente exausto. De vez em quando, eu via verduras, que me pareciam agrestes, em torno de humildes filetes d'água onde eu me atirava cheio de sede. Devorava as folhas estranhas, colava a boca ao fio de água turva, enquanto eu ainda podia lutar contra as forças irresistíveis que me empurravam para frente. Muitas vezes suguei a lama da estrada, lembrando do antigo pão de cada dia e chorando copiosamente. Com frequência, precisava me esconder das manadas enormes de seres animais que passavam em bando, como se fossem feras insaciáveis. Eram cenas estarrecedoras! O desalento se agrava. Foi quando comecei a me lembrar de que deveria existir um Autor da Vida, onde quer que fosse.

Essa idéia me aliviou. Eu, que tinha detestado as religiões do mundo, experimentava agora a necessidade de conforto místico. Médico extremamente apegado

ao negativismo da minha geração, sentia que uma atitude renovadora se impunha. Era necessário reconhecer a falência do amor próprio, ao qual tinha me dedicado com orgulho.

E, quando todas as minhas energias se acabaram, quando me senti absolutamente jogado no lodo da Terra, sem forças para me levantar novamente, pedi a Deus que me estendesse suas mãos de Pai, numa emergência tão amarga.

Quanto tempo durou a rogativa? Quantas horas fiquei de mãos postas suplicando, como uma criança aflita? Só sei que o choro farto me lavou o rosto; que todos os meus sentimentos se concentraram na prece dolorosa. Será que eu estava completamente esquecido? Não era, como os outros, filho de Deus, embora não tivesse pensado em conhecer Suas leis quando encarnado? Por que Deus não me perdoaria, quando providenciava ninho para as aves inconscientes, e protegia, com bondade, a flor nova nos campos?

Ah! É preciso ter sofrido muito para entender as belezas misteriosas da oração; é necessário ter conhecido o remorso, a humilhação, a extrema falta de alegria, para aceitar, de coração, o socorro da esperança. Foi nesse instante que as neblinas grossas se desmancharam e alguém apareceu como um mensageiro dos Céus. Um velhinho simpático sorriu para mim como um pai. Inclinou-se, olhou pra mim fixamente com seus olhos lúcidos e falou:

- Coragem, meu filho! O senhor não desampara você.

Um choro cheio de amargura me aliviava a alma toda. Emocionado, quis falar da minha alegria, comentar o consolo que chegava para mim, mas reunindo todas as forças que me restavam, pude apenas perguntar:

- Quem é você, generoso mensageiro de Deus?

O benfeitor inesperado sorriu com bondade e respondeu:

- Meu nome é Clarêncio e sou apenas seu irmão.

E notando que eu estava esgotado, acrescentou:

- Fique calmo e em silêncio agora. Você precisa descansar para recuperar as energias.

Em seguida, chamou dois companheiros que aguardavam com respeito e atenção, e disse:

- Vamos dar ao nosso amigo os socorros de emergência.

Lençol muito branco foi estendido ali mesmo como maca improvisada, enquanto os dois assistentes se dispunham a me transportar carinhosamente.

Quando me levantavam com cuidado, Clarêncio pensou um pouco e pediu, como se se lembrasse de compromisso inadiável:

- Vamos depressa. Preciso chegar a “Nosso Lar” o mais rápido possível.

3 A ORAÇÃO COLETIVA

Apesar de transportado como um ferido comum, pude notar a imagem reconfortante que surgia à minha frente.

Clarêncio, que se apoiava num cajado feito de luz, parou em frente a uma grande porta localizada entre muros altos, cobertos de trepadeiras floridas e graciosas. Apalpando um ponto no muro, uma grande passagem se abriu, por onde entramos em silêncio.

Uma suave claridade cobria todas as coisas. A alguma distância, bonito foco de luz dava a sensação de um pôr de sol de primavera. À medida que íamos adiante, conseguia identificar construções muito bonitas, situadas em grandes jardins.

Ao sinal de Clarêncio, os assistentes apoiaram devagar a maca improvisada. Na minha frente surgiu, então, a porta simpática de um prédio muito branco, parecido com um grande hospital da Terra. Dois jovens, usando túnicas muito brancas de linho, atenderam atenciosos o chamado do meu benfeitor, e, quando me acomodavam num leito de emergência, para, com cuidado, me levarem para dentro, ouvi o bondoso senhor recomendar, carinhoso:

- Coloquem nosso protegido no pavilhão da direita. Agora tenho pessoas esperando por mim. Amanhã volto para vê-lo.

Olhei para ele com gratidão, ao mesmo tempo que era levado para um amplo e confortável aposento, muito bem decorado, onde me deram um leito confortável.

Envolvendo os dois enfermeiros nas minhas vibrações de gratidão, tentei falar com eles, conseguindo dizer:

- Amigos, por favor, me expliquem que mundo novo é esse onde estou... De que estrela vem agora esta luz agradável e brilhante?

Um deles passou a mão pela minha testa, como se fosse conhecido pessoal de muito tempo, e me disse:

- Estamos nos planos espirituais próximos da Terra, e o Sol que nos ilumina, neste momento, é o mesmo que energizava o nosso corpo físico. Aqui, entretanto, nossa visão é muito mais rica. A estrela que Deus acendeu para nossos trabalhos terrestres é mais preciosa e bela do que supomos quando estamos encarnados. Nosso Sol é a fonte divina da vida, e a claridade que irradia e mana de Deus.

Meu ego, envolvido em profundo respeito, fixou a luz suave que entrava no quarto pelas janelas, e me perdi em pensamentos profundos. Lembrei, então, que nunca tinha prestado atenção ao Sol nos dias de vida na Terra, pensando na bondade sem tamanho dAquele que o dá para nós todos pela eternidade. Eu parecia, assim, um cego abençoado que abre os olhos para a sublime natureza, depois de longos séculos de escuridão.

A essa altura, me serviram uma boa sopa e, em seguida, água fresca, que me pareceu cheia de fluidos espirituais. Aquele pouco de água, de repente, me deu novas forças. Não sei dizer que tipo de sopa era aquela; se alimento sedativo, se remédio salutar. Novas energias me sustentavam a alma, profundos sentimentos vibravam em meu espírito.

No entanto, minha maior emoção ainda estava por vir.

Mal acabava de me recuperar da bela surpresa, uma música divina entrou pelo quarto, como se fossem sons a caminho do céu. Aquelas notas de harmonia maravilhosa atravessaram meu coração. Vendo meu olhar de interrogação, o enfermeiro, que estava ao meu lado, explicou com carinho:

- Está na hora do entardecer em “Nosso Lar”. Em todos os centros desta colônia de trabalho, dedicada a Jesus, existe uma ligação direta com as preces da Governadoria.

E enquanto a música envolvia o ambiente em boas vibrações, despediu-se atencioso:

- Agora fique em paz. Volto logo depois da oração.

Uma vontade repentina me animou.

- Será que eu não poderia acompanhar você? – perguntei ansioso.
- Você ainda está fraco, – esclareceu com gentileza – mas se estiver se sentindo disposto...

Aquela melodia me renovava as energias. Com muito esforço me levantei e me apoiei no braço que o companheiro me estendia. Seguindo vacilante, cheguei a um salão enorme, onde uma platéia numerosa meditava em silêncio, em atitude interior. Na abóbada cheia de luz brilhante, estavam penduradas guirlandas delicadas de flor, quem iam do teto ao chão, formando bonitos símbolos de espiritualidade superior. Ninguém parecia notar a minha presença, enquanto eu mal conseguia esconder minha grande surpresa. Todos os presentes, atentos, pareciam estar esperando alguma coisa. Contendo, com dificuldade, as várias perguntas que ferviam em minha mente, notei que, ao fundo, em tela gigantesca, estava desenhado maravilhoso quadro de luz deslumbrante. Através de adiantados processo de TV, surgiu um templo magnífico. Sentado em lugar de destaque, um ancião coroado de luz, em prece, usando uma túnica branca de irradiações brilhantes. Mais abaixo, 72 pessoas o acompanhavam respeitosamente em silêncio. Muito surpreso, reparei que Clarêncio participava da assembléia, entre os que cercavam o velhinho brilhante.

Apertei o braço do amigo enfermeiro e, percebendo que eu não aguentaria até mais tarde para fazer minhas perguntas, explicou em voz baixa, quase num sussuro:

- Fique tranquilo. Todas as casas e instituições de “Nosso Lar” estão em prece com o Governador, pela audição e visão à distância. Louvemos a Deus.

Mal terminou a explicação, as 72 pessoas começaram a cantar um hino harmonioso, cheio de beleza inexplicável. O rosto de Clarêncio, no círculo dos elevados companheiros, me pareceu tocado de luz mais intensa. O canto celeste era de notas angelicais, de elevado reconhecimento. Pairavam no salão vibrações misteriosas de paz e alegria e, quando as notas finas fizeram maravilhoso *staccato*, num plano elevado mais distante se desenhou um coração de azul maravilhoso, com sulcos dourados. Em seguida, música suave respondia aos louvores, vinda talvez de planos distantes. Foi aí que uma intensa chuva de flores azuis caiu sobre nós; mas, se tentávamos pegar os miosótis celestiais, não conseguíamos mantê-los nas mãos. As pétalas muito pequenas se desfaziam de leve ao tocar nossa testa, de forma que eu sentia uma renovação diferente de energias, assim que as flores fluidicas me tocavam e aliviavam meu coração

Assim que a prece terminou, voltei ao quarto do hospital, ajudado pelo amigo que me atendia mais diretamente. Entretanto, não estava mais tão doente quanto a algumas horas. A primeira prece coletiva em “Nosso Lar” havia provocado uma completa transformação em mim. Um inesperado conforto envolvia minha alma. Pela primeira vez, depois de anos seguidos de sofrimento, o pobre coração, atormentado e cheio de saudade, como uma taça que está vazia há muito tempo, tinha se enchido de novo com as gotas generosas do licor da esperança.

(1) - Imagem simbólica formada pelas vibrações mentais dos habitantes da colônia. – Nota de André Luiz

4

O MÉDICO ESPIRITUAL

No dia seguinte, depois de descansar bastante, aproveitei a bênção radiante do Sol, como se fosse uma suave mensagem para o coração. Uma bela claridade atravessava a grande janela, enchendo o quarto de uma luz gostosa. Estava me sentindo outro. Novas energias preenchiam meu íntimo. Tinha a impressão de beber a alegria da vida em grandes goles. Na alma, apenas uma ponta de sombra – a saudade de casa, o apego à família que tinha ficado distante. Várias perguntas rodavam na minha cabeça, mas a sensação de alívio era tão grande que eu sossegava o espírito, longe de qualquer questionamento.

Quis me levantar, aproveitar o espetáculo da natureza cheia de brisas e de luz, mas não consegui e concluí que, sem a ajuda energética do enfermeiro, era impossível para mim sair da cama.

Ainda não tinha voltado a mim das seguidas surpresas, quando a porta se abriu e vi Clarêncio entrar acompanhado de um simpático desconhecido. Eles me cumprimentaram atenciosos, me desejando paz. Meu benfeitor do dia anterior perguntou do meu estado geral. O enfermeiro atendeu, dando informações.

Sorridente, o velhinho amigo me apresentou o companheiro. Tratava-se, disse, do irmão Henrique de Luna, do Serviço de Assistência Médica da colônia espiritual. Vestido de branco, fisionomia irradiando uma simpatia enorme, Henrique me auscultou sem pressa, sorriu e explicou:

- É uma pena que tenha vindo por suicídio.

Enquanto Clarêncio continuava calmo, senti que um ataque de revolta fervia em meu íntimo.

Suicídio? Lembrei das acusações do seres perversos das sombras. Apesar da grande gratidão que já começava a sentir, não consegui calar à acusação.

- Acho que há um engano – afirmei, ofendido - meu retorno do mundo não foi por causa disso. Lutei mais de 40 dias, na Casa de Saúde, tentando vencer a morte. Fiz duas cirurgias graves, por causa de oclusão intestinal...

- Sim – esclareceu o médico, demonstrando a mesma calma superior - mas a oclusão tinha causas profundas. Talvez você não tenha analisado bem. O organismo espiritual tem, em si mesmo, a história completa dos atos praticados no mundo.

E inclinando-se atencioso, apontava determinados pontos do meu corpo:

- Vejamos a região intestinal – exclamou. – A oclusão era derivada de focos de câncer e estes, por sua vez, eram derivados de suas leviandades em relação à sífilis. A doença talvez não se tornasse tão grave se o seu comportamento mental no mundo estivesse dentro de princípios de fraternidade e auto-controle. Entretanto, seu modo especial de conviver, muitas vezes exasperado e sombrio, captava vibrações destruidoras daqueles que o ouviam. Nunca imaginou que a cólera fosse fonte de forças negativas para nós mesmos? A falta de auto-controle, a falta de atenção no trato com os outros, aos quais muitas vezes você ofendeu sem pensar, conduziam-no, com frequência, a estados doentios e inferiores. Essa circunstância agravou muito seu estado físico.

Depois de longa pausa, em que me examinava atentamente, continuou:

- Já notou, meu amigo, que seu fígado foi maltratado por suas próprias atitudes; que os rins foram esquecidos, com grande descaso pelas dádivas divinas?

- Os órgãos do corpo físico possuem reservas incalculáveis, de acordo com a determinações de Deus. Você, no entanto, ignorou excelentes oportunidades, desperdiçando patrimônios preciosos da vida física. A longa tarefa que foi confiada a você pelos Espíritos Superiores foi reduzida a meras tentativas de trabalho que não se concretizou. Todo o aparelho gástrico foi destruído com excessos de alimentação e bebidas alcoólicas, aparentemente sem importância. A sífilis consumiu energias essenciais. Como vê, o suicídio é incontestável.

Pensei nos problemas da vida, refletindo nas oportunidades perdidas. Enquanto encarnado, conseguia usar várias máscaras, conforme as situações. Aliás, não poderia supor, em outros tempos, que me pediriam contas de acontecimentos simples, que costumava considerar como fatos sem maior importância. Até então, classificava os erros humanos de acordo com os preceitos da criminologia. Todo acontecimento insignificante, que não constasse dos códigos legais, entraria para a relação de coisas naturais. No entanto, agora me apresentavam outro sistema para verificar os erros cometidos. Não fui julgado por tribunais de tortura, nem por abismos infernais; no entanto, benfeitores sorridentes comentavam minhas fraquezas como quem cuida de uma criança desorientada que está longe dos pais. Aquele interesse espontâneo, no entanto, feria minha vaidade de homem. Se eu fosse torturado por demônios, de tridente nas mãos, talvez não me sentisse tão mal com a derrota. Entretanto, a enorme bondade de Clarêncio, o tom terno do médico, a calma do enfermeiro, penetravam fundo em meu espírito. Eu não tinha vontade de reagir; o que me doía era a vergonha. E chorei. Com o rosto entre as mãos, como menino mimado infeliz, comecei a soluçar com a dor que me parecia irremediável. Não tinha como discordar. Henrique de Luna falava com muita razão. Por fim, engolindo a vaidade, reconheci a extensão de minhas leviandades de outros tempos. A falsa noção de dignidade pessoal dava lugar à justiça. Para a minha visão espiritual só existia agora uma realidade que me torturava: eu realmente era um suicida, tinha perdido a oportunidade preciosa da encarnação, não passava de um naufrago que alguém recolhia por caridade.

Foi então que o bondoso Clarêncio, sentando-se ao meu lado na cama, acariciou meu cabelo como um pai e falou comovido:

- Ah, meu filho, não se lastime tanto. Eu o procurei, atendendo os pedidos dos que o amam, dos planos mais altos. Suas lágrimas mancham seus corações. Você não deseja ser grato, mantendo a tranquilidade ao examinar os próprios erros? Na verdade, sua situação é a de um suicida inconsciente; mas é necessário reconhecer que centenas de criaturas deixam o mundo diariamente, nas mesmas condições. Acalme-se, portanto. Aproveite as vantagens do arrependimento, guarde a bênção do remorso, ainda que tardio, sem esquecer que a aflição não resolve problemas. Confie em Deus e em nossa dedicação fraterna. Sossegue a alma perturbada, porque muitos de nós já andamos nos mesmos caminhos que você.

5

RECEBENDO ASSISTÊNCIA

- É você o protegido de Clarêncio?

A pergunta vinha de um jovem de expressão doce e especial.

Com uma grande mala na mão, como quem carregava instrumentos de assistência, olhava pra mim com um sorriso amigável. Quando fiz que sim com a cabeça, ficou à vontade e, como um irmão, afirmou:

- Eu sou Lísias, seu irmão. Meu diretor, o assistente Henrique de Luna, me designou para atender você, enquanto precisar de tratamento.

- Você é enfermeiro? – perguntei.

- Sou visitador dos serviços de saúde. Nessa função, não só ajudo na enfermagem, como também atendo a necessidades de socorro, ou tomo providências para doentes recém-chegados.

Notando minha surpresa, explicou:

- Há muitos servidores como eu em “Nosso Lar”. Você acabou de chegar à colônia e, naturalmente, não conhece o tamanho dos nossos trabalhos. Para ter uma idéia, basta lembrar que só aqui, na seção em que você está, existem mais de mil doentes espirituais, e veja que este é um dos menores edifícios do nosso parque hospitalar.

- Tudo isso é maravilhoso! – exclamei.

Percebendo que meus comentários iam se transformar em elogios espontâneos, Lísias se levantou da poltrona em que estava sentado e começou a me auscultar atento, não me dando chance de fazer o agradecimento final.

- A zona dos seus intestinos apresenta lesões sérias com claros vestígios do câncer; a região do fígado tem dilacerações; a dos rins dá sinais característicos de esgotamento prematuro. Sorrindo, acrescentou com bondade:

- Você sabe o que isso quer dizer?

- Sim – respondi, - o médico me disse ontem, explicando que devo esses desequilíbrios a mim mesmo...

Notando meu acanhamento com a confissão a contragosto, logo me consolou:

- Na turma de 80 enfermos a que atendo diariamente, 57 estão nas mesmas condições. E você talvez não saiba que existem aqui os mutilados. Já pensou nisso? Você sabe que o homem descuidado, que usou seus olhos para o mal, vem para cá com as órbitas vazias? Que o malfeitor, interessado em usar sua capacidade de andar para a fuga fácil nos crimes, acaba paralítico, quando não é recolhido sem as pernas? Que os perturbados por desequilíbrios sexuais costumam chegar em estado de extrema loucura?

Percebendo minha surpresa natural, continuou:

- “Nosso Lar” não é lugar de espíritos propriamente vitoriosos, se tomarmos o significado literal da palavra. Somos felizes porque temos trabalho; e a alegria está presente em cada canto da colônia, porque Deus não nos deixou sem a bênção do serviço.

Aproveitando a brecha mais longa, exclamei emocionado:

- Continue me esclarecendo, meu amigo. Estou me sentindo mais aliviado e tranquilo. Este não seria um departamento celestial dos eleitos?

Lísias sorriu e explicou:

- Vamos nos lembrar do antigo ensinamento que fala dos muitos chamados e dos poucos escolhidos na Terra.

E deixando o olhar se perder no horizonte distante, como se estivesse procurando a memória de suas próprias experiências mais íntimas, afirmou:

- No planeta, as religiões chamam os homens para o banquete celestial. Em sã consciência, ninguém que tenha chegado mais perto da idéia de Deus, pode alegar ignorância sobre esse assunto. É muito grande o número dos chamados, meu amigo; mas onde estão os que atendem ao chamado? Com raras exceções, a humanidade prefere atender a outro tipo de convites. Perde a possibilidade nos desvios do bem, o capricho de

cada um se agrava, o corpo físico é aniquilado por golpes de irresponsabilidade. Resultado: milhares de criaturas desencarnam em doloroso estado de perturbação. Multidões enormes perambulam em todas as direções nos planos mais próximos da Terra, como se fossem loucos, doentes e ignorantes.

Percebendo minha admiração, me perguntou:

- Você, por acaso, acreditaria que a morte do corpo nos levaria a planos de milagres? Somos forçados a trabalho duro, a serviços pesados e isso não basta. Se temos débitos na Terra, por mais alto que subamos, é absolutamente necessário voltar para corrigir, lavando o rosto no suor do mundo, soltando as algemas de ódio e trocando-as por laços sagrados de amor. Não seria justo impor a outra pessoa a tarefa de limpar o campo em que plantamos espinhos com as próprias mãos.

Balançando a cabeça, acrescentava:

- É esse o caso dos muitos chamados, meu caro. Deus não esquece nenhum homem; pouquíssimos, porém, se lembram dEle.

Envergonhado com a lembrança dos meus próprios erros, diante de noções tão grandes de responsabilidade individual, argumentei:

- Como fui mal!

Mas antes que eu continuasse com outras colocações, o visitante colocou sua mão direita com carinho em minha boca, murmurando:

- Chega! Vamos pensar no trabalho a fazer. Quando nosso arrependimento é sincero, é preciso que saibamos falar para construir de novo.

Em seguida, deu-me passes magnéticos, com atenção. Fazendo curativos na zona intestinal, explicou:

- Você não percebe o tratamento especializado da região cancerosa? Então veja bem: toda medicina praticada com honestidade é serviço de amor, atividade de socorro justo; mas o trabalho de cura é específico de cada espírito. Você será tratado com carinho, vai se sentir forte como nos melhores tempos de juventude do corpo físico, vai trabalhar muito e, acho, será um dos melhores colaboradores em “Nosso Lar”; entretanto, a causa dos seus problemas continuará em você mesmo, até que se livre dos germes que comprometem a saúde divina, que o seu corpo sutil pegou por causa do seu descuido moral e pelo desejo de aproveitar mais que os outros. O corpo físico, onde cometemos abusos, é também o campo bendito onde podemos realizar trabalhos positivos de cura radical, quando permanecemos atentos ao nosso dever justo.

Pensei nos conceitos, pesei a bondade divina e, com a sensibilidade à flor da pele, chorei abertamente.

Lísias, entretanto, terminou o tratamento do dia, com calma, e disse:

- Quando as lágrimas não são fruto da revolta, sempre se transformam em remédio desintoxicante. Chore, meu amigo. Desabafe o coração. E vamos abençoar aquelas benditas estruturas microscópicas que são as células físicas na Terra. Tão humildes e tão preciosas, tão detestadas e tão sublimes pelo espírito de serviço. Sem elas, que nos dão oportunidade para a correção, quantos milênios gastaríamos na ignorância?

Assim falando, afagou carinhosamente minha testa e se despediu com um beijo amoroso.

6 PRECIOSO AVISO

No dia seguinte, depois da prece do pôr-do-sol, Clarêncio veio me ver em companhia de Lísias.

Demonstrando generosidade no rosto, me abraçou e perguntou:

- Como vai? Está melhor?

Ameacei fazer o gesto dos doentes que se vêem alvo de atenção na Terra, fazendo-me de vítima. No mundo, o carinho fraterno, às vezes, é mal interpretado. Assim, mantendo o antigo vício, comecei a me explicar, enquanto os dois bondosos visitantes se sentavam confortavelmente a meu lado:

- Não posso negar que esteja melhor, mas ainda sofro muito. Tenho muitas dores na região dos intestinos, uma angústia estranha no coração. Nunca pensei que tivesse tanta resistência, meu caro! Ah, como tem sido pesada a minha cruz!... Agora que posso raciocinar melhor, percebo que a dor acabou com todas as minhas forças...

Clarêncio ouvia com atenção, demonstrando grande interesse por minhas lamentações, sem dar o menor sinal de querer interferir na conversa. Sentindo-me incentivado com essa atitude, continuei:

- Além do mais, meus sofrimentos morais são enormes e sem descrição. Com o tormento exterior amenizado pelos cuidados recebidos, volto ao meu sofrimento íntimo. O que terá acontecido com minha esposa e meus filhos? Será que o mais velho conseguiu progredir, conforme eu pretendia? E as meninas? Minha pobre Zélia muitas vezes disse que morreria de saudades se um dia eu lhe faltasse. Esposa maravilhosa! Ainda sinto as lágrimas que derramou nos meus últimos momentos. Não sei desde quando vivo o pesadelo da distância... Várias e demoradas feridas me fizeram perder a noção de tempo. Onde estará minha pobre esposa? Chorando perto dos meus restos mortais ou em algum lugar escuro da vida após a morte? Ai, minha dor é amarga demais! Que destino terrível tem o homem dedicado à família! Creio que poucas pessoas já sofreram tanto quanto eu!... Na Terra, contrariedades, desenganos, doenças, incompreensões e amarguras, abafando raros momentos de alegria; depois os sofrimentos da morte física... Em seguida, as dores da vida após a morte! O que é então a vida? Um sequênciã interminável de lágrimas e dores? Não existe lugar para a paz? Por mais que eu queira ser otimista, sinto que a sensação de infelicidade me bloqueia o espírito, como se fosse uma terrível prisão para o coração. Que triste destino, meu bondoso protetor!

A essa altura, a onda de queixas já tinha levado minha mente ao choro farto e solto.

Clarêncio, no entanto, levantou-se calmo e falou com serenidade:

- Meu amigo, você quer mesmo a cura espiritual?

Quando eu disse que sim, ele continuou:

- Aprenda, então, a não falar demais de si mesmo, nem fique comentando os próprios problemas. Reclamações demonstram doença mental de cura demorada e difícil. É indispensável criar pensamentos novos e aprender a controlar a boca. Só conseguiremos equilíbrio se abirmos o coração a Deus. Chamar o esforço necessário de obrigação pesada, enxergar sofrimentos onde há luta positiva, é como identificar indesejável cegueira do espírito. Quanto mais você fizer reclamações dolorosas pessoais, mais duros serão os laços que o prendem às lembranças menos felizes. O mesmo Pai que cuida de você, oferecendo-lhe abrigo e cuidado nesta casa, atenderá aos seus parentes terrestres. Devemos considerar nossa família como uma construção sagrada, mas sem esquecer que nossas famílias físicas são parte da nossa família universal, sob a direção de Deus. Estaremos a seu lado para resolver dificuldades que apareçam e fazer planos para o futuro, mas não temos tempo para ficar remoendo lamentações inúteis. Além disso, nesta colônia temos o compromisso de aceitar o trabalho mais duro como bênção de realização, entendendo que Deus transborda amor, enquanto nós vivemos cheios de dívidas. Se você deseja ficar nesta casa de assistência, aprenda a pensar de forma justa.

Nesse meio tempo, já havia parado de chorar e, tendo sido chamado à atenção pelo instrutor bondoso, assumi uma outra atitude, embora ainda me sentisse muito envergonhado com a minha fraqueza.

- No físico você não buscava – continuou Clarêncio – as vantagens naturais, decorrentes das boas situações? Não gostava de obter recursos lícitos, ansioso por levá-los também aos entes queridos? Não se interessava pelas remunerações justas, pelo conforto, pensando também na família? Aqui o programa não é diferente. O que muda são os detalhes. No mundo material, procuramos as regras sociais e as garantias financeiras; aqui, buscamos o trabalho e as conquistas definitivas do espírito. Dor, para nós, é o mesmo que oportunidade para enriquecer a alma; a luta aqui é o mesmo que caminho para a realização divina. Você entende a diferença? As almas fracas, diante do serviço, deitam-se para se queixar com os que passam. As almas fortes, no entanto, recebem o serviço como bem sagrado, com o qual se preparam para a perfeição. Ninguém condena sua saudade justa, nem pretende secar sua fonte de sentimentos elevados. No entanto, é preciso notar que o choro desesperado não traz nada de bom. Se você ama de verdade a família terrena, é preciso ter bom ânimo para poder ser útil a ela.

Uma longa pausa se fez. A palavra de Clarêncio me levava a ter pensamentos mais sadios.

Enquanto eu pensava no valor da sábia advertência, meu protetor, como se fosse um pai que esquece as malcriações dos filhos para recomençar a lição com toda paciência, voltou a me perguntar com um belo sorriso:

- E então, como vai? Está melhor?

Contente por ter sido desculpado, como se fosse uma criança que quer aprender, respondi satisfeito:

- Estou bem melhor, para poder compreender melhor a vontade de Deus.

7 EXPLICAÇÕES DE LÍSIAS

Continuei e a receber as visitas regulares de Clarêncio e a atenção de Lísias.

À medida que procurava me acostumar com as novas obrigações, sentia meu coração aliviado. As dores e as dificuldades para andar diminuíram. No entanto, percebia que as recordações mais fortes das sensações físicas faziam voltar minha angústia, o medo do desconhecido, a mágoa pela falta de adaptação. Apesar de tudo, sentia mais segurança dentro de mim.

Sentia prazer agora em observar os vastos horizontes, debruçado nas janelas espaçosas. O que mais me impressionava eram os aspectos das natureza. Quase tudo me parecia uma cópia melhorada do que havia na Terra. Cores mais harmônicas, substâncias mais delicadas. O solo estava forrado de vegetação. Grandes árvores, pomares fartos e jardins deliciosos. Ao lado do terreno plano onde estava localizada a colônia, havia montanhas iluminadas. Todos os departamentos estavam cultivados com capricho. Não muito longe, viam-se graciosos edifícios, construídos a espaços regulares, com as mais diversas aparências, todos com flores na entrada. Algumas casas encantadoras, cercadas por muros de hera (1), destacavam-se com rosas diferentes desabrochando espalhadas, enfeitando o verde com as mais variadas cores e tonalidades. Aves de penas multicoloridas passavam no céu e, de vez em quando, pousavam em grupo nas torres brancas que se erguiam retas em direção ao céu, como se fossem lírios gigantes.

Das janelas largas, observava com curiosidade o movimento do parque. Muito surpreso, percebia animais domésticos entre as grandes árvores enfileiradas ao fundo.

Nas minhas lutas interiores, perdia-me em todo tipo de questionamentos. Não conseguia entender a variedade de formas parecidas com as do mundo físico, considerando que estava num plano espiritual.

Lísias, o companheiro atencioso de todos os dias, não economizava explicações.

Ele dizia que a morte do corpo físico não leva ninguém ao paraíso. Todo processo evolutivo se dá em vários graus. Há muitos planos para os desencarnados, assim como existem vários e surpreendentes planos para as pessoas encarnadas mais desenvolvidas. Almas e sentimentos, formas e coisas, tudo obedece a uma ordem natural de desenvolvimento e hierarquia.

No entanto, estava preocupado de estar ali, numa casa de saúde, há muitas semanas, sem receber a visita de algum conhecido do tempo de encarnado. Afinal, eu não havia sido o único dos meus conhecidos a passar pela experiência da morte física. Meus pais tinham vindo antes de mim. Vários amigos também tinham desencarnado antes de mim. Por que, então, não vinham àquele quarto de hospital espiritual, para alegria do meu coração? Seriam suficientes apenas alguns minutos de atenção e companhia.

Uma dia não agêntei e perguntei ao visitador atencioso:

- Lísias, você acha possível encontrarmos aqui as pessoas que desencarnaram antes de nós?

- Por que não? Vc pensa que esqueceram de você?

- Penso sim. Por que eles não vêm me visitar? Na Terra sempre pude contar com a dedicação da minha mãe. No entanto, até agora não tive qualquer sinal de vida dela. Meu pai também m desencarnou, três anos antes de mim.

- Então observe – explicou Lísias - que sua mãe tem ajudado você dia e noite desde a crise que causou sua morte. Quando sua doença piorou e sua morte era já previsível, o interesse de sua mãe se desdobrou. Você talvez ainda não saiba que ficou mais de oito anos seguidos nos planos inferiores. E ela nunca desanimou. Pediu por você em “Nosso Lar” muitas vezes. Pediu a ajuda de Clarêncio, que começou a visitá-lo sempre, até que o médico encarnado que você era, vaidoso, se afastasse um pouco, para que surgisse o filho de Deus dentro de você. Entende?

Eu estava com os olhos úmidos. Não sabia há quantos anos estava desencarnado. Quis saber como funcionavam os processos de proteção invisível, mas não consegui. Minha voz estava embargada pelo nó de lágrimas guardadas no coração.

- No dia em que você orou com sinceridade, – continuou o enfermeiro – quando compreendeu que tudo no universo pertence a Deus, seu pranto se transformou. Você não sabe que há chuvas que destroem e chuvas que criam? Com as lágrimas é a mesma coisa. É lógico que Deus não espera pelas nossas preces para nos amar. No entanto, é indispensável que estejamos receptivos para que possamos compreender sua infinita bondade. Um espelho embaçado não reflete a luz. Deus não precisa das nossas penitências, mas você há de concordar comigo que as penitências nos ajudam muito. Entendeu agora? Clarêncio não teve dificuldade em localizá-lo, atendendo aos pedidos de sua mãe terrena, mas você demorou muito para encontrar Clarêncio. E quando sua mãe soube que o filho tinha vencido o orgulho com a ajuda da oração, chorou de alegria, segundo o que me contaram...

- E onde está minha mãe? – exclamei. Se me for permitido, gostaria de vê-la, abraçá-la, ajoelhar-me a seus pés!

- Não vive aqui em Nosso Lar – explicou Lísias. Está em planos mais altos, onde não trabalha só por você.

Vendo minha decepção, acrescentou com carinho:

- Ela virá ver você antes do que pensa. Quando alguém quer muito alguma coisa, já está a caminho da concretização. E o seu caso é um bom exemplo disso. Durante anos vc vacilou, alimentando o medo, as tristezas e as decepções. Mas, quando concentrou-se com firmeza na necessidade de receber a ajuda de Deus, ampliou o padrão vibratório da própria mente e conseguiu vi sualizar a ajuda.

Com os olhos brilhantes e reanimado com as explicações recebidas, disse decidido:

- Vou desejar, então, com todas as minhas forças... ela virá... ela virá...

Lísias sorriu com inteligência e, como quem avisa com generosidade, disse, quando se despediu:

- Só não podemos esquecer que as realizações mais elevadas exigem três requisitos fundamentais: primeiro, desejar. Segundo, saber desejar. E terceiro, merecer o que se deseja. Ou seja, vontade atuante, trabalho persistente e merecimento justo.

O enfermeiro saiu pela porta sorrindo, enquanto eu permanecia em silêncio, pensando no tamanho do programa que ele tinha traçado em tão poucas palavras.

(1) No original, a palavra está sem a letra "H" no início, mas, segundo o Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda, o nome da planta a que André Luiz se refere deve começar com a letra "H". Por isso, foi feita a correção ortográfica. – Nota da autora.

8 ORGANIZAÇÃO DE SERVIÇOS

Depois de algumas semanas de tratamento intensivo, saí com Lísias pela primeira vez.

Fiquei impressionado com o espetáculo das ruas. Avenidas largas, enfeitadas com grandes árvores. Ar puro, ambiente de profunda tranquilidade espiritual. No entanto, não se via qualquer sinal de inatividade ou preguiça, porque as ruas estavam cheias de gente. Vários espíritos iam e vinham. Alguns pareciam estar concentrados em alguma coisa longe dali, mas outros me olhavam com carinho. E o companheiro ia me orientando à medida que as surpresas surgiam, uma atrás da outra. Percebendo meus pensamentos, explicou atencioso:

- Estamos na área do Ministério do Auxílio. Tudo o que vemos, como edifícios e casas residenciais, são instituições e abrigos adequados à tarefa de nossa jurisdição. Orientadores, operários e outros colaboradores da missão moram aqui. Nesta zona, atendemos doentes, ouvimos pedidos, selecionamos preces, preparamos reencarnações na Terra, organizamos turmas de socorro aos habitantes do Umbral ou aos que choram no plano físico, estudamos soluções para todos os processos de sofrimento.

- Quer dizer, então, que em “Nosso Lar” existe um Ministério do Auxílio? – perguntei.

- Claro! Nossos serviços estão organizados numa estrutura que se aperfeiçoa a cada dia, sob a orientação dos que nos lideram e orientam.

Olhando-me com atenção, continuou:

- Você não viu nosso Governador Espiritual cercado de 72 colaboradores na hora da prece? Aqueles são os Ministros de “Nosso Lar”. A colônia, que é essencialmente de trabalho e realização, divide-se em seis Ministérios, cada um deles orientado por 12 Ministros. Temos os Ministérios da Regeneração, do Auxílio, da Comunicação, do Esclarecimento, da Elevação e da União Divina. Os quatro primeiros fazem a ponte entre nós e os planos terrenos, e os dois últimos nos ligam aos planos mais elevados, já que a nossa cidade espiritual é um local de transição. Os serviços mais grosseiros estão no Ministério da Regeneração e os mais sutis estão no Ministério da União Divina. Clarêncio, o nosso chefe amigo, é um dos Ministros do Auxílio.

Aproveitando a pausa, afirmei comovido:

- Nossa! Nunca imaginei que pudessem existir organizações tão completas na vida após a morte!...

- Sim, - explicou Lísias - o véu da ilusão é muito pesado no mundo físico. O homem comum não sabe que tudo o que se conhece sobre ordem no mundo começa nos planos superiores. A natureza rústica transforma-se em jardim, quando orientada pela mente do homem. E o pensamento selvagem do homem primitivo transforma-se em força criadora, quando inspirado pelas mentes que atuam nos planos mais altos. Nenhuma organização útil se torna realidade na Terra sem que suas sementes venham antes dos planos mais elevados.

- Mas “Nosso Lar” também tem uma história, como as grandes cidades da Terra?

- Sem dúvida. Os planos mais próximos do planeta também possuem características específicas. “Nosso Lar” é uma antiga fundação de nobres espíritos portugueses, desencarnados no Brasil no séc. XVI. Segundo consta em nossos arquivos no Ministério do Esclarecimento, a luta foi muito grande no começo. Há emanações pesadas nas áreas invisíveis do planeta, assim como no plano físico. Aqui também existem áreas enormes de energias mais pesadas, como na Terra existem grandes áreas onde a natureza é mais rude e selvagem. Os trabalhos iniciais foram desanimadores, mesmo para os espíritos mais fortes. Onde hoje temos vibrações mais sutis e edifícios mais delicados, misturavam-se as emanações primitivas dos índios nativos do país e as construções simples de suas mentes rudimentares. Mas os fundadores não desanimaram. Prosseguiram com a obra, imitando o esforço dos europeus encarnados

que chegavam ao país. A única diferença é que, no físico, usavam a violência, a guerra, a escravidão, e aqui valiam-se do serviço perseverante, da solidariedade fraterna e do amor espiritual.

Nesse momento, chegamos a uma praça muito bem desenhada, com vastos jardins. No centro da praça, havia um palácio de grande beleza, com torres majestosas e muito altas.

- Os fundadores da colônia começaram o trabalho saindo daqui, onde se localiza a Governadoria – disse o enfermeiro.

Apontando o palácio, continuou:

- Nesta praça, temos o ponto de encontro de todos os outros seis Ministérios de que falei. Todos nascem na Governadoria e se estendem em forma de triângulo.

E comentou com respeito:

- Ali vive o nosso dedicado orientador. Para os trabalhos administrativos, ele conta com a colaboração de 3 mil funcionários. Entretanto, é ele quem mais trabalha sem se cansar, com mais fidelidade que todos nós juntos. Os Ministros costumam passear por outros planos, renovando energias e conhecimentos. Nós temos acesso a vários entrenimentos habituais. Mas o Governador nunca tem tempo para isso. Faz questão de que descansemos, obriga-nos a férias regulares, mas ele mesmo quase nunca descansa, inclusive no que diz respeito às horas de sono. Acho que sua satisfação é o eterno trabalho. Basta lembrar que estou aqui há 40 anos e, com exceção das preces coletivas, raramente o vejo nas festas públicas. No entanto, seu pensamento alcança todos as áreas de serviço e sua assistência carinhosa envolve a tudo e a todos.

Depois de uma longa pausa, o enfermeiro amigo destacou:

- Não faz muito tempo, comemoramos 114 anos de sua bondosa direção.

Lísias havia se calado comovido e compenetrado, enquanto eu ficava a seu lado olhando, com respeito e encanto, as torres maravilhosas que pareciam cortar o céu.

9

PROBLEMA DE ALIMENTAÇÃO

Encantado com a visão dos magníficos jardins, pedi ao atencioso enfermeiro para descansar um pouco num banco ali perto. Lísias concordou com satisfação.

Uma sensação agradável de paz me envolvia o espírito. Bonitos chafarizes de água colorida lançavam jatos no ar, formando bonitas figuras.

- Quem presta atenção nesta imensa comunidade de serviço – argumentei – é levado a considerar vários aspectos. E o abastecimento? Nunca ouvi falar de um Ministério da Economia...

- Antigamente – explicou Lísias pacientemente – os serviços desse tipo tinham mais destaque. No entanto, o atual Governador decidiu diminuir a atenção a tudo o que nos lembrasse as sensações puramente físicas. Assim, as atividades de abastecimento ficaram reduzidas a mero serviço de distribuição, sob a coordenação direta da Governadoria.

- Aliás, essa medida foi das mais positivas. Segundo consta nos arquivos, há um século a colônia tinha muita dificuldade para adaptar os habitantes a costumes mais simples. Muitos dos recém-chegados se desdobravam em exigências. Queriam mesas fartas e bebidas excitantes, dando continuidade a velhos vícios terrenos. Apenas o Ministério da União Divina ficou livre desses abusos, por suas próprias características. No entanto, os outros viviam sobrecarregados de pesados problemas desse tipo.

- Mesmo assim, o atual Governador não poupou esforços. Assim que assumiu o cargo, tomou providências adequadas. Antigos missionários daqui me puseram a par de acontecimentos interessantes. Disseram-me que, a pedido da Governadoria, 200 instrutores vieram de um plano muito elevado para divulgar novos conhecimentos a respeito da respiração e da absorção de princípios vitais da atmosfera. Foram feitas muitas reuniões.

- Alguns técnicos de “Nosso Lar” colocaram-se contra a medida, alegando que a cidade é local de transição e que não seria justo, nem possível, querer desligar imediatamente os desencarnados, por meio de métodos drásticos, sem que se colocasse em risco sua integridade espiritual. No entanto, o Governador não desanimou. As reuniões, providências e atividades continuaram por 30 anos seguidos. Alguns espíritos de destaque chegaram a fazer protestos de caráter público, reclamando.

- Mais de dez vezes o Ministério do Auxílio esteve superlotado de espíritos que se diziam doentes, vítimas do novo sistema de alimentação insuficiente. Nesses períodos, os opositores da medida multiplicaram as acusações. O Governador, no entanto, nunca puniu ninguém. Convocava os adversários da medida para irem ao palácio e explicava-lhes, como um pai, os projetos e finalidades do novo regime. Chamava-lhes a atenção para a superioridade dos métodos de espiritualização, promovia excursões de estudo a planos mais elevados para os mais rebeldes opositores da medida, ganhando, assim, mais e mais simpatizantes.

Aproveitando a pausa mais longa, pedi interessado:

- Continue, por favor, Lísias. Como terminou a luta edificante?

- Depois de 21 anos de insistentes demonstrações do Governador, o Ministério da Elevação aderiu à medida, passando a se abastecer somente do indispensável. Já o Ministério do Esclarecimento demorou muito a se comprometer, tendo em vista os muitos especialistas em ciências exatas que trabalhavam ali. Esses eram os adversários mais teimosos. Acostumados a pensar que o uso de proteínas e carboidratos era essencial para o corpo físico, não queriam mudar suas concepções aqui. Semanalmente enviavam longas observações e alertas ao Governador, cheias de análises e cálculos que beiravam a imprudência. O velho governante, entretanto, nunca agiu sozinho. Pediu sempre a ajuda de nobres mentores, que nos orientam através do Ministério da União Divina, e nunca deixou de examinar com cuidado cada informativo de esclarecimento.

- Enquanto os cientistas argumentavam e a Governadoria administrava os conflitos, perigosos distúrbios se formaram no antigo Departamento da Regeneração, hoje transformado em Ministério. Incentivados pela rebeldia dos colaboradores do Ministério do Esclarecimento, os espíritos menos elevados que ali se reuniam passaram a realizar lamentáveis manifestações. Tudo isso provocou enormes divisões nos órgãos coletivos de “Nosso Lar”, dando oportunidade ao ataque de multidões trevosas do Umbral, que tentaram invadir a cidade, aproveitando-se das brechas nos serviços da Regeneração, onde grande número de colaboradores mantinha um comércio paralelo, em virtude dos vícios alimentares.

- O Governador não se perturbou com a situação. Mesmo com todos sob terríveis ameaças, ele pediu para ser atendido no Ministério da União Divina e, depois de ouvir as considerações do Conselho, mandou fechar temporariamente o Ministério da Comunicação, determinou que todas as prisões da Regeneração fossem postas em funcionamento para isolamento dos mais rebeldes, advertiu o Ministério do Esclarecimento, cujo atrevimento já vinha aturando por mais de 30 anos, proibiu temporariamente o auxílio às regiões inferiores e, pela primeira vez durante sua administração, mandou ligar as baterias elétricas das muralhas da cidade, para a defesa geral com a emissão de dardos magnéticos.

- Não houve luta ou ataque na colônia, mas, sim, uma resistência decidida. Por mais de seis meses os serviços de alimentação de “Nosso Lar” foram reduzidos à inalação de princípios vitais da atmosfera, por meio da respiração, e água misturada a elementos solares, elétricos e magnéticos. Foi assim que a colônia ficou sabendo o que é a indignação de um espírito calmo e pacífico.

- Passado o período mais delicado, a Governadoria saiu vitoriosa. O próprio Ministério do Esclarecimento reconheceu o erro e colaborou nos trabalhos de readaptação. Nesse meio tempo, houve satisfação geral e dizem que, em meio a alegria de todos, o Governador chorou emocionado, dizendo que a compreensão geral era o maior prêmio que poderia querer. A cidade voltou às atividades normais. O antigo Departamento da Regeneração foi transformado em Ministério. E desde essa época, só no Ministério da Regeneração e do Auxílio, onde é grande o número de necessitados, existem suprimentos que lembram mais de perto o que se consome na Terra. Nos outros há somente o indispensável, ou seja, o serviço de alimentação se mantém simples e equilibrado. Hoje, todos reconhecem que o suposto atrevimento do Governador foi de grande valor para nossa libertação espiritual, reduzindo as sensações físicas e fazendo surgir mais alto grau de espiritualização em todos.

Lísias se calou e eu fiquei pensando profundamente na grande lição.

10 NO BOSQUE DAS ÁGUAS

Percebendo meu interesse pelos processos de alimentação, Lísias me fez um convite:

- Vamos ao grande reservatório da colônia. Lá você vai ver coisas interessantes. Vai ver que a água é quase tudo no estágio de transição em que estamos.

Muito curioso, não pensei duas vezes para acompanhar o enfermeiro.

Quando chegamos a um largo canto da praça, o bondoso amigo disse:

- Vamos esperar o aerôbus. (1)

Mal me recuperava da surpresa, quando surgiu um grande veículo com vários passageiros, suspenso no ar a uns 5m do chão. Descendo até onde estávamos, como se fosse um elevador terreno, pude examiná-lo com mais atenção. Não era algo conhecido na Terra. Feito de material muito flexível, era muito comprido, parecendo ligado a fios invisíveis, considerando a grande quantidade de antenas que havia no teto. Mais tarde, pude confirmar minhas suposições, visitando as grandes oficinas do Serviço de Trânsito e Transporte.

Lísias não me deu chance para perguntas. Devidamente acomodados no compartimento confortável, seguimos em silêncio. Sentia-me acanhado, como alguém que está deslocado entre desconhecidos. A velocidade era tanta que não era possível ver bem os detalhes das construções que se seguiam no caminho. A distância não era pequena, porque levou 40 minutos, com paradas a cada 3 km, para que Lísias, rindo calmamente, me dissesse para descer.

Fiquei deslumbrado com a beleza do lugar. O bosque florescendo dava à brisa fresca um perfume encantador. Tudo se mostrava em uma variedade imensa de cores e luzes suaves. Entre margens forradas de grama viçosa enfeitada de flores azuis, deslizava um grande rio. A água corria tranquilamente, mas era tão cristalina que parecia tingida de azul celeste, tamanha a perfeição com que refletia o céu. Estradas largas cortavam a paisagem verde. Grandes árvores, plantadas a espaços regulares, ofereciam sombra convidativa, como se fossem deliciosos oásis sob a claridade gostosa do Sol. Bancos de formatos incríveis convidavam para descansar.

Percebendo o quanto eu estava deslumbrado, Lísias explicou:

- Estamos no Bosque das Águas. Temos aqui uma das mais belas regiões da colônia. Trata-se de um dos locais de passeio predileto dos apaixonados, que aqui vêm fixar os mais lindos compromissos de amor e fidelidade para as experiências físicas.

O que ele dizia me dava motivo para vários questionamentos interessantes, mas Lísias não me deu espaço para isso. Apontando um edifício enorme, explicou:

- Ali é o grande reservatório da colônia. Toda água do Rio Azul, que vemos ali, é absorvida em caixas imensas de distribuição. Daqui saem todas as águas que abastecem todas as atividades da colônia. Em seguida, reúnem-se novamente, logo depois dos serviços da Regeneração, e voltam para o rio, que segue seu curso normal, em direção ao grande oceano de substâncias invisíveis da Terra.

Percebendo minhas dúvidas íntimas, acrescentou:

- Isso mesmo, aqui a água tem outra densidade. Muito mais sutil, pura, quase fluidica.

Notando as construções magníficas logo à minha frente, perguntei:

- Que Ministério está encarregado do serviço de distribuição?

- Imagine – explicou Lísias - que este é um dos poucos serviços materiais de que se ocupa o Ministério da União Divina.

- Como é que é? – perguntei, sem poder conciliar uma coisa com a outra. O enfermeiro sorriu e explicou com prazer:

- Na Terra quase ninguém se interessa seriamente em saber a importância da água. Em “Nosso Lar”, entretanto, os conhecimentos são outros. Nos meios religiosos do planeta, ensinam que Deus criou as águas.

- Ora, é lógico que todo serviço que se cria precisa de alguém com energia para ser mantido apropriadamente. Nesta cidade espiritual, aprendemos a agradecer a Deus e aos seus divinos colaboradores por esta dádiva. Conhecendo-a melhor, sabemos que a água é poderoso veículo para fluidos de todo tipo. E aqui ela é usada principalmente como alimento e remédio.

- No Ministério do Auxílio há departamentos totalmente especializados na manipulação de água pura, com certos princípios captados da luz do Sol e do magnetismo espiritual. Na maioria das regiões da grande colônia, é nisso que se baseia o sistema de alimentação. Os Ministros da União Divina são os espíritos de maior elevação entre nós e, por isso, cabe a eles a magnetização geral das águas do Rio Azul, para que sirvam a todos os habitantes de “Nosso Lar”, com absoluta pureza. Eles fazem o serviço inicial de limpeza e os outros institutos realizam os trabalhos específicos, colocando substâncias alimentares e curativas. Quando os vários fluxos se reúnem novamente, num ponto mais distante, do lado oposto a este bosque, o rio sai de nossa área, levando consigo nossas qualidades espirituais.

Eu estava encantado com as explicações.

- No planeta, – respondi – jamais me explicaram algo assim.

- O homem é desatento há muito tempo – continuou Lísias. - O mar dá equilíbrio à sua casa planetária, a água lhe dá o corpo físico, a chuva lhe dá o pão, o rio lhe permite organizar as cidades, a presença da água lhe permite ter família e trabalho. Entretanto, ele sempre se acha o absoluto senhor do mundo, esquecendo que é filho de Deus, antes de mais nada. Apesar disso, no futuro, os homens imitarão os nossos serviços, destacando a importância dessa dádiva divina. Então todos compreenderão que a água, como fluido criador, absorve, de cada casa, as características mentais dos moradores. No mundo, meu amigo, a água não só carrega os resíduos do corpo, como também as emanções mentais de todos os encarnados. Torna-se prejudicial nas mãos de pessoas más e útil nas mãos de pessoas boas. E, quando em movimento, sua corrente não só espalha bênçãos de vida, como também se transforma em veículo de Deus, absorvendo tristezas, ódios e ansiedades humanas, lavando a casa material dos homens e purificando sua atmosfera interior.

Lísias se calou em atitude de respeito, enquanto eu olhava fixamente a corrente tranquila que me despertava elevados pensamentos.

(1) Veículo aéreo, similar a um bonde na Terra. - Nota de André Luiz

11 NOTÍCIAS DO PLANO

Lísias queria me dar oportunidade de visitar outros bairros da colônia para outras observações interessantes, mas compromissos que não podiam ser adiados pediam sua atenção no posto.

- Você terá oportunidade de conhecer vários setores dos nossos serviços – disse com bondade – pois, como pode ver, os Ministérios de “Nosso Lar” são áreas muito grandes de trabalho constante. São necessários vários dias de estudo em cada um deles para que se tenha uma idéia detalhada de seu funcionamento. No entanto, não vai faltar oportunidade para isso. Ainda que eu não possa acompanhar você, Clarêncio poderá conseguir autorização para que você entre em qualquer dependência.

Voltamos ao ponto do aerôbus que não demorou a chegar. Agora já estava quase à vontade. A presença de muitos passageiros já não me constrangia. A experiência anterior havia me feito muito bem. Meu cérebro fervia com muitas perguntas. Interessado em respondê-las, aproveitei o tempo de que dispúnhamos para interrogar Lísias, no que fosse possível.

- Lísias, - perguntei – você poderia me dizer se todas as colônias espirituais são iguais a esta? Será que as outras colônias têm os mesmos processos e características?

- De jeito nenhum. Se no mundo material cada região e cada estabelecimento apresentam aspectos específicos, imagine a variedade de condições que existe em nossos planos. Aqui, assim como na Terra, as criaturas se identificam pela origem comum e pela natureza dos objetivos que pretendem atingir; mas o mais importante é que cada colônia, como cada espírito, se localiza em degraus diferentes na ascensão espiritual. Todas as experiências de grupo variam entre si e “Nosso Lar” é uma experiência coletiva desse tipo. De acordo com nossos arquivos, muitas vezes os nossos antecessores procuraram inspiração nos trabalhos de colaboradores dedicados de outros planos; em compensação, outros grupos buscam a nossa ajuda para outras colônias que estão se formando. Entretanto, cada organização tem suas próprias características.

Aproveitando a pausa mais longa, perguntei:

- Foi aqui que nasceu a idéia de criar Ministérios?

- Sim, os missionários que criaram “Nosso Lar” visitaram as instalações de “Alvorada Nova”, uma das colônias espirituais mais importantes da vizinhança, e ali encontraram a divisão por departamentos. Adotaram o processo, mas substituíram a palavra departamento por Ministério, com exceção dos serviços da Regeneração, que só com o atual Governador puderam ser promovidos. Fizeram isso considerando que a organização em Ministérios é mais coerente com os aspectos da espiritualidade.

- Muito bem! – exclamei.

- E não é só isso, - continuou Lísias – a instituição é muito rigorosa no que diz respeito à ordem e à hierarquia. Aqui nenhum destaque é dado gratuitamente. Num período de dez anos, só quatro espíritos conseguiram ingressar no Ministério da União Divina, já com responsabilidades determinadas. Em geral, todos nós, depois de longo estágio de trabalho e estudo, voltamos a reencarnar para atividades de aperfeiçoamento.

Enquanto eu ouvia essas informações com muita curiosidade, Lísias continuava:

- Quando os recém-chegados do Umbral demonstram estar em condições de receber ajuda, permanecem no Ministério do Auxílio; mas quando rejeitam qualquer tipo de ajuda, são encaminhados ao Ministério da Regeneração. Se melhoram, com o tempo são admitidos para trabalhar no Ministério do Auxílio, da Comunicação e do Esclarecimento, para se prepararem eficientemente para futuras tarefas no físico. Só alguns conseguem trabalhar por mais tempo no Ministério da Elevação e são raros os que, a cada dez anos, alcançam o Ministério da União Divina. E não pense que os testemunhos aqui fiquem só na expressão de ideais. Não estamos mais na Terra onde o desencarnado é promovido automaticamente a fantasma. Vivemos num lugar de ação. As tarefas de Auxílio são trabalhosas e complicadas, os deveres no Ministério da

Regeneração representam testemunhos bem pesados, os trabalhos na Comunicação exigem muita responsabilidade de cada um, os setores do Esclarecimento exigem grande capacidade de trabalhos e muito conhecimento, o Ministério da Elevação pede capacidade de renúncia e luz interior, as atividades da União Divina requerem conhecimento justo e amor universal sincero. Já a Governadoria é sede movimentada de todos os assuntos administrativos, distribuição de energia elétrica, trânsito, transporte, etc. Aqui, na verdade, a lei do descanso é rigorosamente obedecida para que alguns trabalhadores não fiquem mais sobrecarregados que outros; mas a lei do trabalho também é cumprida rigorosamente. A única exceção, em matéria de repouso, é o próprio Governador, que nunca aproveita o que lhe é de direito.

- Mas ele nunca sai do palácio? – perguntei.

- Só em ocasiões em que o público pede. Fora isso, o Governador vai semanalmente ao Ministério da Regeneração, lugar onde se concentra o maior número de perturbações em “Nosso Lar”, considerando a sintonia que muitos ali têm com o Umbral. Multidões de espíritos perturbados estão recolhidas ali. Assim, ele aproveita as tardes de domingo, depois de orar com a cidade no Grande Templo da Governadoria, para ajudar os Ministros da Regeneração com os seus problemas de trabalho. Por causa disso, muitas vezes se priva de grandes alegrias para ajudar desorientados e sofredores.

O aerôbus nos deixou perto do hospital, onde o quarto confortável me esperava.

Em plena rua, era possível ouvir, como na saída, belas canções pelo ar. Notando minha expressão de interrogação, Lísias explicou:

- Essas músicas vêm das oficinas onde trabalham os moradores de “Nosso Lar”. Depois de muitas observações, a Governadoria percebeu que a música ajuda no bom andamento do trabalho, em todos os locais de esforço construtivo. Desde então, ninguém em “Nosso Lar” trabalha sem esse alegre incentivo.

Nesse meio tempo já chegávamos à Portaria. Um enfermeiro simpático se adiantou e avisou:

- Lísias, estão lhe chamando com urgência no pavilhão da direita.

O companheiro se afastou com calma, enquanto eu ia para o meu quarto, cheio de dúvidas íntimas.

12 O UMBRAL

Depois de receber explicações tão importantes, fiquei ainda mais interessado em conhecer outros aspectos relativos aos vários problemas que Lísias havia levantado em nossa conversa. A alusão a espíritos do Umbral me deixava muito curioso. A falta de educação religiosa durante a vida física pode causar muitas perturbações complicadas. O que seria o Umbral(1)? Eu só conhecia a idéia de inferno e purgatório, de que havia ouvido falar nos sermões das cerimônias católicas a que ia apenas por obrigação social. Mas do Umbral eu nunca havia ouvido falar.

Na primeira vez que encontrei com Lísias, fui logo perguntando. Ele me ouviu com atenção e respondeu:

- Ora, ora, você esteve lá por tanto tempo e não conhece a região?

Lembrei-me dos sofrimentos passados, sentindo arrepios de horror.

- O Umbral – continuou ele – começa na crosta terrestre. É a zona obscura para onde vão aqueles que não quiseram assumir e cumprir seus deveres morais, enfrentando por mais tempo os incômodos da indecisão e dos vários erros cometidos. Quando o espírito reencarna, promete cumprir o programa de serviços de Deus. Entretanto, quando está revivendo experiências no mundo físico, é mais fácil procurar o que lhe satisfaça o egoísmo do que cumprir esse programa. E assim se mantêm o mesmo ódio pelos inimigos e a mesma paixão pelos amigos. Mas o ódio não é justiça e a paixão não é amor. Tudo o que é exagerado e fica sem proveito acaba prejudicando a economia da vida. Pois então, toda a multidão de espíritos desequilibrados fica nas regiões nevoentas, que se seguem ao plano físico. O dever cumprido é como uma porta que atravessamos no infinito, que nos leva à sagrada união com Deus. É natural, portanto, que o homem que fugiu de suas obrigações justas, tenha essa bênção adiada por tempo indefinido.

Percebendo minha dificuldade para entender tudo o que me dizia e minha total ignorância dos princípios espirituais, Lísias tentou ser mais claro:

- Imagine que cada um de nós, renascendo no mundo, é portador de um acontecimento sujo que deve ser lavado no tanque da vida física. Essa roupa suja é o corpo espiritual, tecido por nós mesmos nas vidas passadas. No entanto, ao receber nova oportunidade de encarnação, nos esquecemos do objetivo principal e, em vez de nos esforçarmos para nos lavarmos e limparmos, manchamos ainda mais nossa roupa, criando novos laços e escravizando a nós mesmos. Ora, se ao voltarmos ao plano físico pretendíamos nos livrar da sujeira, por sabermos que não está de acordo com o meio elevado em que vivemos, como podemos voltar a esse mesmo meio em piores condições? O Umbral é, portanto, a região onde são eliminados os resíduos mentais; uma espécie de purgatório, onde as muitas ilusões humanas adquiridas por descaso com a oportunidade encarnatória, são queimadas a prestações.

A imagem não podia ser mais clara, mais convincente. Não havia como disfarçar meu espanto. Percebendo o bem que me faziam aquelas explicações, Lísias continuou:

- O Umbral é região de muito interesse para quem está encarnado. Ali se concentra tudo o que não serve para a vida superior. E veja que Deus foi muito sábio ao permitir que se criasse essa região em torno do planeta. Há multidões de espíritos indecisos e ignorantes que não são suficientemente maus para serem enviados a colônias de regeneração mais rígida, nem bons o suficiente para serem levados a planos mais elevados. São espíritos que vivem no Umbral, companheiros muito próximos dos homens encarnados, separados deles apenas por leis vibratórias. Não é de se estranhar, portanto, que lugares como estes se caracterizem por muitas perturbações. Ali vivem e se reúnem todos os tipos de revoltados, formando núcleos invisíveis de considerável poder, conseguido pela concentração dos mesmos desejos e tendências. Não há muita gente na Terra que fica desesperada quando o correio não chega ou quando o ônibus não aparece? Pois o Umbral está cheio de criaturas que se desesperam ao não encontrarem Deus à sua disposição depois da morte física e, percebendo que só os que trabalham para Ele é que

alcançam realmente a glória da vida eterna, revelam-se e passam a alimentar idéias mesquinhas. “Nosso Lar” tem uma sociedade espiritual, enquanto esses núcleos possuem infelizes, malfeitores e vagabundos de vários tipos. É zona de carrascos e vítimas, de exploradores e explorados.

Aproveitando a pausa espontânea, falei impressionado:

- E como explicar isso? Lá não existe defesa ou organização?

Lísias sorriu e explicou:

- Organização é qualidade dos espíritos organizados. O que você queria? A zona inferior da qual estamos falando é como a casa onde não há pão: todos gritam e ninguém tem razão. O passageiro distraído perde o ônibus, o agricultor que não plantou não pode colher. Mas uma coisa é certa: apesar das sombras e angústias do Umbral, lá nunca faltou a proteção divina. Cada espírito permanece ali apenas o tempo que for necessário. Para isso, André, Deus permitiu que muitas colônias como esta fossem construídas, dedicadas ao trabalho e ao socorro espiritual.

- Então – observei – essa região quase se mistura ao plano dos encarnados.

- Isso mesmo, – confirmou o amigo – e é nessa zona que se estendem os fios invisíveis que ligam as mentes humanas entre si. Esse plano está cheio de desencarnados e de formas-pensamento de encarnados, porque, na verdade, todo espírito, onde quer que esteja, é uma fonte que irradia forças que criam, transformam e destroem, emitidas em vibrações que a atual ciência terrestre ainda não compreende. Quem pensa está sempre criando alguma coisa. E é pelo pensamento que os homens encontram, no Umbral, os companheiros que mais se afinizam com suas tendências. Toda alma é um ímã poderoso. Existe uma grande humanidade invisível ao lado da humanidade visível. No Umbral, as maiores missões do Ministério do Auxílio são compostas por dedicados colaboradores, porque, assim como é difícil a tarefa dos bombeiros nas grandes cidades físicas por causa das labaredas e da fumaça grossa que precisam enfrentar, os missionários que trabalham no Umbral encontram fluidos muito pesados, emitidos continuamente por milhares de mentes desequilibradas na prática do mal, ou muito destruídas por sofrimentos regeneradores. É preciso ter muita coragem e muita renúncia para ajudar quem não percebe o auxílio que lhe é oferecido.

Lísias interrompeu a explicação. Profundamente impressionado, exclamei:

- Ah, como eu gostaria de trabalhar com essas multidões infelizes, levando a eles o pão espiritual do esclarecimento!

O enfermeiro amigo me olhou com bondade e, depois de pensar um longo tempo em silêncio, disse-me, despedindo-se:

- Será que você se sente suficientemente preparado para um serviço como esse ?

(1) Segundo o Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda: “**umbral** . [Do esp. *umbral*, 'soleira da porta'.] S. m. 1. Ombreira (2). 2. Limiar, entrada.” Os espíritos usam a palavra para designar o plano de “entrada” no plano físico, a soleira da porta para o mundo dos encarnados.

13 NO GABINETE DO MINISTRO

Sentindo-me cada vez melhor, comecei a ter necessidade de movimento e trabalho. Depois de tantos anos de luta difícil, voltava a me interessar pelas atividades que preenchem o dia útil de todo homem normal no mundo. Claro que havia perdido oportunidades excelentes enquanto encarnado; que muitas falhas marcavam o meu caminho. No entanto, agora me lembrava dos 15 anos de clínica, sentindo um certo vazio no coração. Sentia-me como um forte agricultor em pleno campo, de mãos amarradas e sem poder fazer o próprio trabalho. Cercado de doentes, não podia me aproximar, como fazia em outros tempo, reunindo em mim o amigo, o médico e o pesquisador. Ouvindo gemidos constantes nos apartamentos ao lado, não tinha permissão nem para atuar como enfermeiro ou assistente nos casos de urgência. Claro que não me faltava vontade. Entretanto, minha posição ali era muito humilde para que eu tivesse qualquer atrevimento. Os médicos espirituais tinham uma técnica muito diferente. No mundo físico, sabia que meu direito de interferir começava nos livros conhecidos e nos títulos alcançados; mas, naquele novo ambiente, a medicina começava no coração, exteriorizando-se em amor e cuidado fraterno. Qualquer enfermeiro mais simples em “Nosso Lar”, possuía conhecimentos e possibilidades muito superiores à minha ciência. Portanto, era impossível tomar qualquer iniciativa de trabalho espontâneo sem me intrometer no trabalho dos outros.

Angustiado com essas dificuldades, Lísias me parecia a pessoa mais indicada para me abrir com confiança.

Quando o questionei, disse:

- Por que não pede a ajuda de Clarêncio? Vai atendê-lo com certeza. Peça-lhe conselhos. Ele sempre pergunta de você e fará tudo para ajudá-lo.

Fiquei cheio de esperança. Iria consultar o Ministro do Auxílio.

No entanto, ao tomar as primeiras providências para a entrevista, fui informado de que o bondoso benfeitor só poderia me atender na manhã seguinte, em seu gabinete particular.

Esperei ansioso pelo momento adequado.

No dia seguinte, bem cedo, procurei o local informado. No entanto, logo me surpreendi ao ver que outras três pessoas já esperavam Clarêncio na mesma situação!

O Ministro do Auxílio havia chegado muito antes de nós e tratava de assuntos mais importantes que visitas e solicitações.

Quando terminou o serviço mais urgente, começou a nos chamar de dois em dois. Fiquei muito impressionado com esse processo de entrevista. Depois fiquei sabendo que ele aproveitava esse método para que o que era dito a um interessado pudesse servir também a outro, atendendo assim as necessidades de ordem geral, ganhando tempo e proveito.

Depois de vários minutos, chegou a minha vez.

Entrei no gabinete com um senhora idosa, que seria ouvida primeiro, por ordem de chegada. O Ministro nos recebeu com simpatia, deixando-nos à vontade para falar.

- Nobre Clarêncio, - começou a senhora desconhecida – venho pedir sua ajuda em favor de meus dois filhos. Ah, já não aguento de tanta saudade e estou sabendo que ambos vivem cansados e sobrecarregados de problemas no ambiente físico. Reconheço que a vontade de Deus é justa e amorosa, mas sou mãe!!! Não consigo ficar alheia sem me angustiar.

E a pobre senhora começou a chorar muito, ali mesmo. O Ministro, olhando-a com carinho, sem perder o próprio equilíbrio, respondeu com bondade:

- Mas, se a irmã reconhece que a vontade de Deus é justa e amorosa, o que quer que eu faça?

- Gostaria – respondeu aflita – que me conseguisse recursos para que eu mesma pudesse protegê-los no mundo físico!...

- Ah, minha amiga, - disse o Ministro cheio de amor – só com humildade e trabalho é possível que tenhamos condições de proteger outras pessoas assim. O que você diria se um pai terrestre quisesse ficar parado em casa para ajudar os filhos? Deus criou o trabalho e a cooperação como leis que ninguém pode trair sem prejuízo próprio. A sua consciência não lhe diz nada nesse sentido? Quantos bônus-hora (1) você tem para apresentar em favor de seu pedido?

Meio sem jeito, a senhora respondeu:

- 304.

- É triste – explicou Clarêncio – que, depois de seis anos vivendo aqui, tenha dado à colônia apenas 304 horas de trabalho até hoje. Entretanto, assim que se recuperou do que sofreu na região inferior, eu lhe ofereci um bela oportunidade de trabalho na Turma de Vigilância do Ministério da Comunicação...

- Mas aquilo era um trabalho insuportável, – falou a senhora – uma luta contínua contra entidades más. É natural que eu não tenha me adaptado.

Clarêncio continuou, sem se alterar:

- Depois, coloquei-a entre os irmãos da Suportação, nas atividades regeneradoras.

- Pior ainda!, – exclamou ela – aqueles apartamentos estão sempre cheios de pessoas imundas. Palavrões, indecências, miséria.

- Notando suas dificuldades, – esclareceu o Ministro – enviei-a para ajudar na Enfermagem dos Perturbados.

- Mas quem pode com eles, a não ser os santos? – questionou a senhora rebelde – Fiz o possível. No entanto, aquela multidão de almas desviadas assusta qualquer um!

- Meus esforços não pararam aí. – respondeu o Ministro sem se perturbar – Coloquei-a nos Gabinetes de Investigações e Pesquisas do Ministério do Esclarecimento. No entanto, acho que cansada das minhas providências, a irmã preferiu instalar-se por conta própria nos Campos do Repouso.

- Era impossível ficar ali também. – disse a senhora atrevida – Só encontrei experiências cansativas, fluidos estranhos, chefes ásperos.

- Pois, note, minha amiga, - explicou o seguro orientador – que o trabalho e a humildade são as duas margens do caminho da ajuda. Para ajudarmos alguém, precisamos de pessoas que nos ajudem, amigos, protetores e assistentes. Antes de socorrer quem amamos, é indispensável espalhar laços de simpatia. Sem a cooperação é impossível atender eficientemente. O camponês que cultiva a terra, recebe a gratidão de quem come os frutos. O operário que entende os chefes exigentes, cumprindo suas ordens, é quem sustenta o lar em que Deus o colocou. Construindo, o servidor que obedece conquista os superiores, companheiros e interessados no serviço. E ninguém poderá ser útil aos que ama se não souber obedecer e servir de forma positiva. Temos o coração ferido, enfrentamos dificuldades, mas devemos nos lembrar de que o serviço útil pertence a Deus, antes de mais nada.

Depois de algum tempo, continuou:

- O que vai fazer na Terra então, se ainda não aprendeu a tolerar nada? Não duvido de sua preocupação com os filhos, mas é importante notar que, da forma como está, a irmã seria como mãe paraplégica para eles, incapaz de prestar socorro adequado. Para que qualquer um de nós tenha a alegria de ajudar quem amamos, é preciso contar com a colaboração de muitos a quem nós mesmos tenhamos ajudado. Quem não colabora, não tem colaboração. Isso é da lei de Deus. E se a irmã não acumulou nada para dar, é justo que procure ajuda de outros. Mas, como receber a colaboração indispensável, se ainda não plantou nem a simpatia? Volte ao Campo de Repouso, onde se instalou ultimamente, e pense a respeito. Depois voltamos a analisar o assunto com a atenção que merece.

E a mãe aflita se sentou, enxugando o pranto farto.

Em seguida, o Ministro me olhou com bondade e falou:

- Aproxime-se, meu amigo!

E eu me levantei, meio na dúvida, para conversar.

(1) Crédito relativo a cada hora de trabalho. - Nota de André Luiz

14 EXPLICAÇÕES DE CLARÊNCIO

Meu coração batia acelerado, como se eu fosse um estudante inexperiente diante de examinadores rigorosos. Vendo aquela mulher chorar e pensando na atitude enérgica e serena do Ministro do Auxílio, tremia por dentro, arrependido de haver pedido aquela entrevista. Não seria melhor ficar quieto, aprendendo a esperar pelas decisões dos superiores? Não seria arrogância exagerada de minha parte pedir trabalho de médico naquela casa, onde estava hospedado como doente? A sinceridade de Clarêncio para com a senhora com quem havia conversado antes de mim havia me chamado a atenção para outros aspectos. Quis desistir dos desejos do dia anterior e voltar ao meu quarto, mas já era tarde. O Ministro do Auxílio, como se lesse meus pensamentos, disse em tom firme:

- Estou pronto para ouvi-lo.

Instintivamente ia pedir qualquer serviço médico em “Nosso Lar”, embora estivesse muito indeciso. Entretanto, a consciência me advertia: por que falar de serviço especializado? Não seria o mesmo que repetir os erros do mundo físico, onde a vaidade não tolera outro tipo de trabalho que não esteja de acordo com os títulos e diplomas? Esta idéia me trouxe algum equilíbrio. Muito confuso, falei:

- Tomei a liberdade de vir até aqui para pedir sua ajuda no sentido de voltar a trabalhar. Tenho sentido falta das minhas atividades, agora que a generosidade de “Nosso Lar” me devolveu a saúde. Qualquer trabalho útil me interessa, desde que me permita agir.

Clarêncio me olhou um bom tempo, como se quisesse saber das minhas intenções mais íntimas.

- Já sei. Você pede qualquer tipo de tarefa, mas, no fundo, sente falta dos seus clientes, do seu consultório, do quadro de serviço com que Deus o abençoou na última encarnação.

Até aí, as palavras dele só me traziam conforto e esperança ao coração, o que eu confirmava com a cabeça.

Depois de uma pausa longa, ele prosseguiu:

- No entanto, é preciso considerar que, às vezes, Deus deposita em nós Sua confiança e nós a traímos, desvirtuando o serviço que nos diz respeito. Você foi médico na Terra, cercado de todas as facilidades no estudo. Nunca soube o preço de um livro, porque seus pais generosos pagavam tudo. Logo depois de formado, começou a ganhar bem, sem as preocupações dos médicos mais pobres, que precisam usar as relações de amizade para criar clientela. Progrediu tão rápido que transformou as facilidades conquistadas em corrida para a morte antecipada do corpo físico. Enquanto jovem e sadio, cometeu vários abusos na profissão que Jesus lhe deu.

Diante daquele olhar firme e bondoso, senti uma estranha perturbação.

Com muito respeito, argumentei:

- Reconheço a verdade de tudo isso, mas, se possível, gostaria de poder resgatar minhas dívidas, dedicando-me aos doentes deste hospital com sinceridade.

- Iniciativa muito válida, - disse Clarêncio - mas é preciso notar que toda tarefa profissional na Terra é convite de Deus para que o homem penetre os templos divinos do trabalho. O diploma é apenas uma ficha para nós, mas no mundo costuma representar uma porta aberta a todo tipo de absurdos. Com essa ficha, o homem está habilitado a aprender a servir a Deus seriamente com seu trabalho. Isso se aplica a todas as atividades terrenas, com exceção das convenções humanas. Você recebeu ficha de médico. Entrou para o templo da Medicina, mas sua atitude lá dentro não me permite atender seu pedido. Como posso passá-lo de espírito doente a médico de espíritos doentes, de uma hora para outra, se fez questão de limitar suas observações apenas ao físico? Não nego seus conhecimentos do corpo humano, mas a vida é muito mais que isso. O que você diria de um botânico que se limitasse a estudar somente as cascas secas de algumas árvores? Muitos médicos da Terra preferem limitar a anatomia aos cálculos matemáticos. A

matemática é importante, mas não é a única ciência do universo. Como você pode ver agora, o médico não pode se limitar a diagnósticos e terminologias. É preciso penetrar profundamente na alma. No planeta, muitos profissionais da Medicina estão viciados pelos ambientes acadêmicos, porque a vaidade lhes impede de ver mais adiante. Muito poucos conseguem superar os interesses menores e preconceitos comuns, e acabam por enfrentar o sarcasmo do mundo e o deboche dos colegas.

Fiquei atordoado. Não conhecia essas considerações sobre a responsabilidade profissional. Fiquei surpreso com a idéia de que o diploma não passasse de mera ficha de ingresso aos serviços de cooperação com Deus. Sem saber o que dizer, esperei que o Ministro do Auxílio retomasse a explicação.

- Como pode ver, - continuou ele – você não se preparou adequadamente para os serviços em nossa colônia.

- Sr. Clarêncio, - atrevi-me a dizer – entendo a lição e admito meus erros.

E fazendo força para não chorar, pedi com humildade:

- Aceito qualquer trabalho nesta colônia de realização e paz.

Com um olhar de profunda simpatia, ele respondeu:

- Meu amigo, não sou portador apenas de notícias tristes. Tenho também palavras de incentivo. Você ainda não pode ser médico em “Nosso Lar”, mas poderá assumir o cargo de estudante assim que possível. Sua situação atual não é das melhores, mas é razoável, tendo em vista os pedidos que chegam ao Ministério do Auxílio em seu favor.

- Minha mãe? – perguntei eufórico.

- Sim, - explicou o Ministro – sua mãe e outros amigos, no coração de quem você plantou a semente da simpatia. Logo depois da sua vinda, pedi ao Ministério do Esclarecimento que me informasse suas notas para examinar com atenção. Muita irresponsabilidade, muitos abusos e muita negligência, mas, nos 15 anos em que clinicou, também atendeu gratuitamente mais de 6 mil necessitados. Fez isso apenas por divertimento, na maioria das vezes. Mas hoje pode ver que o verdadeiro bem sempre espalha bênçãos em nossos caminhos. Desses beneficiados, 15 não se esqueceram de você e têm enviado até aqui muitos pedidos em seu favor. No entanto, devo deixar claro que mesmo o bem que praticou aos indiferentes conta a seu favor.

Concluindo as explicações com um sorriso, Clarêncio destacou:

- Você vai aprender novas lições em “Nosso Lar” para, depois de experiências úteis, poder cooperar conosco de forma eficiente, preparando-se para o futuro espiritual.

Eu estava muito feliz. Pela primeira vez, chorei de alegria naquela colônia. Ah, quem, na Terra, poderia entender uma alegria assim? Às vezes, é preciso que o coração fique mudo diante do grandioso silêncio divino.

15 A VISITA MATERNA

Atento às recomendações de Clarêncio, procurei recuperar as energias para poder voltar aos estudos. Em outros tempos, eu talvez me ofendesse com colocações aparentemente tão duras, mas, naquelas circunstâncias, lembrava-me de meus erros antigos e me sentia aliviado. Os fluidos físicos causam profunda sonolência ao espírito. Na verdade, só agora eu entendia que a experiência humana nunca deve ser encarada como brincadeira. Hoje eu vejo, com outros olhos, a importância da encarnação na Terra. Levando em conta as oportunidades que perdi, reconhecia não merecer a hospitalidade de “Nosso Lar”. Clarêncio tinha razões de sobra para falar comigo com tanta franqueza.

Fiquei muitos dias refletindo sobre a vida. No fundo, tinha muita vontade de rever minha casa terrena. No entanto, não me atrevia a fazer novos pedidos. Os benfeitores do Ministério do Auxílio eram muito generosos para mim e adivinhavam meus pensamentos. Se até aquela altura não haviam me satisfeito esse desejo, é porque não era oportuno. Então ficava calado e resignado, sentindo-me meio triste. Lísias fazia o possível para me alegrar com os seus comentários. Mas eu estava naquela fase de recolhimento profundo, em que o homem é chamado para dentro de si mesmo pela própria consciência.

No entanto, um dia o enfermeiro entrou muito alegre em meu apartamento, dizendo:

- Adivinhe quem chegou procurando você!

Aquele rosto alegre, aqueles olhos brilhantes de Lísias, não me enganavam.

- Minha mãe! – respondi, confiante.

Com os olhos arregalados de alegria, vi minha mãe entrar de braços abertos.

- Meu filho! Venha até aqui, meu querido!

Não posso dizer o que aconteceu depois. Senti-me como criança outra vez, como no tempo em que brincava na chuva, com os pés descalços, na areia do jardim. Abracei-a com carinho, chorando de alegria, com os mais elevados sentimentos espirituais. Beije-i-a várias vezes, apertei-a nos braços, misturei minhas lágrimas às dela, e não sei quanto tempo ficamos juntos, abraçados. Por fim, foi ela quem nos tirou daquele estado de emoção, dizendo:

- Vamos, filho, não se emocione tanto assim! Mesmo a alegria, quando é demais, faz mal ao coração. - E em vez de carregá-la nos braços, como fazia quando encarnado nos seus últimos anos de vida na Terra, foi ela quem me enxugou as lágrimas, levando-me ao sofá.

- Você ainda está fraco, filho. Não desperdice energias.

Sentei-me ao seu lado e ela, com cuidado, ajeitou minha cabeça cansada em seus joelhos, acariciando-me de leve, trazendo-me conforto com recordações tão doces. Senti-me, então, o homem de mais sorte no universo. Tinha a impressão de que minha esperança estava mais viva do que nunca. A presença de minha mãe representava alívio indescritível para o meu coração. Aqueles minutos me pareciam um sonho de imensa felicidade. Como um menino que se fixa nos detalhes, eu olhava suas roupas, as meias de lã, o xale azul, a cabeça pequena coberta de cabelos brancos, as rugas do rosto, o olhar doce e calmo de todos os dias. Com as mãos trêmulas de alegria, eu acariciava suas mãos queridas, sem conseguir dizer nada. Minha mãe, no entanto, mais forte que eu, falou com serenidade:

- Nunca seremos capazes de agradecer a Deus tantas bênçãos. Ele nunca nos esquece, meu filho. Quanto tempo de separação! Mas não pense que eu houvesse me esquecido de você. Às vezes, a providência divina separa os corações temporariamente, para que possamos aprender com o amor de Deus.

Percebendo a mesma ternura de outros tempos, senti que minhas feridas íntimas voltavam a doer. Ah, como é difícil livrar-se dos resíduos trazidos da Terra! Como pesam os defeitos acumulados durante séculos! Quantas vezes recebi bons conselhos de Clarêncio e Lísias, para não me lamentar. Mas, com o carinho materno, minhas velhas

feridas se reabriram. Do choro de alegria passei às lágrimas de angústia, lembrando, com emoção exagerada, os acontecimentos físicos. Não conseguia perceber que a visita dela não era para satisfazer os meus caprichos e, sim, bênção maravilhosa de Deus. Repetindo antigas manias, pensei erradamente que minha mãe deveria continuar a ser ouvinte de minhas queixas e males sem fim. Na Terra, as mães quase sempre não passam de escravas para os filhos. Muito poucos entendem sua dedicação antes de perdê-las. Com a mesma idéia falsa de outros tempos, me pus a fazer confissões dolorosas sem fim.

Minha mãe me ouviu calada, demonstrando enorme tristeza. Olhos úmidos, apertando-me contra o peito de vez em quando, falou com carinho:

- Ah, filho, sei de todos os conselhos que Clarêncio lhe deu. Não se queixe. Vamos agradecer a Deus por esta reaproximação. Vamos imaginar que estamos numa escola diferente, onde aprendemos a ser filhos de Deus. Como mãe terrena, nem sempre consegui orientá-lo como deveria. Portanto, eu também trabalho para reajustar meus sentimentos. Suas lágrimas me fazem lembrar da vida na Terra. Alguma coisa tenta me fazer retroceder espiritualmente. Quero dar razão às suas queixas, colocar você num trono, como se fosse a melhor criatura do universo, mas essa atitude não corresponde às novas lições de vida do presente. Esses gestos são perdoáveis quando estamos encarnados. Aqui, no entanto, meu filho, é indispensável atender a Deus, antes de mais nada. Você não é o único homem desencarnado corrigindo os próprios erros, nem eu sou a única mãe que se sente longe dos entes queridos. Assim, o nosso sofrimento não nos eleva pelas lágrimas que derramamos, mas pela oportunidade de luz que nos oferece, a fim de sermos mais compreensivos e mais humanos. Dores e lágrimas são a forma bendita de purificarmos nossos sentimentos.

Depois de algum tempo, em que minha consciência me advertia seriamente, minha mãe continuou:

- Se podemos aproveitar este tempo juntos com manifestações de amor, por que desperdiçá-lo com lamentações? Vamos nos alegrar, filho, e procuremos trabalhar sem parar. Mude sua atitude mental. Sinto-me aliviada por sua confiança em meu carinho, sinto-me muito feliz com sua ternura de filho, mas não posso retroceder em meu caminho. Daqui por diante, amemo-nos com o mesmo amor com que Deus nos ama.

Aquelas palavras iluminadas me despertaram. Tinha a impressão de que fluidos fortes partiam de seu coração, revitalizando o meu próprio. Minha mãe me olhava encantada, com um belo sorriso. Levantei-me e, com respeito, beijei sua testa, sentindo-a mais bela e cheia de amor do que nunca.

16 CONFIDÊNCIAS

As palavras de minha mãe me trouxeram consolo, permitindo que eu reorganizasse minhas energias interiores. Ela falava do trabalho como se fosse uma bênção transformando dores e dificuldades em crédito de alegrias e lições elevadas. Aqueles conceitos me alimentavam de uma maneira diferente. Sentia-me outro, mais alegre, animado e feliz.

- Ah, mãe, - disse emocionado – deve ser maravilhoso o plano onde você vive. Que lindas imagens espirituais, que sorte!

Ela ensaiou um sorriso sugestivo e disse:

- Os planos maravilhosos, meu filho, requerem sempre mais trabalho, mais capacidade de renúncia. Não pense que sua mãe fique o tempo todo em visões maravilhosas, longe dos próprios deveres. Não quero dizer que me sinta triste pela situação em que estou. Na verdade, é muito mais consciência da responsabilidade que tenho. Desde que voltei da Terra, tenho trabalhado muito por nossa renovação espiritual. Muitas entidades que desencarnam ficam agarradas ao lar terreno, com a desculpa de amarem muito os que ainda estão encarnados. No entanto, aqui me ensinaram que o verdadeiro amor, para ser realmente benéfico, precisa trabalhar sempre. Por isso, desde minha vinda, procuro me esforçar para conquistar o direito de ajudar àqueles que tanto amamos.

- E meu pai? – perguntei – Onde está? Por que não veio com a senhora?

Com uma expressão estranha, respondeu:

- Ah, seu pai, seu pai... Há 12 anos que está numa zona de muitas trevas no Umbral. Na Terra, sempre pareceu ser fiel às tradições de família e ao fervor dos rituais religiosos, apegado que era ao cavalheirismo de sua alta posição de comerciante, que exerceu até o fim da vida. Mas, no fundo, era fraco e tinha amantes fora de casa. Duas delas estavam mentalmente ligadas a uma rede de entidades perturbadas e, assim que Laerte desencarnou, a passagem pelo Umbral foi muito difícil para ele, porque essas criaturas desorientadas, para quem fez muitas promessas, esperavam por ele ansiosas, prendendo-o de novo nas teias da ilusão. No começo, ele quis reagir, esforçando-se para me encontrar, mas não foi capaz de entender que, após a morte do corpo físico, a alma continua a mesma de quando estava encarnada. Assim, Laerte não percebeu minha presença espiritual, nem a ajuda dedicada de outros amigos nossos. Como gastou muitos anos fingindo, viciou a visão espiritual, limitou o padrão vibratório e o resultado foi que só conseguiu perceber a companhia das relações que cultivou sem pensar, pela mente e pelo coração. Preocupou-se algum tempo com os princípios de família e o amor ao nosso nome. Tentou lutar, repelindo as tentações, mas, no fim, caiu novamente envolvido pela sombra, por ser incapaz de manter bons pensamentos com firmeza.

Muito impressionado, perguntei:

- E não há maneira de tirá-lo dessa situação de degradação?

- Ah, meu filho, - explicou minha mãe – eu o visito sempre. No entanto, ele não me vê. Seu potencial vibratório é muito baixo ainda. Tento atrai-lo para o bom caminho pela inspiração, mas só consigo fazê-lo chorar um pouco de arrependimento, sem conseguir que tenha determinação em seus propósitos. As mulheres infelizes que o mantêm prisioneiro afastam-no da minha influência. Venho trabalhando muito, anos a fio. Pedi a ajuda de amigos em cinco núcleos de atividade espiritual mais elevada, inclusive aqui em “Nosso Lar”. Uma vez, Clarêncio quase conseguiu trazê-lo para o Ministério da Regeneração, mas foi em vão. É impossível acender um lampião sem combustível... Precisamos da adesão mental de Laerte para conseguir erguê-lo e abrir sua visão espiritual. No entanto, o infeliz continua passivo em si mesmo, oscilando entre a indiferença e a revolta.

Depois de longa pausa, suspirou e continuou:

- Acho que você não sabe ainda que suas irmãs Clara e Priscila também estão no Umbral, agarradas ao plano físico. Sou forçada a atender as necessidades de todos. A única ajuda mais direta e carinhosa que tive foi de sua irmã Luísa, aquela que desencarnou quando você ainda era muito pequeno. Luísa me esperou aqui por muitos anos, foi meu braço forte nos duros trabalhos de amparo à nossa família física. No entanto, a perturbação dos nossos parentes terrenos ainda no plano físico é tão profunda que, recentemente, decidi reencarnar ela mesma, num gesto de muita coragem e renúncia. Assim, espero que você logo se restabeleça para que juntos possamos desenvolver nossas atividades no bem.

Fiquei espantado com as informações a respeito de meu pai. Que espécie de dificuldades ele estaria passando? Não parecia tão sincero quando se comungava todos os domingos? Encantado com a dedicação de minha mãe, perguntei:

- Mas a senhora ajuda o papai, mesmo sabendo de suas ligações com essas mulheres detestáveis?

- Não fale assim delas. – argumentou minha mãe – Antes de tudo, meu filho, diga nossas irmãs doentes, igorantes ou infelizes. São filhas de Deus também. Não tenho pedido só por Laerte, mas por elas também, e tenho certeza de que já sei como aproximá-los todos de mim.

Fiquei surpreso com tanta renúncia. De repente, me lembrei de minha própria família. Senti o velho apego à esposa e aos filhos queridos. Na frente de Clarêncio e Lísias, disfarçava sempre meus sentimentos e minha ansiedade, mas vendo minha mãe ali, não resisti. Percebendo que não tinha muito tempo mais com ela e aproveitando os minutos que me restavam, perguntei:

- A senhora, que tem acompanhado papai com tanto interesse, não tem nenhuma informação a respeito de Zélia e as crianças?guardo ansiosamente para voltar em casa, para ajudá-los. Ah, eles devem sentir tantas saudades quanto eu! Como deve sofrer minha pobre esposa com esta separação!...

Minha mãe ensaiou um sorriso triste e acrescentou:

- Tenho visitado meus netos sempre que posso. Estão bem.

E, depois de pensar um pouco, acentuou:

- No entanto, você não deve se preocupar em ajudar a família. Prepare-se, em primeiro lugar, para que tenhamos sucesso. Há assuntos que precisamos entregar a Deus, em pensamento, antes de trabalhar na solução que eles merecem.

Quis insistir para ter mais detalhes, mas ela não voltou ao assunto, desconversando com delicadeza. A conversa se estendeu ainda por um longo tempo, trazendo-me agradável sensação de conforto. Mais tarde, ela se despediu. Curioso para saber como estava vivendo, pedi permissão para acompanhá-la. Ela, então, me afagou com carinho e disse:

- Não venha, meu filho. Estão me esperando com urgência no Ministério da Comunicação, onde receberei, nas salas de transformação, recursos fluídicos para o retorno. Além disso, preciso ainda falar com o Ministro Célio, para agradecer a oportunidade desta visita.

E se despediu com um beijo, deixando-me uma profunda sensação de felicidade.

17 NA CASA DE LÍSIAS

Logo depois da visita inesperada de minha mãe, Lísias veio me buscar a pedido do Ministro Clarêncio. Surpreso, acompanhei o enfermeiro.

Recebido com carinho pelo benfeitor amigo, aguardei suas instruções com muito prazer.

- Meu amigo, - disse atencioso – de agora em diante você está autorizado a fazer observações nos diversos setores de nossos serviços, com exceção dos Ministérios superiores. Henrique de Luna lhe deu alta na semana passada e é justo que agora você aproveite o tempo observando e aprendendo.

Naquele instante, olhei para Lísias, como o irmão que devia participar de minha grande felicidade. O enfermeiro também me olhou com muita alegria. Eu não cabia em mim de tão contente. Era o começo de uma vida nova. De alguma maneira, poderia trabalhar, entrando para várias escolas diferentes. Clarêncio, que parecia perceber minha emoção, destacou:

- Como você não precisa mais ficar aqui no hospital, cuidarei para que seja transferido para alguma de nossas instituições.

Lísias, porém, interrompeu-o, dizendo:

- Se possível, durante o período de observações, gostaria muito de recebê-lo em nossa casa. Lá, minha mãe o trataria como um filho.

Olhei o enfermeiro com imensa alegria. E Clarêncio também aprovou a sugestão com um olhar, murmurando:

- Muito bem, Lísias! Jesus se alegra conosco sempre que recebemos um amigo no coração.

Abracei o enfermeiro prestativo, sem poder expressar minha gratidão. A alegria às vezes nos deixa sem palavras.

- Guarde este documento. – disse-me o atencioso Ministro do Auxílio, entregando-me uma pequena caderneta – Com ele você poderá entrar nos Ministérios da Regeneração, do Auxílio, da Comunicação e do Esclarecimento pelo período de um ano. Depois disso, veremos o que será possível fazer com relação aos seus desejos. Estude, meu caro. Não perca tempo. O intervalo entre as encarnações deve ser bem aproveitado.

Lísias me deu o braço e eu saí muito feliz.

Depois de alguns minutos, estávamos na porta de uma casa muito bonita, cercada por um jardim colorido.

- É aqui. – disse o enfermeiro.

E, com carinho, acrescentou:

- O nosso lar dentro de “Nosso Lar”.

Quando a campainha tocou, uma senhora simpática apareceu à porta.

- Mãe! Mãe! ... – gritou Lísias, me apresentando com alegria – Este é o irmão que prometi trazer.

- Seja bem vindo, amigo! – disse a senhora. – Esta casa é sua.

E me abraçando:

- Soube que sua mãe não vive aqui. Nesse caso, serei uma irmã com funções de mãe para você.

Não sabia como agradecer tanta hospitalidade. Já dizer algumas frases para demonstrar minha gratidão, mas a nobre senhora, com muito bom humor, adivinhou meus pensamentos e disse:

- Você está proibido de falar em agradecimentos. Não o faça. Eu seria obrigada a me lembrar, de repente, de muitos chavões sociais da Terra...

Rimos todos e eu, emocionado, falei:

- Que o meu agradecimento venha em forma de bênçãos divinas de alegria e paz.

Entramos. O ambiente era simples e acolhedor. Móveis e objetos quase iguais aos da Terra, com pequenas diferenças. Quadros de grande significado espiritual, um piano

enorme e, sobre ele, uma grande harpa de linhas delicadas. Percebendo minha curiosidade, Lísias falou com alegria:

- Como você vê, depois da morte física você não encontrou os anjos tocando harpas, mas encontrou uma harpa esperando por nós mesmos.

- Ah, Lísias, – disse a mãe com carinho – não seja irônico. Você não se lembra de como o Ministério da União Divina recebeu o pessoal da Elevação no ano passado, quando alguns embaixadores da Harmonia estiveram aqui?

- Sim, mãe. Eu só quis dizer que os harpistas existem, mas nós precisamos desenvolver a audição espiritual para ouvi-los, fazendo a nossa parte no aprendizado das coisas divinas.

Logo depois de contar um pouco da minha história, fiquei sabendo que a família de Lísias havia vivido em uma cidade antiga do Rio de Janeiro, que sua mãe se chamava Laura e que ele ainda tinha em casa duas irmãs, Iolanda e Judite.

A atmosfera ali era de carinho e serenidade. Não conseguia disfarçar minha alegria e felicidade. Aquele primeiro contato com um lar na colônia me dava muito prazer. A hospitalidade cheia de ternura emocionava meu espírito.

Em virtude de muitas perguntas, Iolanda me mostrou alguns livros maravilhosos. Notando o meu interesse, a dona da casa ressaltou:

- Em matéria de literatura, temos em “Nosso Lar” uma grande vantagem: é que os escritores de má fé, aqueles que gostam de destilar veneno psicológico, são levados imediatamente para as zonas obscuras do Umbral. Enquanto insistem nessa atitude mental, não conseguem se equilibrar aqui, nem mesmo no Ministério da Regeneração.

Não pude deixar de sorrir ao observar um álbum de lindas fotos.

Em seguida, Lísias me chamou para conhecer a casa. Fiquei mais tempo no banheiro, onde as instalações me surpreenderam. Tudo simples, mas confortável.

Ainda não tinha me recuperado das surpresas, quando D. Laura nos convidou para a oração.

Sentamo-nos em silêncio em torno de uma grande mesa.

Ligando um grande aparelho, ouvimos música suave. Era a oração do pôr do Sol. Ao fundo, surgiu a mesma bela imagem da Governadoria, que eu nunca me cansava de ver todas as tardes no hospital. No entanto, naquele momento, senti profunda alegria. E vendo o coração azul desenhado ao longe, senti que me ajoelhava em espírito, cheio de alegria e gratidão.

AMOR, ALIMENTO DAS ALMAS

Quando a oração terminou, a dona da casa nos convidou para uma sopa e algumas frutas, que mais pareciam concentrados de fluidos deliciosos. Muito surpreso, ouvi D. Laura explicar com graça:

- Afinal, nossas refeições aqui são muito mais agradáveis que na Terra. Em “Nosso Lar”, há residências que as dispensam quase por completo, mas nas zonas do Ministério do Auxílio não podemos ficar sem os concentrados fluídicos, tendo em vista os serviços pesados impostos pelas circunstâncias. Gastamos muita energia. É necessário renovar sempre as forças.

- Mas isso – disse uma das moças – não quer dizer que somente nós, os funcionários do Auxílio e da Regeneração, dependemos de alimentos. Nenhum Ministério, inclusive o da União Divina, os dispensa. O que muda é o tipo. Na Comunicação e no Esclarecimento há um grande gasto de frutos. Na Elevação, o consumo de sucos e concentrados não é pequeno. E na União Divina, os fenômenos de alimentação chegam a processos incríveis.

Meu olhar de dúvida ia de Lísias para D. Laura, ansioso por maiores explicações. Todos achavam graça da minha natural surpresa, mas a mãe de Lísias satisfaz minha vontade, explicando:

- Você talvez ainda não saiba que o que mais sustenta as criaturas é o amor. De vez em quando, recebemos em “Nosso Lar” grandes comissões de instrutores, que nos trazem orientações relativas à alimentação espiritual. Todo sistema de alimentação, nas várias dimensões, tem o amor como a base mais profunda. O alimento físico propriamente dito, mesmo aqui, é só uma questão de materialidade passageira, como no caso dos veículos terrestres que precisam de graxa e óleo. A alma, em si, nutre-se apenas de amor. Quanto mais nos elevarmos no plano evolutivo da Criação, mais entenderemos esta verdade. Você não concorda que o amor seja o alimento do universo?

Essas considerações me davam muito conforto. Percebendo minha satisfação íntima, Lísias comentou:

- Tudo se equilibra no amor infinito de Deus e, quanto mais evoluído é o ser, mais sutil o seu processo de alimentação. O verme, no subsolo do planeta, nutre-se essencialmente de terra. O animal maior colhe na planta os elementos do seu sustento, assim como a criança quando mama na mãe. O homem colhe o fruto, transforma-o de acordo com o seu paladar e serve-o em casa para a família. Nós, desencarnados, necessitamos de substâncias suculentas, com uma característica mais fluídica, e, à medida que a criatura evolui, mais delicado se torna o processo.

- E não vamos nos esquecer da questão dos veículos – acrescentou D. Laura – porque, no fundo, o verme, o animal, o homem e nós, dependemos completamente do amor. Todos nos movemos nesse amor e sem ele não existiríamos.

- É impressionante! – comentei emocionado.

- Não se lembra do ensino evangélico do “amai-vos uns aos outros”? – prosseguiu a mãe de Lísias – Essas orientações de Jesus não visavam somente a caridade, com que todos nós aprenderemos, mais cedo ou mais tarde, que a prática do bem é, nada mais, nada menos, que um dever. Ele também nos aconselhava a nos alimentarmos uns aos outros, com fraternidade e simpatia. O homem encarnado um dia saberá que a conversa amiga, o gesto afetuoso, a bondade recíproca, a confiança mútua, a compreensão, o interesse fraterno – bens que se derivam naturalmente do amor maior – são sólidos alimentos para a vida. Quando reencarnados na Terra, sofreremos grandes limitações, mas quando voltamos para cá percebemos que toda a estabilidade da alegria é uma questão apenas de alimentação espiritual. Baseados nesses bens, lares, vilas, cidades e nações da Terra são formados.

Lembrei-me instintivamente das teorias sobre o sexo, amplamente difundidas no mundo, e D. Laura, talvez adivinhando meus pensamentos, comentou:

- E que ninguém diga que é apenas uma questão de sexo. O sexo é uma manifestação sagrada do amor divino universal, mas é também uma expressão isolada do potencial infinito. Entre os casais mais espiritualizados, o carinho e a confiança, a dedicação e o entendimento mútuos ficam muito acima da união física, a qual se torna, para eles, apenas uma realização passageira. A troca magnética é o fator que estabelece o ritmo necessário à manifestação mais equilibrada. Para que a alegria se alimente, basta estarem juntos e, às vezes, apenas que se compreendam.

Aproveitando a pausa mais longa, Judite acrescentou:

- Em “Nosso Lar” aprendemos que a vida física se equilibra no amor, sem que a maior parte dos homens perceba. Almas gêmeas, almas irmãs, almas afins, são pares e grupos numerosos. Unindo-se umas às outras, amparando-se mutuamente, conseguem equilíbrio na Terra. No entanto, quando o companheiro falta, a criatura mais fraca costuma cair no meio do caminho.

- Como você vê, André, - completou Lísias - mesmo nisso é possível relembrar o Evangelho do Cristo: “nem só de pão vive o homem.”

Antes que pudéssemos fazer outros comentários, a campainha tocou.

O enfermeiro se levantou para atender.

Dois rapazes simpáticos entraram na sala.

- Estes são - disse Lísias, falando gentilmente - nossos irmãos Polidoro e Estácio, companheiros de serviço no Ministério do Esclarecimento.

Cumprimentos, abraços e alegria.

Depois de alguns minutos, D. Laura falou sorridente:

- Todos vocês trabalharam muito hoje. Aproveitaram bem o dia. Não estraguem o programa amoroso por nossa causa. Não esqueçam do passeio ao Campo da Música.

Percebendo a preocupação de Lísias, D. Laura acrescentou:

- Pode ir, meu filho. Não deixe Lascínia esperar tanto. André ficará comigo até que possa acompanhar você nesses programas.

- Não se incomode comigo. - falei instintivamente.

D. Laura ainda acrescentou com um sorriso amável:

- Hoje ainda não vou poder participar das atividades do Campo. Minha neta recém desencarnada está em casa se recuperando.

Todos saíram muito alegres. A dona da casa, fechando a porta, virou-se para mim e explicou sorrindo:

- Vão em busca do alimento de que estávamos falando. Os laços afetivos são mais belos e mais fortes aqui. O amor, André, é o pão divino das almas, o sustento sublime dos corações.

A JOVEM DESENCARNADA

- Sua neta não come com os outros? – perguntei à dona da casa, tentando uma conversa mais íntima.

- Por enquanto, come sozinha – esclareceu D. Laura – A boba ainda está nervosa e abatida. Aqui não deixamos que uma pessoa perturbada e triste coma com os outros. Mau humor, irritação e agitação emitem fluidos pesados e venenosos que se misturam automaticamente aos alimentos. Com a nossa ajuda, minha neta ficou 15 dias no Umbral muito sonolenta. Deveria ter ido para o hospital, mas, por fim, veio ficar sob os meus cuidados diretos.

Demonstrei vontade de visitar a recém-desencarnada. Seria muito interessante ouvi-la. Há quanto tempo eu estava sem saber nada do mundo físico?

Quando comentei isso com D. Laura, ela não pensou duas vezes.

Entramos num quarto confortável e muito grande. Uma jovem muito pálida descansava numa poltrona confortável. Ficou muito surpresa quando me viu.

- Este amigo, Eloísa, - explicou a mãe de Lísias, apontando para mim – é um irmão que chegou há pouco tempo do plano físico.

A moça me olhou curiosa, embora as olheiras fundas demonstrassem grande cansaço pelo esforço que fazia para se concentrar. Cumprimentou-me, ensaiando um sorriso vago, e eu me apresentei.

- Deve estar cansada – comentei.

Mas antes que ela respondesse, D. Laura se adiantou para evitar que a moça fizesse esforços cansativos demais:

- Eloísa tem estado inquieta, aflita. Em parte, faz sentido. A tuberculose foi longa e deixou marcas profundas nela. Entretanto, não se pode abrir mão do otimismo e da coragem, em qualquer situação.

Vi a jovem arregalar os olhos muito negros, tentando conter o choro, mas não adiantou. Seu peito começou a sacudir violentamente e, com o lenço no rosto, não conseguia conter os soluços cheios de angústia.

- Bobinha! – disse a doce senhora, abraçando a moça – Você precisa reagir contra isso. Estas impressões são consequência de uma educação religiosa deficiente. Você sabe que sua mãe não vai demorar muito a chegar. Sabe também que não pode contar com a fidelidade do noivo que, de forma nenhuma, está preparado para dedicar seu espírito sinceramente a você na Terra. Ele ainda está longe do amor espiritual sublimado. Claro que se casará com outra e você tem que se acostumar com essa idéia. Nem seria justo exigir que ele viesse para cá de repente.

Sorrindo com ternura, D. Laura acrescentou:

- Suponhamos que ele viesse, desobedecendo a lei. Não seria mais difícil e sofrido? Você não acha que pagaria caro demais por se envolver numa coisa dessas? Aqui você sempre terá a ajuda fraterna de amigos carinhosos para se equilibrar. E se você ama mesmo o rapaz, deve procurar se harmonizar para poder ajudá-lo mais tarde. Além disso, sua mãe não vai demorar para chegar.

O pranto da moça me causou pena. Tentei dar outro rumo à conversa, tentando tirá-la da crise de choro.

- De onde você vem, Eloísa? – perguntei.

A mãe de Lísias, agora calada, parecia que também queria ver a moça sair daquele estado.

Depois de um bom tempo enxugando os olhos, a moça respondeu:

- Do Rio de Janeiro.

- Só que você não deve chorar assim. – respondi. – Você é muito feliz. Desencarnou há pouco tempo, está com a própria família e não passou pelas grandes dificuldades do momento da morte.

Ela parecia mais animada e falou com mais calma:

- Mas você não imagina como tenho sofrido. Oito meses de luta com a tuberculose, mesmo com os tratamentos... a mágoa de haver transmitido a doença para minha mãe... Além disso, não é possível dizer o que sofreu o meu noivo por minha causa...

- Ora, ora, não diga isso. – observou D. Laura sorrindo. – Na Terra, sempre pensamos que não existe dor maior que a nossa. Pura cegueira: há milhões de criaturas enfrentando situações realmente cruéis, se compararmos com as nossas experiências.

- Mas, vó, o Arnaldo ficou arrasado, desesperado. Tudo isso deixa a gente preocupada – comentou contrariada.

- E você acredita mesmo nisso? – perguntou a senhora com carinho. – Andei prestando atenção ao seu ex-noivo várias vezes enquanto você esteve doente. Era natural que ele ficasse tão abalado vendo seu corpo se consumir com a doença, mas ele não está preparado para compreender um sentimento puro. Vai se recuperar bem depressa. Amor iluminado não é para qualquer um. Por isso, mantenha o otimismo. É claro que você poderá ajudá-lo muitas vezes ainda, mas, em matéria de relacionamento conjugal, já vai encontrá-lo casado com outra quando puder ir visitar a Terra.

Admirado, percebi a surpresa triste de Eloísa. A doente não sabia como reagir à postura serena e equilibrada da avó.

- Será?

A mãe de Lísias ensaiou um gesto de muito carinho e falou:

- Não seja teimosa, nem tente me desmentir.

Vendo que a moça parecia querer uma prova, D. Laura insistiu com delicadeza:

- Você não se lembra da Maria da Luz, a colega que levava flores para você todos os domingos? Pois então: assim que o médico declarou confidencialmente que a sua recuperação seria impossível, Arnaldo, mesmo estando muito magoado, começou a envolvê-la com pensamentos diferentes. Agora que você está aqui, não demorará muito para que tome novas decisões.

- Ah, que horror, vó!

- Horror por quê? Você precisa aprender a pensar nas necessidades dos outros. Seu noivo é um homem comum, não conhece as belezas sublimes do amor espiritual. Por mais que o ame, não vai poder fazer milagres. A auto-descoberta é trabalho pessoal de cada um. Mais tarde, Arnaldo saberá da beleza do seu sentimento, mas, por ora, é preciso deixá-lo viver as experiências de que precisa.

- Não me conformo! – respondeu a moça, chorando. – Justamente Maria da Luz, minha melhor amiga!

D. Laura, sorriu e falou com jeito:

- Mas não seria melhor, mais agradável, que alguém de sua confiança cuidasse dele? Maria da Luz será sempre sua amiga espiritual, enquanto que uma outra mulher poderia criar problemas para que você se aproximasse dele mais tarde.

Eu estava totalmente surpreso. Eloísa desatou a chorar. A bondosa senhora percebeu minha intranquilidade e, querendo orientar tanto à neta como a mim, explicou com clareza:

- Eu sei por quê você chora tanto, minha filha: egoísmo e vaidade, os maiores e mais antigos vícios humanos. Só que eu não falo para magoá-la, mas para que você enxergue a realidade.

Enquanto Eloísa chorava, a mãe de Lísias me convidou para ir à sala novamente, considerando que a doente precisava descansar.

Quando nos sentamos, falou em tom confidencial:

- Minha neta chegou profundamente cansada. Ficou muito tempo presa ao amor próprio exagerado. O certo para ela seria estar num dos nossos hospitais, mas o Assistente Couceiro achou melhor deixá-lo conosco. Aliás, isso me agrada muito, porque minha querida Teresa, mãe de Eloísa, está para chegar. Mais um pouco de paciência e teremos uma boa solução. Questão de tempo e de tranquilidade.

20 NOÇÕES DE LAR

Querendo aproveitar o máximo possível da conversa com D. Laura, perguntei curioso:

- Mesmo com tanta coisa para fazer, a senhora ainda trabalha fora de casa?

- Sim. Vivemos numa cidade de transição, no entanto, os objetivos da colônia são trabalho e aprendizado. Aqui as almas femininas assumem várias obrigações, a fim de se prepararem para reencarnar ou ir para dimensões mais elevadas.

- Mas, em “Nosso Lar”, a organização doméstica é igual à da Terra?

D. Laura adotou expressão muito significativa e acrescentou:

- O lar terrestre é que tenta, há muito tempo, copiar o que temos aqui, mas os cônjuges lá, com raras exceções, ainda estão aprendendo a lidar com os sentimentos, fascinados que estão pela vaidade pessoal e completamente envolvidos pelo ciúme e o egoísmo. Da última vez que desencarnei, naturalmente tinha muitas ilusões. Mas, por coincidência, na mesma época em que sofria com o orgulho ferido, tive a oportunidade de ouvir um grande instrutor no Ministério do Esclarecimento. Desde aquele dia, tenho novas idéias a respeito do assunto.

- A senhora poderia comentar algumas das idéias que aprendeu? – perguntei com interesse.

- O orientador, profundo conhecedor de matemática, – continuou ela – disse-nos que o lar é como um ângulo reto nas linhas do plano da evolução divina. A linha vertical é o sentimento feminino voltado para as energias criadoras da vida. A linha horizontal é o sentimento masculino, trabalhando para o progresso de todos. O lar é o encontro sagrado dessas duas linhas, homem e mulher, para o indispensável entendimento. É como um templo onde a união espiritual deveria acontecer antes da união corporal. Hoje em dia, há na Terra muita gente estudando as questões sociais, sugerindo várias medidas e pedindo a regeneração da vida doméstica. Alguns chegam a afirmar que a instituição da família humana está ameaçada. No entanto, o mais importante a considerar é que, na verdade, o lar é uma conquista sublime que os homens vão fazendo aos poucos. Onde podemos ver, no mundo, um lar de verdade, baseado na harmonia, com direitos e deveres igualmente estabelecidos? Na maioria dos casos, os casais terrestres gastam mais tempo com a indiferença ou o egoísmo feroz. Quando o marido está calmo, a mulher parece desesperada. Quando a esposa se acalma com humildade, o marido age como tirano. Nem a esposa tenta ajudar o marido em sua horizontal de tarefas temporárias, nem o marido tenta acompanhá-la em sua vertical de ternura e sentimento, em direção às dimensões mais elevadas. Em sociedade, mantêm as aparências, mas, na intimidade, nem sequer se permitem ouvir um ao outro em suas necessidades. Se a mulher fala dos filhos, o marido pensa nos negócios. Se o marido comenta qualquer problema que tenha no trabalho, a mulher pensa na costureira. É claro que, dessa maneira, o ângulo divino não está bem traçado. Duas linhas divergentes tentam, em vão, formar o ângulo sublime que servirá como degrau na subida evolutiva.

Esses conceitos mexiam muito comigo e, muito impressionado, comentei:

- D. Laura, esses esclarecimentos levam a um mundo de novas idéias. Ah, se soubéssemos disso enquanto estávamos encarnados!...

- Uma questão de experiência, André. – respondeu a senhora – O homem e a mulher aprenderão sofrendo e lutando. Por enquanto, muito poucos sabem que o lar é, em essência, uma instituição divina e que devemos viver nele com todo o coração e a alma. Durante o noivado, as pessoas comuns esforçam-se por mobilizar ao máximo o espírito. E por isso dizemos que toda pessoa fica linda quando está amando. Até o assunto mais banal se torna especial em suas conversas corriqueiras. Nessa fase, homem e mulher estão completamente afinizados em suas energias mais sutis. Mas a maioria, assim que se casa, perde o encanto, deixando-se envolver por emoções menos nobres. Não há concessões mútuas. Não há tolerância e, às vezes, nem fraternidade. E a beleza do amor

iluminado se acaba quando os cônjuges deixam de conversar e trocar confidências. Daí em diante, os mais educados respeitam-se e o mais rudes mal se suportam. Não se entendem. Perguntas e respostas são feitas com algumas palavras apenas. Por mais que unam os corpos, as mentes vivem separadas e caminham em direções opostas.

- É a mais pura verdade! – falei emocionado.

- Mas o que vamos fazer, André? – respondeu a senhora – No atual estágio evolutivo do planeta, raras são as uniões de almas gêmeas, poucos são os casamentos de almas afins e muitas são as ligações de resgate. A maioria dos casais humanos se mantém unida por algemas, como condenados.

Tentando voltar ao assunto de minha pergunta inicial, D. Laura continuou:

- As almas femininas não podem ficar aqui sem fazer nada. É preciso aprender a ser mãe, esposa, missionária, imã. A tarefa da mulher no lar não pode se limitar a algumas lágrimas de piedade inútil e a vários anos de submissão. É claro que o desesperado movimento feminista contemporâneo não passa de triste ataque contra as verdadeiras atribuições espirituais da alma feminina. A mulher não pode disputar com o homem em salas e escritórios onde se localizam as atividades reservadas ao espírito masculino. No entanto, nossa colônia ensina que existem muitos serviços importantes fora de casa para as mulheres. A enfermagem, o ensino, as indústrias têxteis, a informação, enfim, os serviços que exigem paciência representam atividades bem importantes. O homem deve aprender a levar para casa a riqueza de suas experiências e a mulher precisa levar a doçura do lar para as tarefas mais frias do homem. Dentro de casa, a inspiração e, fora dela, a atividade. Uma não pode viver sem a outra. Como pode o rio se sustentar sem a nascente? E como pode a água da nascente se espalhar sem o leito do rio?

Não pude deixar de sorrir com aquele questionamento. Depois de um longo intervalo, a mãe de Lísias continuou:

- Quando o Ministério do Auxílio coloca crianças para viver em minha casa, minhas horas de serviço são contadas em dobro, o que demonstra a importância do serviço maternal no plano físico. Entretanto, quando isso não acontece, dedico-me aos serviços de enfermagem durante o dia, com uma semana de 48 horas de trabalho. Todo mundo trabalha aqui em casa. A não ser por minha neta que está se recuperando, nenhuma pessoa da família fica para da. Trabalhar oito horas diárias pelo bem comum não é difícil para ninguém. Ficaria envergonhada se não fizesse a minha parte.

21 CONTINUANDO A CONVERSA

- Esta conversa, D. Laura, - falei com interesse – gera muitas dúvidas e vou acabar parecendo curioso e abusado...

- Não diga isso, – respondeu gentil – pergunte sempre. Não tenho condições de ensinar, mas é sempre fácil informar.

Rimos dos comentários e perguntei em seguida:

- Como a senhora vê o problema da propriedade em “Nosso Lar”? Esta casa, por exemplo, é sua?

Ela sorriu e explicou:

- Assim como na Terra, a propriedade aqui é relativa. Nossas aquisições são feitas com base em horas de trabalho. O bônus-hora, no fundo, é o nosso dinheiro. Tudo é adquirido com esses cupons, que obtemos com dedicação e esforço próprio. As construções, em geral, são de todos, sob o controle da Governadoria. No entanto, cada família espiritual pode conseguir uma casa (nunca mais de uma), apresentando 30 mil bônus-hora, que podem ser alcançados depois de algum tempo de serviço. Nossa casa foi conquistada pelo trabalho perseverante de meu marido, que veio para o plano espiritual muito antes de mim. Ficamos 18 anos separados pelos laços físicos, mas estivemos sempre unidos pelos laços espirituais. Ricardo não se acomodou. Recolhido em “Nosso Lar”, depois de algum tempo de muitas perturbações, percebeu logo a necessidade de se esforçar para nos dar um lar no futuro. Quando cheguei, inauguramos a casa que ele havia montado com muito carinho, aumentando nossa felicidade. Desde então, tenho aprendido muitas coisas novas com ele. Eu lutei muito depois que fiquei viúva. Como ainda era muito jovem e tinha os filhos pequenos, tive de aceitar serviços difíceis. Com muito esforço, pude passar aos nossos filhos a educação que eu tinha, fazendo com que, logo cedo, se acostumassem a trabalhar. Depois entendi que a vida difícil havia me livrado dos sofrimentos e angústias do Umbral, por ter evitado que eu passasse por perigosas tentações. O trabalho honesto, quando executado com o próprio suor e dedicação, representa importante defesa e meio de elevação para a alma. Reencontrar Ricardo, montar nova casa com afeto, era como o céu para mim. Durante muitos anos seguidos vivemos a vida infinita de alegrias, trabalhando por nossa evolução, unindo-nos cada vez mais e cooperando no progresso efetivo dos nossos familiares. Com o tempo, Lísias, Iolanda e Judite se juntaram a nós, aumentando nossa felicidade.

Depois de uma pausa rápida, em que parecia pensar, D. Laura continuou num tom sério:

- Mas o mundo nos esperava. Se o presente estava cheio de alegria, o passado nos cobrava, para que o futuro se harmonizasse com a lei universal. Não podíamos pagar à Terra com bônus-hora e, sim, com o nosso próprio esforço honesto. Como agíamos com boa vontade, começamos a ver mais claramente o passado doloroso. A lei do ritmo pedia que voltássemos.

Aquelas colocações me impressionavam muito. Era a primeira vez que eu ouvia falar a respeito de vidas passadas na colônia.

- D. Laura, - disse, interrompendo-a – posso, por favor, fazer uma colocação? Desculpe minha curiosidade, mas, até agora, ainda não pude saber mais detalhes a respeito de meu passado espiritual. No entanto, não estou livre dos laços físicos? Não passei pela morte física? A senhora lembrou do passado logo depois de chegar aqui ou teve que esperar algum tempo?

- Tive que esperar. – respondeu sorridente – Antes de tudo, é preciso que nos livrems das impressões físicas. Os traços de inferioridade são muito fortes. É preciso muito equilíbrio para que possamos aprender com que o recordamos. Em geral, todos nós temos erros graves nas várias encarnações. Quem se lembra do crime que cometeu, costuma se considerar a pior criatura do universo. E quem se lembra do crime de que foi vítima, considera-se o mais infeliz. Portanto, só as almas muito seguras de si recebem

esses recursos imediatamente após a morte. As outras têm suas lembranças controladas e, se tentam enganar esse dispositivo da lei, geralmente acabam ficando desequilibradas e perturbadas.

- Mas a senhora se lembrou naturalmente do passado? – perguntei.

- Deixe-me explicar. – respondeu gentil – Quando minha visão interior se aclarou, as lembranças vagas me causavam muitas perturbações. Coincidentemente, meu marido passava pelos mesmos problemas. Resolvemos, então, consultar o assistente Longobardo. Esse amigo, depois de um exame cuidadoso de nossas impressões, encaminhou-nos aos magnetizadores do Ministério do Esclarecimento. Fomos recebidos com carinho e, em primeiro lugar, tivemos acesso à Seção do Arquivo, onde todos nós temos anotações particulares. Os técnicos nos aconselharam a, durante dois anos, ler nossas próprias memórias relativas ao período de três séculos, sem que prejudicássemos nosso trabalho no Auxílio. O chefe do Serviço de Recordações não permitiu que lêssemos as fases anteriores, explicando que ainda não éramos capazes de suportar as lembranças de outras épocas.

- E só com a leitura a senhora recuperou completamente as lembranças? – perguntei curioso.

- Não. A leitura apenas informa. Depois de um bom tempo pensando para podermos nos esclarecer, com surpresas indescritíveis, fomos submetidos a algumas operações psíquicas para que pudéssemos recuperar os aspectos emocionais das lembranças. Os técnicos no assunto nos aplicaram passes no cérebro, despertando certas energias adormecidas... Ricardo e eu recuperamos, então, 300 anos de memória integral. Aí entendemos o quanto ainda devíamos ao planeta!...

- E onde está nosso irmão Ricardo? Gostaria muito de conhecê-lo!... – disse impressionado.

A mãe de Lísias balançou a cabeça e murmurou:

- Em vista do que soubemos sobre o passado, combinamos de nos reencontrar na Terra. Temos trabalho, muito trabalho lá. Assim sendo, Ricardo reencarnou há apenas três anos. E eu irei em alguns dias. Estou apenas esperando a chegada de Teresa, para deixá-la aqui com a família.

E com o olhar vago, como se o pensamento estivesse muito longe, ao lado da filha ainda encarnada, D. Laura acrescentou:

- A mãe de Eloísa não vai demorar. Ficará apenas algumas horas no Umbral, em vista de seus sacrifícios desde muito pequena. Como sofreu muito, não vai precisar passar pela Regeneração. Assim, poderei passar a ela minhas tarefas no Auxílio e partir sossegada. Deus não esquecerá de nós.

22 O BÔNUS-HORA

Notando que D. Laura ficou triste de repente ao se lembrar do marido, mudei de assunto, perguntando:

- E o bônus-hora? É algum tipo de moeda?

D. Laura deixou a postura pensativa em que estava e respondeu atenciosa:

- Não é propriamente uma moeda, mas uma ficha de serviço individual, que funciona como valor aquisitivo.

- Aquisitivo? – perguntei de repente.

- Vou explicar. – respondeu a senhora gentil – Em “Nosso Lar”, a produção de roupas e alimentos básicos é de todos em comum. Há serviços centrais de distribuição na Governadoria e departamentos com igual função nos Ministérios. O estoque fundamental é propriedade de todos.

Vendo minha expressão de espanto, acrescentou:

- Todos cooperam no crescimento do patrimônio comum e vivem dele. Mas os que trabalham adquirem direitos justos. Todos os habitantes de “Nosso Lar” recebem provisões de comida e roupa para o que é absolutamente necessário. Mas os que se esforçam para ganhar bônus-hora conseguem certas regalias na comunidade. O espírito que ainda não trabalha, poderá viver aqui. No entanto, os que colaboram podem ter casa própria. Quem não trabalha, com certeza terá o que vestir, mas o operário dedicado, sem dúvida, se vestirá como quiser e o melhor que puder, entendeu? Quem não faz nada pode ficar nos campos de repouso ou nos parques de tratamento, a pedido de amigos. Entretanto, as almas que trabalham conquistam bônus-hora e podem viver na companhia de pessoas queridas, nos lugares reservados ao lazer, ou em contato com sábios orientadores nas diversas escolas dos Ministérios em geral. Todos precisamos saber quanto custa cada melhoria e elevação. Cada um dos que trabalham deve dar, no mínimo, oito horas de serviço útil por dia. Como os programas de trabalho são muitos, a Governadoria permite ainda 4 horas extras de trabalhos para os que desejam colaborar com o bem estar comum. Desse modo, há muita gente que consegue receber 72 bônus-hora por semana, sem falar nos serviços sacrificiais, em que a remuneração pode ser duplicada ou triplicada.

- Mas esse é o único tipo de remuneração? – perguntei.

- Sim, é o padrão de pagamento para todos os colaboradores da colônia, não só na administração, como também na obediência.

Pensando nas organizações existentes na Terra, perguntei espantado:

- Mas como conciliar esse padrão com o tipo de serviço? O administrador ganhará 8 bônus-hora num dia normal de trabalho e o operário do transporte receberá a mesma coisa? O trabalho do primeiro não seria mais elevado que o do segundo?

D. Laura sorriu com a pergunta e explicou:

- Tudo é relativo. Se o trabalho é de sacrifício pessoal, seja como chefe ou como subalterno, a quantia é multiplicada de acordo. Mas para analisar com mais atenção a sua pergunta, precisamos, antes de mais nada, esquecer alguns conceitos terrestres. O tipo de serviço é de suma importância, mas é justamente no plano físico que sua solução nos parece mais difícil. A maioria dos encarnados está apenas treinando o espírito de serviço e aprendendo a trabalhar nos vários setores da vida humana. Por isso mesmo, é preciso determinar as remunerações terrestres com mais atenção. Tudo que se ganha no mundo é lucro transitório, passageiro. Vemos muitos trabalhadores obcecados por juntar dinheiro, deixando enormes fortunas para serem esgotadas por criaturas sem consciência. Outros amontoam grandes somas em bancos que só servem para martirizar a si mesmos e arruinar a família. Por outro lado, é indispensável considerar que 70% dos administradores encarnados não se lembram de seus deveres morais e a mesma percentagem de subordinados está na mesma situação. Quase todos vivem dizendo que não têm vocação para a função que exercem, mas continuam a receber o salário

correspondente. Governos e empresas pagam a médicos que exploram o interesse dos outros e a operários que matam o tempo. Como é que fica, nesse caso, o tipo de serviço de que você fala? Há técnicos de economia que nunca cumpriram completamente suas obrigações e se aproveitam de leis generosas para conseguir privilégios e regalias em abonos, facilidades e aposentadorias. Mas você pode acreditar que todos pagarão muito caro por essa irresponsabilidade. Parece que está distante o tempo em que os institutos sociais serão capazes de determinar a qualidade de serviço dos homens, porque, para o plano espiritual superior, não se pode falar em tipo de trabalho sem levar em consideração os aspectos morais envolvidos.

Esses comentários me chamaram a atenção para novos conceitos. Notando meu interesse em saber mais, D. Laura continuou:

- O verdadeiro ganho da criatura é de natureza espiritual. E o bônus-hora, em nossa colônia, tem valor bastante diferente, de acordo com a natureza dos nossos serviços. No Ministério da Regeneração, temos o bônus-hora-regeneração. No Ministério do Esclarecimento, o bônus-hora-esclarecimento. E assim por diante. Para analisar o rendimento espiritual, é justo que a documentação de trabalho demonstre o tipo de serviço. As aquisições fundamentais são em experiência, educação, enriquecimento de bênçãos divinas, maiores possibilidades. Por este ângulo, a frequência e dedicação ao trabalho são quase tudo aqui. Em geral, em nossa cidade de transição, a maioria dos espíritos se prepara para reencarnar. Desse ponto de vista, é natural que a pessoa que dedicou 5 mil horas a serviços regeneradores tenha feito um grande esforço em seu próprio benefício. Aquele que dedicou 6 mil horas ao Ministério do Esclarecimento, será mais sábio. Podemos gastar bônus-horas conquistados, mas o registro individual de tempo de serviço também conta para a obtenção de direito a títulos nobres.

Instruções como essas me interessavam muito.

- Mas nós podemos gastar bônus-hora a favor de amigos? – perguntei curioso.

- Claro que sim. – disse ela. – Podemos repartir as bênçãos que alcançamos com nosso próprio esforço da maneira que acharmos melhor. Isto é direito intransferível de todo trabalhador fiel. Temos milhares de pessoas favorecidas em “Nosso Lar”, graças à amizade e o estímulo fraterno.

Nesse momento, a mãe de Lísias sorriu e comentou:

- Quanto maior for o tempo de trabalho, maiores serão os pedidos que poderemos fazer pelos outros. É aí que entendemos que não existe nada sem preço e que, para receber alguma coisa, temos antes que dar alguma coisa. Assim, pedir é muito válido na existência de qualquer um. Mas só os que possuem títulos adequados é que podem pedir e oferecer favores, entendeu?

- E o problema da herança? – perguntei de repente.

- Aqui não temos muitas complicações. – respondeu D. Laura, sorrindo. – Veja o meu caso, por exemplo. Está chegando a hora de voltar ao plano físico. Tenho 3 mil bônus-hora-auxílio nos meus registros pessoais. Não posso deixá-los para minha filha que está para chegar, porque serão revertidos para o patrimônio comum, ficando minha família apenas com o direito de herança a esta casa. No entanto, minha ficha de serviço me dá o direito de ajudá-la, preparando trabalho e orientação de amigos, ao mesmo tempo em que garante para mim a ajuda necessária das organizações da colônia durante o período em que permanecer encarnada. E nesse cálculo, não estou levando em consideração o grande lucro que tive em experiência, durante os anos em que trabalhei no Ministério do Auxílio. Vou voltar à Terra com valores mais elevados e qualidades mais nobres, preparada para o êxito desejado.

Á fazer uma porção de comentários de administração, referentes ao processo de remuneração, comparando com os que existem na Terra, quando um burburinho começou a se aproximar da casa. Antes que eu pudesse fazer qualquer comentário, D. Laura foi dizendo satisfeita:

- Nossos queridos estão voltando.

E já se levantou para atendê-los.

23 SABER OUVIR

No fundo, lamentei a interrupção da conversa. As explicações de D. Laura fortaleciam meu coração.

Lísias entrou em casa visivelmente contente.

- Olá! Não foi dormir ainda? – perguntou sorrindo.

E, enquanto os outros se despediam, me fez um convite:

- Vamos ao jardim, pois você ainda não viu o luar por aqui.

A dona da casa ficou conversando com as filhas, enquanto eu acompanhava Lísias aos canteiros floridos.

Era um espetáculo maravilhoso! Acostumado a ficar só dentro do hospital, entre árvores grandes, ainda não sabia como a noite era clara e linda ali nos grandes quarteirões do Ministério do Auxílio. Glicínias de incrível beleza enbelezavam a paisagem. Lírios muito brancos, com um leve tom azulado no centro, pareciam taças de perfume suave. Respirei profundamente, sentindo que ondas de energia nova penetravam meu espírito. Ao longe, as torres da Governadoria apresentavam bonitos efeitos de luz. Estava tão delustrado que não conseguia dizer nada. Fazendo um esforço para demonstrar a admiração que sentia, falei emocionado:

- Nunca senti tanta paz! Que noite!...

O companheiro sorriu e disse:

- Há um compromisso entre todos os habitantes equilibrados da colônia, no sentido de não se emitirem pensamentos negativos. Dessa forma, o esforço da maioria se transforma em prece quase permanente. É daí que vêm as vibrações de paz que sentimos.

Depois de me deliciar admirando a paisagem maravilhosa, como se estivesse bebendo a luz e a calma da noite, voltamos para dentro da casa onde Lísias se dirigiu a um pequeno aparelho que estava na sala, parecido com os nossos aparelhos de rádio. Fiquei muito curioso. O que íamos ouvir? Mensagens da Terra? Como se adivinhasse minhas dúvidas íntimas, ele esclareceu:

- Não vamos ouvir pessoas encarnadas. Nossas transmissões se baseiam em vibrações mais sutis que as da Terra.

- Mas não existem recursos – perguntei – para recebermos as emissões do planeta?

- Claro que temos esses recursos em todos os Ministérios. No entanto, em casa, nos interessamos mais pelas coisas relacionadas à nossa condição atual. A programação dos serviços, as mensagens da espiritualidade superior e os grandes ensinamentos estão muito acima de qualquer notícia da Terra para nós.

O comentário era válido, mas, ainda apegado ao lar e à família terrena, perguntei:

- Mas é tanto assim? E os parentes que ficaram à distância? Nossos pais, nossos filhos?

- Já esperava que você fizesse essa pergunta. No plano físico ficamos viciados em determinadas situações e quase todos nós temos a mania de exagerar os sentimentos. Na Terra, somos sempre muito exclusivistas e, em família, ficamos limitados aos laços de parentesco, esquecendo-nos das nossas outras obrigações. Vivemos alheios aos verdadeiros sentimentos fraternos. Ensinamos a fraternidade a todo mundo, mas, em geral, na hora “H”, só nos interessamos pelo bem dos nossos próprios parentes. Mas aqui, André, a vida nos apresenta o outro lado da moeda e precisamos curar nossas antigas doenças e acabar com as injustiças. No início da colônia, até onde sabemos, todas as casas tinham alguma ligação com o plano físico. Ninguém suportava ficar sem notícias dos parentes comuns. Do Ministério da Regeneração ao da Elevação, o clima era só de nervosismo. Boatos assustadores perturbavam todas as atividades. Mas, há exatamente dois séculos, um dos Ministros da União Divina forçou a Governadoria a tomar uma atitude. É provável que o ex-Governador fosse tolerante demais. A bondade desviada causa quedas e indisciplina. E, de tempos em tempos, as notícias dos parentes

encarnados punham muitas famílias em pânico. Os desastres coletivos do mundo, aqui, transformavam-se em calamidades públicas, quando eram do interesse de alguém na colônia. Segundo nossos arquivos, a cidade parecia mais uma divisão do Umbral do que, propriamente, um lugar de regeneração e aprendizado. Apoiado pela União Divina, o Governador proibiu a comunicação generalizada com o plano físico. Houve luta, mas o Ministro generoso, que implantou a medida, inspirou-se no ensinamento de Jesus que manda os mortos enterrarem seus mortos, e a nova regra se tornou um sucesso em pouco tempo.

- Mas – argumentei – seria interessante ter notícias dos nossos parentes encarnados. Isso não nos daria maior paz de espírito?

Lísias, que estava perto do rádio sem ligá-lo, interessado em me dar maiores explicações, acrescentou:

- Observe a si mesmo, para ver se valeria a pena. Você está preparado, por exemplo, para manter a calma e a fé, ao saber que um dos seus filhos está sendo injustamente acusado ou acusando injustamente a alguém? E se alguém lhe dissesse agora que um dos seus irmãos de sangue foi preso hoje como criminoso, você seria capaz de se manter tranquilo?

Sorri decepcionado.

- Não devemos procurar notícias dos planos inferiores, - prosseguiu com gentileza – a não ser para obter resultados positivos e justos. Temos que considerar que nenhuma criatura será capaz de ajudar de forma efetiva se estiver com os pensamentos e os sentimentos desequilibrados. Por isso, é indispensável uma preparação adequada antes de fazermos novos contatos com os parentes terrenos. Se eles fossem capazes de cultivar o amor espiritual, o intercâmbio seria válido. Mas a maioria dos encarnados ainda não alcançou nem o domínio de si mesmo e vive perdida entre os altos e baixos da vida material. Precisamos evitar cair em vibrações inferiores, mesmo com todas as dificuldades sentimentais que enfrentamos.

Assim mesmo, confirmando minha teimosia, ainda perguntei:

- Mas, Lísias, com alguém querido encarnado, como seu pai, você não gostaria de se comunicar com ele?

- É claro que, - respondeu com bondade – quando merecemos essa alegria, nós o visitamos em sua nova vida e ele também nos visita, quando existe necessidade de comunicação entre ele e nós. Mas não devemos esquecer que somos criaturas sujeitas a falhas. Por isso, precisamos pedir a ajuda dos órgãos competentes para que nos digam quando esse contato é oportuno e merecido. Para isso, temos o Ministério da Comunicação. Vale acrescentar que, da esfera superior, é possível alcançar a inferior com mais facilidade. No entanto, existem certas leis que determinam que os que se encontram nas zonas mais baixas sejam compreendidos adequadamente. Saber ouvir é tão importante quanto saber falar. “Nosso Lar” tinha muitas perturbações porque, não sabendo ouvir, não podia ajudar de fato e a colônia se transformava em campo de confusão com muita frequência.

Com o forte argumento, senti-me vencido e me calei. E, enquanto continuava em silêncio, Lísias ligou o aparelho.

O IMPRESSIONANTE APELO

Quando o aparelho foi ligado, suave melodia se espalhou pelo ambiente, envolvendo-nos em sons harmoniosos, enquanto víamos, na tela, o locutor no gabinete de trabalho. Dali a pouco, ele começou a falar:

- Emissora do Posto 2 de “Moradia”. Continuamos a transmitir o apelo da colônia em benefício da paz na Terra. Incentivamos os colaboradores de boa vontade a juntar forças no serviço de preservação do equilíbrio moral no plano físico. Ajudem-nos, quantos puderem dispor de algumas horas de colaboração nas zonas de trabalho que ligam o Umbral à mente humana. Escuras falanges da ignorância, depois de instigarem a guerra na Ásia, cercam os países europeus, inspirando novos crimes. Junto a outros que se dedicam ao trabalho de higiene espiritual nas camadas mais próximas da Terra, nosso núcleo detecta os movimentos dos poderes concentrados do mal e pede a nossa colaboração fraterna e toda ajuda possível. Lembrem-se de que a paz necessita de trabalhadores de defesa! Colaborem conosco o quanto puderem!... Há serviço para todos, desde os campos da crosta até as nossas portas!... Que Deus nos abençoe.

O locutor se calou e ouvimos música suave novamente. O tom de voz do estranho convite abalou-me profundamente. Lísias foi quem me ajudou, explicando:

- Estamos ouvindo “Moradia”, velha colônia de serviços muito ligada às zonas inferiores. Como você sabe, estamos em agosto de 1939. Suas últimas experiências pessoais não lhe deram tempo de pensar na difícil situação do mundo, mas posso garantir-lhe que os países do planeta estão prestes a enfrentar batalhas terríveis.

- O que você está dizendo? – perguntei completamente assustado – Já não foi suficiente o sangue da última grande guerra?

Lísias sorriu, com os olhos brilhantes fixos em mim, lamentando, em silêncio, a difícil situação humana. Pela primeira vez, o enfermeiro não me respondeu. Seu silêncio me incomodou. O que mais me impressionava nesses novos planos era a grandeza dos serviços espirituais. Quer dizer, então, que havia cidades de espíritos bondosos replicando socorro e cooperação? O locutor tinha na voz o tom de um verdadeiro S.O.S. Vi seu rosto abatido na tela. Seus olhos demonstravam grande ansiedade. E a linguagem? Ouvi perfeitamente a língua portuguesa, clara e correta. Pensava que todas as colônias espirituais se comunicassem pelo pensamento. Mesmo ali, ainda havia a dificuldade no intercâmbio? Percebendo minhas dúvidas, Lísias esclareceu:

- Ainda estamos muito longe dos planos da mente pura. Assim como na Terra, os que se sintonizam perfeitamente podem se comunicar pelo pensamento, sem as dificuldades do idioma. Mas, de modo geral, não podemos abrir mão da forma, no sentido mais amplo da palavra. Nosso campo de atuação é imenso. A humanidade terrestre, composta de milhões de seres, une-se à humanidade invisível do planeta, composta por outros vários bilhões de criaturas. Portanto, não seria possível chegar aos planos da perfeição logo depois da morte física. Mesmo aqui, as heranças culturais permanecem, condicionadas pelo nosso psiquismo. Existe um grande número de espíritos completamente livres, nos mais diversos setores de nossa atividade espiritual, mas é preciso considerar que isso é exceção, pois a regra é estar preso a essas restrições. Nada pode contrariar o princípio de sequência que comanda as leis evolutivas.

Nesse meio tempo, a música foi interrompida e o locutor retornou:

- Emissora do Posto 2 de “Moradia”. Continuamos a transmitir o apelo da colônia em benefício da paz na Terra. Nevoeiros escuros se acumulam sobre a Europa. Forças trevas do Umbral penetram em todas as direções, atendendo o apelo das tendências mesquinhas do homem. Há muitos espíritos de luz dedicados a lutar pela harmonia internacional nos gabinetes políticos. No entanto, alguns governos estão centralizados demais, dificultando muito qualquer colaboração espiritual. Sem órgãos de análise e conselhos imparciais, esses países caminham para uma guerra de grandes proporções. Amados irmãos dos núcleos superiores, vamos ajudar na preservação da tranquilidade

humana!... Vamos defender a experiência de várias pátrias que deram origem à civilização ocidental!... Que Deus nos abençoe.

O locutor se calou novamente, enquanto as músicas retornavam.

O enfermeiro ficou em silêncio e eu não tive coragem de interromper. Depois de cinco minutos de harmonia, ouvimos a mesma voz novamente:

- Emissora do Posto 2 de “Moradia”. Continuamos a transmitir o apelo da colônia em benefício da paz na Terra. Irmãos e companheiros, vamos pedir a ajuda das poderosas Fraternidades da Luz que comandam os destinos da América!. Cooperem conosco para salvar milênios de história da evolução terrestre! Vamos marchar em socorro dos povos indefesos e amparar as mães sufocadas de angústia! Nossas energias estão voltadas contra as legiões da ignorância. Ajudem-nos como puderem! Somos a parte invisível da humanidade terrestre e muitos de nós voltaremos ao plano físico para resgatar antigos erros. A humanidade encarnada também é nossa família. Vamos nos unir numa só vibração. Vamos acender a luz contra o assédio das trevas. Vamos movimentar a resistência do bem contra a guerra do mal. Rios de sangue e lágrimas ameaçam os países europeus. Vamos ampliar nossa fé e alertar todos para a necessidade do trabalho construtivo!... Que Deus nos abençoe.

A essa altura, Lísias desligou o aparelho e enxugou discretamente uma lágrima que não conseguiu conter. Num gesto emocionado, falou:

- Grandes almas, os irmãos de “Moradia”! Mas é tudo inútil – acrescentou com tristeza, depois de rápida pausa – Em breve a humanidade encarnada vai pagar altos preços em sofrimento.

- E não há nada que se possa fazer para evitar essa catástrofe? – perguntei comovido.

- Infelizmente, - disse Lísias em tom grave e triste – a situação geral é muito crítica. Para atender o pedido de “Moradia” e de outros núcleos que funcionam perto do Umbral, fizemos várias reuniões aqui, mas o Ministério da União Divina explicou que a humanidade encarnada, como personalidade coletiva, está nas mesmas condições de alguém que comeu demais durante a refeição. A crise orgânica é inevitável. Várias nações nutriram-se de orgulho criminoso, vaidade e egoísmo feroz. Agora precisam expelir os venenos letais que engoliram.

E mostrando a intenção de mudar de assunto, Lísias sugeriu que fôssemos dormir.

25 CONSELHO GENEROSO

No dia seguinte, logo cedo, tomei um café rápido com Lísias e a família.

Antes que os filhos se despedissem para ir ao trabalho no Auxílio, D. Laura me animou, dizendo, com bom humor:

- Já arranjei companhia para você hoje. Pedi ao nosso amigo Rafael, funcionário da Regeneração, que passasse por aqui. Você poderá ir com ele ao novo Ministério. Rafael é amigo antigo de nossa família e vai apresentar você, em meu nome, ao Ministro Genésio.

Não saberia explicar como fiquei contente! Estava radiante. Agradei comovido, sem achar palavras que pudessem expressar minha alegria. Lísias também demonstrou-se muito feliz. Deu-me um forte abraço antes de sair, deixando-me emocionado. Ao beijar o filho, D. Laura recomendou:

- Lísias, avise ao Ministro Clarêncio que irei para o trabalho assim que deixar o nosso amigo André com Rafael.

Muito comovido, não sabia como agradecer tanta dedicação.

Quando ficamos a sós, a atenciosa mãe do meu amigo me disse, carinhosa:

- Meu irmão, deixe-me dar-lhe alguns conselhos para o futuro. Creio que a colaboração maternal sempre vale alguma coisa e, como sua mãe não vive em “Nosso Lar”, tomo para mim a satisfação de orientar você neste momento.

- Muito obrigado – respondi emocionado – Nunca saberei como demonstrar o quanto estou reconhecido por sua atenção.

A bondosa senhora sorriu e acrescentou:

- Estou sabendo que você pediu trabalho há algum tempo...

- Sim, sim... – respondi, lembrando as explicações de Clarêncio.

- Sei também que não consegui nada de imediato e que recebi, mais tarde, a necessária autorização para visitar os Ministérios que nos ligam mais diretamente à Terra.

Com uma expressão significativa no rosto, ela acrescentou:

- É justamente sobre isso que quero lhe dar alguns conselhos. Falo com o direito de quem tem mais experiência. Com essa autorização nas mãos, abandone qualquer curiosidade. Não queira ser como a mariposa que vai de lâmpada em lâmpada. Sei que seu espírito de pesquisa intelectual é muito forte. Médico estudioso, apaixonado pelas novidades e os mistérios, será muito difícil adaptar-se à nova posição. Mas não se esqueça que poderá conseguir maiores e mais nobres benefícios que a simples análise das coisas. A curiosidade, mesmo quando sadia, pode ser atitude muito interessante, mas, às vezes, pode se tornar perigosa. Os corajosos e leais lidam bem com ela. Mas os indecisos e inexperientes podem ter grandes problemas que não trazem benefício algum a ninguém. Clarêncio garantiu sua entrada nos Ministérios, começando pela Regeneração. Pois bem: não fique só observando. Em vez de ser apenas curioso, pense no trabalho a fazer e entregue-se a ele na primeira oportunidade que tiver. Enquanto puder ser útil na Regeneração, não se preocupe em ter destaque nos serviços dos outros Ministérios. Aprenda a construir o seu círculo de amizades e não se esqueça de que o espírito de pesquisa só deve vir depois do espírito de serviço. Pesquisar o trabalho dos outros, sem procurar o bem comum, pode ser atrevimento criminoso. Nas construções terrestres, muitos fracassos começam com este desvio. Todos querem observar, mas poucos se dispõem a fazer. Só o trabalho digno dá ao espírito o merecimento de que precisa para alcançar novos direitos. O Ministério da Regeneração está cheio de serviços pesados, pois ali se localiza a região mais baixa de nossa colônia espiritual. De lá saem todas as turmas destinadas aos trabalhos mais difíceis. Mas não se considere humilhado por realizar tarefas humildes. Lembre-se de que, em todos os planos terrestres, desde o físico até os mais elevado, o maior trabalhador é o próprio Cristo, que não se recusou a lidar com o serrote numa carpintaria. O Ministro Clarêncio gentilmente autorizou você a conhecer, visitar e analisar os Ministérios, mas você pode, como trabalhador de bom

senso, transformar observações em atividade útil. É possível que neguem a alguém uma determinada tarefa, por haver outra pessoa mais especializada para fazê-la, mas ninguém se recusará a aceitar a colaboração de um espírito de boa vontade, que ama o trabalho pelo prazer de servir.

Meus olhos estavam úmidos. Aquelas palavras, ditas com carinho maternal, caíam como bálsamo em meu coração. Poucas vezes na vida senti tanto interesse sincero por mim. Esse conselho calou fundo em minha alma e, como se quisesse adoçar conceitos importantes com amor, D. Laura acrescentou com carinho:

- A coisa mais nobre que nosso espírito pode aprender é a ciência de recomeçar. São muito poucas as pessoas que entendem essa ciência na Terra. Temos alguns poucos exemplos encarnados nesse sentido. Mas é preciso lembrar do exemplo de Paulo de Tarso, Doutor do Sinédrio, esperança de um povo por sua cultura e juventude, alvo da atenção de todos em Jerusalém, que um dia voltou ao deserto para recomeçar sua experiência humana como tecelão rústico e pobre.

Não consegui mais me conter. Como um filho cheio de gratidão, peguei suas mãos e cobri com as lágrimas de alegria que inundavam meu coração.

De olhos fixos no horizonte, a mãe de Lísias murmurou:

- Muito obrigada, meu irmão. Não creio que você veio para esta casa por mera casualidade. Estamos todos ligados por laços de amizade muito antigos. Logo voltarei à Terra. Entretanto, vamos continuar unidos pelo coração. Espero vê-lo animado e feliz antes de partir. Faça desta casa o seu lar. Trabalhe e anime-se confiando em Deus.

Levantei os olhos molhados e olhei seu rosto carinhoso. Senti a felicidade que nasce dos afetos puros e tive a impressão de conhecê-la de velhos tempos, embora não conseguisse identificar seu carinho em minhas memórias distantes. Quis beijá-la muitas vezes com a ternura de um filho do coração, mas, nesse instante, alguém bateu à porta.

D. Laura me olhou, demonstrando infinito carinho materno, e falou:

- É Rafael que vem buscar você. Vá pensando em Jesus, André. Trabalhe para o bem dos outros, para que possa encontrar seu próprio bem.

26 NOVAS PERSPECTIVAS

Refletindo sobre as sugestões carinhosas e sábias da mãe de Lísias, acompanhei Rafael, certo de que iria ao aprendizado e ao serviço útil e não às visitas de observação.

Com surpresa, percebia os aspectos impressionantes da nova região, em direção ao local onde o Ministro Genésio me aguardava. No entanto, ia em silêncio com Rafael, sem muito interesse em fazer tantas perguntas. Em compensação, tinha outro tipo de atitude mental. Permanecia o tempo todo em oração, pedindo a Jesus que me ajudasse nos novos caminhos, para que eu tivesse trabalho e forças para trabalhar. Antigamente, não gostava muito de preces, mas agora utilizava-as como valiosa referência sentimental para o trabalho.

O próprio Rafael, de vez em quando, olhava-me curioso, como se não esperasse essa atitude de minha parte.

O aeróbis nos deixou em frente a um grande edifício.

Descemos calados.

Em poucos minutos, já estava diante do respeitável Genésio, um velhinho simpático que tinha no rosto uma expressão de muita energia. Rafael me apresentou fraternalmente.

- Ah!, sim, - disse o generoso Ministro – É o nosso irmão André?

- À sua disposição – respondi.

Laura me avisou sobre sua vinda. Fique à vontade. – Nesse meio tempo, Rafael aproximou-se, despedindo-se com um abraço. Esperavam por ele com urgência no seu setor de trabalho.

Olhando-me com muita lucidez, Genésio começou dizendo:

- Clarêncio me falou com interesse sobre você. Quase sempre recebemos pessoal do Ministério do Auxílio em visitas de observação que, na maioria das vezes, terminam em estágio de serviço.

Entendi a indireta e respondi:

- É isso mesmo o que quero. Tenho pedido muito a Deus que me dê forças, permitindo que a minha estada neste Ministério se transforme em estágio de aprendizado.

Genésio parecia comovido com minhas palavras e, aproveitando que a humildade me inspirava, pedi, de olhos úmidos:

- Sr. Ministro, agora entendo que só passei pelo Ministério do Auxílio por misericórdia de Deus, talvez por causa dos constantes pedidos de minha mãe. No entanto, percebo que só venho recebendo benefícios, sem nada fazer de útil. Estou certo de que meu lugar é aqui nas atividades da Regeneração. Se for possível, por favor, que a minha autorização para observar possa ser transformada em oportunidade de servir. Mais do que nunca, hoje entendo a necessidade de regenerar meus próprios valores. Perdi muito tempo na vaidade inútil e desperdicei muita energia na adoração ridícula de mim mesmo!...

Satisfeito, ele notava a sinceridade que vinha do fundo do meu coração. Quando pedi a ajuda do Ministro Clarêncio, ainda não estava totalmente consciente do que pedia. Queria serviço, mas talvez não quisesse servir. Não entendia o valor do tempo, nem enxergava a bênção das oportunidades. No fundo, queria continuar a ser o que tinha sido até ali – o médico orgulhoso e respeitado, que só via a si mesmo, preso das próprias opiniões. No entanto, com tudo o que já havia visto e ouvido, percebendo a responsabilidade que cada filho de Deus tem na obra infinita da Criação, falava com o coração, dando o melhor de mim. Era sincero. Não me preocupava com o tipo de serviço. Queria apenas a tarefa sublime pelo espírito de servir.

O velhinho me olhou surpreso e perguntou:

- É você mesmo o ex-médico?

- Sim... – falei acanhado.

Genésio ficou calado por alguns instantes, como se quisesse achar solução para o caso, até que disse:

- Fico muito feliz com suas intenções e peço a Deus também que o mantenha assim digno.

E como se quisesse me animar e me encher de esperanças, acentuou:

- Quando o discípulo está pronto, Deus envia o instrutor. O mesmo acontece em relação ao trabalho. Quando o servidor está pronto, o serviço aparece. Você tem recebido muitos benefícios de Deus. Está disposto a colaborar, compreende a responsabilidade, aceita o dever. Essa atitude é muito importante para a realização dos seus desejos. No plano físico, costumamos cumprimentar um homem quando ele alcança prosperidade financeira ou fama. Entretanto, aqui a situação é diferente. Valorizamos mais a compreensão, o esforço próprio, a humildade sincera.

Percebendo minha ansiedade, concluiu:

- É possível conseguir tarefas adequadas, mas, por enquanto, é melhor que você observe, visite e examine.

E indo para o gabinete ao lado, disse, em voz mais alta:

- Preciso que Tobias venha até aqui antes de ir às Câmaras de Retificação.

Não demorou muito e um senhor extrovertido apareceu à porta.

- Tobias, - explicou Genésio, atencioso – este é um amigo que vem do Ministério do Auxílio, em tarefa de observação. Acho que será muito proveitoso para ele o contato com as atividades das câmaras retificadoras.

Demo-nos as mãos, enquanto ele dizia, com gentileza:

- Às suas ordens.

- Acompanhe-o. – prosseguiu o Ministro, demonstrando muita bondade. – André precisa conhecer mais de perto nossas tarefas. Dê a ele todas as oportunidades que nos forem possíveis..

Tobias se colocou à disposição com muito boa vontade.

- Estou a caminho – acrescentou – Se quiser vir comigo...

- Claro... – respondi satisfeito.

O Ministro Genésio me abraçou emocionado, dizendo-me palavras de incentivo.

Segui Tobias decidido.

Atravessamos largos quarteirões, onde os vários edifícios pareciam colméias de muito trabalho. Percebendo minhas dúvidas, o novo amigo esclareceu:

- Aqui estão as grandes fábricas de “Nosso Lar”. A preparação de sucos, tecidos e artefatos em geral dá trabalho a mais de 100 mil pessoas que se regeneram e progridem ao mesmo tempo.

Logo entramos num edifício com aparência nobre. Muitos servidores iam e vinham. Depois de longos corredores, chegamos a uma grande escadaria que levava aos pisos de baixo.

- Vamos descer – disse Tobias em tom sério.

E, percebendo minha surpresa, explicou atencioso:

- As Câmaras de Retificação estão localizadas perto do Umbral. Os necessitados ficam reunidos ali, porque não suportam as luzes, nem a atmosfera superior, nos seus primeiros tempos de vida em “Nosso Lar”.

27 ENFIM, O TRABALHO

Nunca imaginei algo como o que via agora. Não era como um hospital comum. Era uma série de grandes cabines ligadas entre si e cheias de verdadeiros restos humanos.

Ouvia-se um falatório incomum. Gemidos, soluços, frases sofridas ditas ao acaso... Rostos cadavéricos, mãos esqueléticas, faces monstruosas demonstravam a terrível miséria espiritual.

Minha primeira impressão foi tão forte que tive que buscar ajuda na prece para poder suportar.

Tobias, sem se perturbar, chamou uma colaboradora idosa que atendeu atenciosamente:

- Não vejo muitos auxiliares – disse admirado. – O que aconteceu?

- O Ministro Flácutus – explicou a velhinha com respeito – mandou que a maioria acompanhasse os Samaritanos (1) ao Umbral para os serviços de hoje.

- Teremos que multiplicar esforços – respondeu ele com serenidade. – Não temos tempo a perder.

- Irmão Tobias!... Irmão Tobias!... por caridade... – gritou um velho, gesticulando como louco, agarrado ao leito – Estou sufocando! Isto é mil vezes pior que a morte na Terra... Socorro! Socorro! Quero sair, sair!... Quero ar, muito ar!

Tobias aproximou-se dele, examinou-o com atenção, e perguntou:

- Por que é que o Ribeiro piorou tanto?

- Ele teve uma crise muito forte – explicou a colaboradora – e o assistente Gonçalves disse que a carga de pensamentos negativos, emitidos pelos parentes encarnados, era a causa principal dessa piora de perturbação. Como ainda está muito fraco e não tem força mental suficiente para soltar-se dos laços mais fortes do mundo físico, não tem estado como esperávamos.

Enquanto Tobias passava a mão com carinho pela testa do doente, a colaboradora continuava explicando:

- Hoje muito cedo ele saiu sem a nossa permissão, correndo como louco. Gritava que estavam lhe chamando em casa, que não podia esquecer a esposa e os filhos tristes, que era crueldade mantê-lo aqui, longe do lar. Lourenço e Hermes fizeram de tudo para que voltasse ao leito, mas não foi possível. Então, decidi aplicar-lhe alguns passes anestésicos. Tirei-lhe as forças e a mobilidade, para o seu próprio bem.

- Fez muito bem – disse Tobias, pensativo – Vou pedir providências contra a atitude da família. É preciso que tenham mais com que se preocupar para que deixem Ribeiro em paz aqui conosco.

Olhei o doente tentando captar seus pensamentos mais íntimos e só consegui perceber os reflexos de um verdadeiro louco. Ele tinha chamado Tobias como se fosse uma criança que reconhece alguém em quem confia, mas demonstrava não perceber ou entender nada do que se dizia a seu respeito.

Percebendo minha admiração, Tobias explicou:

- O pobre homem está na fase de pesadelo, em que a alma não vê ou ouve quase nada além de suas próprias preocupações. A pessoa encontra, na vida real, apenas o que acumulou para si mesma. Ribeiro empolgou-se com muitas ilusões

Quis ainda perguntar de onde vinha tanto sofrimento e saber mais detalhes sobre o histórico do caso, mas lembrei-me dos conselhos da mãe de Lísias, sobre a curiosidade, e fiquei quieto. Tobias disse ao doente algumas palavras carinhosas de esperança e otimismo. Prometeu que iria providenciar recursos para as melhoras, mas pediu-lhe que mantivesse a calma para o próprio bem e que não se aborrecesse tanto por ter que ficar na cama. Ribeiro, tremendo muito, rosto muito pálido, ensaiou um sorriso muito triste e agradeceu com lágrimas.

Seguimos adiante pelas várias filas de camas bem cuidadas, sentindo a exalação desagradável que havia no ambiente, a qual, como vim a saber mais tarde, vinha da

própria mente dos pacientes, dominados por pensamentos negativos sobre as lembranças e sensações terríveis da morte física.

- Nestas cabines ficam – explicou Tobias bondosamente – as entidades de natureza masculina.

- Tobias!... Tobias!... Estou morrendo de fome e sede! – gritava um paciente.

- Socorro, irmão!... – gritava outro.

- Pelo amor de Deus!... Não aguento mais!... – exclamava ainda outro.

Com o coração partido pelo sofrimento de tantas criaturas, não consegui segurar a pergunta:

- Tobias, como é triste ver tantos sofredores e torturados juntos! Por que esta situação tão angustiada?

Tobias respondeu sem se alterar:

- Não devemos ver aqui apenas dor e sofrimento. Lembre-se, André, que estes doentes estão tratados e já saíram do Umbral, onde tantas armadilhas esperam por aqueles que não se cuidam. Nestes pavilhões, pelo menos, eles já se preparam para a regeneração. Quanto às lágrimas que derramam, vamos nos lembrar que são os únicos responsáveis pelos próprios sofrimentos. A vida do homem está onde ele mesmo coloca o coração.

E, depois de uma pausa em que parecia surdo a tantos gemidos, acrescentou:

- São como contrabandistas na vida eterna.

- Como assim? – perguntei interessado.

Tobias sorriu e respondeu em voz firme:

- Acreditavam que os bens terrenos teriam o mesmo valor no plano espiritual. Pensavam que o prazer criminoso, o poder do dinheiro, a revolta contra a lei e a imposição de caprichos passariam pelas fronteiras da morte e entrariam em vigor aqui também, dando a eles oportunidade de novos abusos. Foram como comerciantes irresponsáveis. Esqueceram-se de trocar os bens materiais por créditos espirituais. Quando iam a Londres, por exemplo, trocavam moeda brasileira por moeda britânica. Entretanto, mesmo com a certeza da morte física, não foram capazes de trocar bens terrenos por valores espirituais. Agora, o que se pode fazer? Temos milionários materiais transformados em mendigos espirituais.

Realidade absoluta! Tobias não poderia ter sido mais claro.

Meu novo instrutor, depois de distribuir um pouco de conforto e esclarecimento a todos, levou-me a uma grande cabine ao lado, em forma de enfermaria, avisando-me:

- Vejamos alguns dos pobres semimortos.

Narcisa, a colaboradora atenciosa, nos acompanhava. Uma porta se abriu e quase caí com a surpresa impressionante. 32 homens com ares de criminosos estavam imóveis em leitos muito baixos, apresentando apenas leves movimentos respiratórios.

Apontando com um gesto, Tobias explicou:

- Estes homens sofrem de um sono mais pesado que outros irmãos ignorantes. Nós os chamamos de crentes negativos. Em vez de aceitar em Deus, eram escravos intolerantes do egoísmo. Em vez de crerem na vida, no movimento e no trabalho, acreditavam apenas no nada, na imobilidade e na vitória do crime. Transformaram a encarnação em preparação constante para o grande sono e, como não tinham qualquer idéia do bem a serviço de todos, não dispõem de outro recurso a não ser dormirem vários anos em pesadelos sinistros.

Não fui capaz de expressar meu espanto.

Com muito cuidado, Tobias começou a aplicar passes de fortalecimento, diante de meus olhos espantados. Quando terminou a aplicação nos dois primeiros, ambos começaram a expelir uma substância negra pela boca, uma espécie de vômito escuro e viscoso, com terrível odor de cadáver.

- São fluidos venenosos que produzem – explicou Tobias, muito calmo.

Narcisa fazia o que podia para limpá -los com a rapidez possível, mas era em vão. Muitos deles expeliam a mesma substância mal cheirosa. Foi então que, instintivamente, peguei os utensílios de higiene e comecei a trabalhar com vontade.

A colaboradora parecia contente com a ajuda humilde do novo irmão, enquanto Tobias me olhava satisfeito e agradecido.

O serviço continuou por todo o dia, custando-me muito suor, e ninguém no mundo poderia avaliar a alegria sublime do médico que começava novamente a própria educação na enfermagem rudimentar.

(1) Organização de Espíritos benfeitores de "Nosso Lar". - Nota de André Luiz

28 EM SERVIÇO

No final da tarde, quando a prece coletiva terminou, Tobias ligou o aparelho para ouvir os Samaritanos que trabalhavam no Umbral.

Muito curioso, descobri que aquele tipo de equipe se comunicava com os grupos de suporte em horários convencionais.

Sentia-me um pouco cansado por causa do esforço feito, mas o coração transbordava de alegria. Finalmente havia recebido a dádiva do trabalho. E o espírito de serviço proporciona uma força misteriosa.

Alguns minutos depois de feito o contato, o pequeno aparelho começou a transmitir a mensagem:

- Samaritanos ao Ministério da Regeneração!... Samaritanos ao Ministério da Regeneração!... Muito trabalho nos abismos da sombra. Conseguimos deslocar um grande número de infelizes, retirando 29 companheiros das trevas espirituais. 22 deles apresentam desequilíbrio mental e sete estão em completa apatia psíquica. Nossas equipes estão organizando o transporte... Chegaremos logo depois da meia noite... Pedimos que providenciem...

Percebendo que Narcisa e Tobias se olhavam muito espantados, assim que a mensagem terminou não consegui conter a pergunta:

- Como assim? Por que esse transporte em massa? Não são todos espíritos?

Tobias sorriu e explicou:

- Você se esquece que não chegou de outro modo ao Ministério do Auxílio. Sei tudo sobre sua vinda. É preciso lembrar sempre que a Natureza não dá saltos e que, na Terra ou no Umbral, estamos envolvidos em fluidos muito pesados. Tanto o avestruz como a andorinha são aves e têm asas. No entanto, o avestruz só voará se for carregado, enquanto a andorinha corta o céu vasto com grande agilidade.

E dando a entender que a hora não era para conversas, disse a Narcisa:

- A leva desta noite é muito grande. Precisamos tomar providências imediatas.

- Vamos precisar de muitos leitos! – disse a colaboradora com tristeza.

- Não se preocupe – respondeu Tobias. – Colocaremos os perturbados no Pavilhão 7 e os enfraquecidos na Câmara 33.

Em seguida, colocou a mão na testa, como se pensasse em algo muito sério, e falou:

- A questão da hospitalidade é fácil de resolver. O problema maior será com a assistência. Nossos auxiliares mais fortes foram chamados para ajudar nos serviços da Comunicação na Terra, tendo em vista as nuvens escuras que envolvem os encarnados no momento. Precisamos de pessoal de serviço noturno, já que os colaboradores que estão com os Samaritanos chegarão muito cansados.

Tobias me olhou com profunda simpatia e gratidão, dando-me grande alegria interior.

- Está mesmo decidido a ficar nas Câmaras esta noite? – perguntou admirado.

- Não há outras pessoas que ficam? – perguntei. – Estou forte e bem disposto, preciso recuperar o tempo perdido.

O amigo generoso me abraçou e disse:

- Então aceito confiante sua ajuda. Narcisa e os outros companheiros também ficarão de prontidão. Além disso, vou mandar Venâncio e Salústio, dois companheiros da minha confiança. Não posso ficar aqui de plantão à noite, por causa de outros compromissos já agendados. No entanto, caso seja necessário, você ou algum colega poderá me avisar sobre qualquer coisa mais grave. Vou fazer o planejamento das atividades, procurando facilitar o mais possível o trabalho.

E surgiu uma lista enorme de providências. Enquanto cinco companheiros ajudavam Narcisa com as roupas e o material de enfermagem, eu e Tobias ajeitávamos alguns materiais no Pavilhão 7 e na Câmara 33.

Não sabia explicar o que estava acontecendo comigo. Apesar do cansaço dos braços, sentia enorme alegria no coração.

Nos lugares onde a maioria das pessoas procura trabalho, entendendo seu valor, servir representa uma grande alegria. Para ser sincero, não pensava na compensação dos bônus-hora ou nas recompensas imediatas que pudesse receber pelo esforço. Entretanto, minha satisfação era profunda, sentindo que poderia olhar feliz e honrado para minha mãe e os amigos que havia encontrado no Ministério do Auxílio.

Ao se despedir, Tobias abraçou-me novamente e falou:

- Desejo a vocês muita paz de Jesus, boa noite e serviço útil. Amanhã, às 8h, você poderá descansar. O máximo permitido de trabalho por dia é 12h, mas estamos em circunstâncias especiais.

Respondi que as orientações me davam muita alegria.

Sozinho com o grande grupo de enfermeiros, passei a atender os doentes com mais carinho. Dos auxiliares presentes, Narcisa foi a que mais me impressionou, atendendo a todos com carinho de mãe. Atraído por sua bondade, tentei me aproximar com interesse. Não foi difícil conseguir a atenção de sua conversa carinhosa e simples. A velhinha amável parecia um livro sublime de bondade e sabedoria.

- Você trabalha aqui há muito tempo? – perguntei.

- Sim, estou em serviço ativo nas Câmaras de Retificação há seis anos e alguns meses. No entanto, ainda me faltam mais três anos para realizar meus desejos.

Percebendo minha expressão de curiosidade, Narcisa falou amavelmente:

- Preciso de uma permissão muito séria.

- O que você quer dizer com isso? – perguntei interessado.

- Preciso encontrar alguns espíritos amados na Terra, para serviços de elevação em conjunto. Em função de meus erros do passado, por muito tempo pedi em vão a concretização dos meus propósitos. Vivia perturbada, aflita. Aconselharam-me, então, a pedir a ajuda da Ministra Veneranda e essa benfeitora da Regeneração prometeu me atender no Ministério do Auxílio, mas exigiu dez anos seguidos de trabalho aqui, para que eu possa corrigir certos desequilíbrios do sentimento. Num primeiro momento, quis recusar, achando que a exigência era exagerada. Depois, reconheci que ela tinha razão. Afinal, o conselho era para o meu próprio bem. E ganhei muito aceitando sua sugestão. Sinto-me mais equilibrada e humana e acho que conseguirei viver minha futura encarnação com dignidade espiritual.

Á demonstrar solidariedade, mas um dos doentes mais próximos gritou:

- Narcisa! Narcisa!

Não tinha o direito de prender, por mera curiosidade, aquela que era como uma mãe espiritual para os sofredores.

29 A VISÃO DE FRANCISCO

Enquanto Narcisa consolava o doente aflito, fui avisado de que estavam me chamando no aparelho de comunicações.

Era D. Laura querendo saber de mim. De fato, havia me esquecido de avisá-la que ficaria trabalhando à noite. Pedi desculpas à minha benfeitora e fiz um breve relatório do que estava acontecendo. Pelo aparelho, a mãe de Lísias parecia muito feliz, participando de minha alegria.

Ao final da nossa conversa, disse com bondade:

- Muito bem, meu filho! Apaixone-se pelo seu trabalho, embriague-se de serviço útil. Só assim conseguiremos o crescimento espiritual. No entanto, não se esqueça de que esta casa também é sua.

Aquelas palavras me deram muita força.

Voltando ao trabalho com os doentes, percebi que Narcisa lutava para acalmar um rapaz muito perturbado.

Tentei ajudá-la.

O pobre moço gritava assustado, com os olhos perdidos no ar:

- Ajude-me, pelo amor de Deus! Tenho medo, medo!...

E, com os olhos muito agitados de quem passa por profundo pavor, acrescentou:

- Irmã Narcisa, lá vem “ele”, o monstro. Estou sentindo os vermes outra vez! “Ele”!... Livre-me “dele”, irmã. Não quero, não quero!...

- Cama, Francisco – pedia a amiga dos sofredores. – Você vai se libertar, ter muita serenidade e alegria, mas depende do seu esforço. Faça de conta que sua mente é uma esponja encharcada de vinagre. Você precisa expelir o líquido azedo. Eu vou ajudá-lo, mas a maior parte do trabalho é você mesmo quem deve fazer.

O doente demonstrava boa vontade, acalmava-se enquanto ouvia as palavras carinhosas, mas voltava à mesma palidez anterior, soltando novas exclamações.

- Mas, irmã, veja... “ele” não me deixa. Já voltou a me atormentar! Veja, veja!...

- Estou vendo, Francisco – respondia ela, atenciosa. – Mas é indispensável que você me ajude a expulsá-lo.

- Esse fantasma diabólico!... – dizia chorando como criança, causando pena.

- Confie em Jesus e esqueça o monstro – dizia Narcisa, piedosamente. – Vamos ao passe. O fantasma vai fugir de nós.

E aplicou-lhe fluidos saudáveis e calmantes, que Francisco agradeceu, demonstrando imensa alegria no olhar.

- Agora, - disse ele, quando o passe terminou, - estou mais tranquilo.

Narcisa ajeitou seus travesseiros e pediu a uma assistente que lhe trouxesse água fluidificada.

Aquele exemplo da enfermeira me servia como grande lição. Seja onde for, tanto o bem como o mal são contagiosos.

Percebendo minha vontade sincera de aprender, Narcisa se aproximou mais, querendo começar a me ensinar os segredos do serviço.

- De quem o doente está falando? – perguntei impressionado. – Por acaso, está sendo assediado por alguma sombra que não consigo ver?

A velha trabalhadora das Câmaras de Retificação sorriu com carinho e falou:

- Trata-se do seu próprio cadáver.

- O quê?! – respondi espantado.

O pobre rapaz era muito apegado ao corpo físico e veio para o plano espiritual depois de um desastre, causado por pura imprudência. Ficou vários dias ao lado do próprio cadáver, em pleno cemitério, sem se conformar com outra idéia. Queria levantar o corpo endurecido de qualquer maneira, tal era a força da ilusão em que havia vivido, e, nesse triste esforço, perdeu muito tempo. Tinha medo de enfrentar o desconhecido e não conseguia livrar-se, nem de leve, das sensações físicas. De nada adiantaram os esforços

dos planos mais altos, porque tinha a mente fechada a todo pensamento sobre a vida espiritual. Por fim, os vermes causaram-lhe tanto sofrimento que se afastou do túmulo, completamente apavorado. Começou, então, a vagar nos planos inferiores do Umbral. No entanto, seus pais têm muitos créditos aqui e pediram sua internação na colônia. Os Samaritanos o trouxeram quase à força. Entretanto, seu estado ainda é tão grave que não poderá sair daqui tão cedo. No momento, seu pai está em arriscada missão, longe de “Nosso Lar”.

- E vem visitar o doente? – perguntei.

- Já veio duas vezes e fiquei muito emocionada observando seu sofrimento discreto. A perturbação do rapaz é tanta que não reconheceu o pai dedicado. Gritava aflito, em triste estado de loucura. O pai, que veio vê-lo acompanhado do Ministro Pádua, do Ministério da Comunicação, pareceu estar muito acima da condição humana enquanto estava com o nobre amigo que conseguiu abrigo para o pobre filho. Ficaram bastante tempo comentando a situação espiritual dos recém-chegados do plano físico. Mas, quando o Ministro Pádua precisou sair por causa de compromissos de trabalho, o pai do rapaz me pediu que o perdoasse pelo gesto humano e ajoelhou-se diante do doente. Pegou suas mãos ansioso, como se quisesse transmitir-lhe fluidos vitais poderosos, e beijou seu rosto, chorando muito. Não pude conter as lágrimas e saí, deixando-os sozinhos. Não sei o que aconteceu depois entre eles, mas notei que, desde esse dia, Francisco melhorou muito. A loucura total reduziu-se a algumas crises cada vez mais espaçadas.

- Que história comovente! – exclamei, muito impressionado. – Mas, como ele pode ser perseguido pela imagem do próprio cadáver?

- A visão de Francisco – esclereceu Narcisa atenciosa – é o pesadelo de muitos espíritos depois da morte física. Apegam-se demais ao corpo. Não enxergam outra coisa além dele e vivem só dele e para ele, dedicando-lhe verdadeiro culto. E mesmo quando o sopro renovador da morte vem, não o abandonam. Repelem qualquer idéia de espiritualidade e lutam desesperadamente para conservá-lo. No entanto, surgem os vermes vorazes que os expulsam. A essa altura, ficam tão horrorizados com o corpo que adotam atitude completamente oposta. Só que a visão do cadáver, fruto de forte criação mental deles mesmos, causa-lhes profundo tormento à alma. Logo começam as crises e as perturbações, mais ou menos longas, e sofrem muito até que consigam eliminar completamente o próprio fantasma.

Percebendo minha comoção, Narcisa ainda disse:

- Graças ao Pai, tenho aproveitado bastante nesses últimos anos de serviço! Como é profundo o sono espiritual da maioria de nossos irmãos encarnados! Isso deve nos preocupar, mas não nos afligir. A lagarta se apega ao casulo inerte, mas a borboleta alcará vô. A semente é quase imperceptível e, no entanto, o carvalho será gigante. A flor morta volta para a terra, mas o perfume vive no céu. Todo embrião de vida parece estar adormecido. Não devemos esquecer estas lições.

Narcisa parou de falar e eu não me atrevi a interromper seu silêncio.

30 HERANÇA E EUTANÁSIA

Ainda não havia me recuperado da surpresa, quando Salústio se aproximou, informando Narcisa:

- Nossa irmã Paulina quer ver o pai doente, no Pavilhão 5. Antes de permitir, achei melhor consultar você, porque o doente continua em crise muito aguda.

Com os gestos de bondade que lhe eram característicos, Narcisa ressaltou:

- Mande-a entrar agora mesmo. Ela tem permissão da Ministra, já que, em seu tempo livre, está trabalhando pela reconciliação da família.

Enquanto o mensageiro se despedia apressado, a enfermeira se dirigiu a mim e acrescentou:

- Você vai ver que filha dedicada!

Logo depois Paulina estava na nossa frente, esbelta e linda. Usava uma túnica muito leve, de seda luminosa. Uma beleza de anjo marcava seu rosto, mas os olhos demonstravam grande preocupação. Narcisa nos apresentou com delicadeza e, sentindo que poderia confiar em mim, Paulina perguntou, meio apreensiva:

- E papai, minha amiga?

- Um pouco melhor – explicou a enfermeira. – No entanto, ainda apresenta fortes desequilíbrios.

- É lamentável – respondeu a moça, - nem ele, nem os outros cedem em suas idéias. Sempre o mesmo ódio e a mesma displicência.

Narcisa nos pediu que a acompanhássemos e logo estávamos diante de um velho de aparência desagradável. Olhar duro, cabelo desarrumado, rugas profundas, lábios retraídos, causava mais pena do que simpatia. Tentei controlar as vibrações inferiores que sentia, para poder enxergar o irmão espiritual acima do sofredor. A impressão de repugnância desapareceu, deixando minhas idéias mais claras. Apliquei a lição a mim mesmo. Como será que tinha chegado ao Ministério do Auxílio? Meu rosto desesperado deveria ser horrível. Quando examinamos o sofrimento dos outros, olhando nossos próprios problemas, sempre achamos lugar para o amor fraterno no coração.

O velho doente não disse uma palavra de ternura para a filha que o cumprimentou com carinho. Pelo olhar áspero e cheio de revolta, parecia uma fera humana enjaulada.

- Papai, o senhor se sente melhor? – perguntou com imenso carinho de filha.

- Ai!, ai!... – gritou o doente em voz forte. – Não consigo esquecer o infame, não consigo descansar o pensamento... Ainda o vejo a meu lado, dando-me o veneno mortal!...

- Não diga isso, papai – pediu a moça delicadamente. – Lembre-se de que Edelberto foi recebido, em nossa casa, como filho enviado por Deus.

- Meu filho?! – gritou o infeliz. – Nunca, nunca!... É um criminoso sem perdão, filho do inferno!...

Paulina falava agora com os olhos cheios d'água.

- Vamos ouvir a lição de Jesus, papai, que nos recomenda amarmos uns aos outros. Passamos por experiências em família na Terra para alcançar o verdadeiro amor espiritual. Aliás, é indispensável reconhecer que só existe um Pai realmente eterno, que é Deus. Mas o Senhor da Vida permite que sejamos pais ou mães no mundo para que possamos aprender a fraternidade plena. Nossos lares terrenos são núcleos de purificação dos sentimentos ou templos de união sublime, a caminho da solidariedade universal. Lutamos e sofremos muito até merecermos o verdadeiro título de irmão. Somos todos uma só família, na Criação, com a bênção de um único Pai.

Ouvindo sua voz meiga, o doente começou a chorar muito.

- Perdoe Edelberto, papai! Procure sentir nele, não o filho leviano, mas o irmão necessitado de esclarecimento. Estive em casa hoje e vi muitas perturbações. Daqui desse leito, o senhor envolve toda a nossa família em energias de amargura e incompreensão. E eles fazem o mesmo com o senhor. O pensamento alcança o alvo em vibrações sutis, por mais distante que esteja. A troca de ódio e desentendimento causa

ruína e sofrimento às almas. Mamãe foi internada num hospício há alguns dias, destruída pela angústia. Amália e Cacilda entraram em disputa judicial com Edelberto e Agenor, pelos grandes patrimônios materiais que o senhor juntou em vida. Uma situação terrível, cujas sombras poderiam diminuir se o senhor não estivesse com a mente completamente envolvida pelo desejo de vingança. Vemos o senhor aqui em estado grave. Na Terra, mamãe está louca e os filhos perturbados, odiando-se uns aos outros. Em meio a tanto desequilíbrio, uma fortuna de milhões. E de que vale tanto dinheiro se não há ninguém feliz?

- Mas eu deixei um enorme patrimônio para a família – disse o infeliz, com rancor, - desejando o bem estar de todos...

Paulina não o deixou terminar a frase, falando novamente:

- Quando se trata de riqueza material, nem sempre sabemos interpretar o que realmente é benefício. Se o senhor houvesse garantido o futuro dos nossos, dando-lhes tranquilidade moral e trabalho honesto, seu esforço teria valido muito. Mas, às vezes, papai, costumamos juntar dinheiro apenas por vaidade e ambição. Querendo viver acima dos outros, só nos lembramos disso nas situações extremas da vida. São raras as pessoas que se preocupam em juntar conhecimentos nobres, tolerância, humildade, compreensão. Impomos aos outros os nossos caprichos, afastamo-nos dos serviços de Deus, esquecemos de trabalhar nosso espírito. Ninguém nasce na Terra só para juntar dinheiro nos cofres e bancos. É natural que a vida humana precise da ajuda divina e é justo que Deus não dispense a contribuição de mordomos fiéis que saibam administrar com sabedoria. Mas ninguém será mordomo de Deus com mesquinhez e desejo de poder. Esse tipo de vida arruinou nossa família. Em vão tentei levar socorro espiritual à nossa casa em outros tempos. Enquanto o senhor e mamãe se sacrificavam para aumentar os bens, Amália e Cacilda esqueceram do serviço útil e, como preguiçosas da banalidade social, casaram-se com outros preguiçosos que só pensavam nas vantagens financeiras. Edelberto formou-se médico, mas afastou-se completamente da Medicina, exercendo a profissão de vez em quando, como se fosse um trabalhador que visita o trabalho por curiosidade. Todos arruinaram grandes oportunidades espirituais, distraídos pelo dinheiro fácil e apegados à idéia de herança.

Demonstrando grande pavor, o doente acrescentou:

- Maldito Edelberto! Filho criminoso e ingrato! Matou-me sem dó, quando eu ainda precisava fazer meu testamento! Cafajeste!... Cafajeste!...

- Cale-se, papai. Tenha compaixão de seu filho. Perdoe e esqueça!...

Mas o velho continuou a praguejar em voz alta. A jovem já estava para discutir com o pai, quando Narcisa a olhou e chamou Salústio para atender o doente em crise. Paulina se calou, afagando a cabeça do pai e contendo, com muito custo, as lágrimas. Logo depois, saí com elas, muito impressionado.

As duas amigas conversaram em particular por alguns minutos. Em seguida, Paulina se despediu com frases gentis, mas com imensa tristeza no olhar cheio de preocupação.

A sós novamente, Narcisa disse bondosa:

- Em geral, os casos de herança são extremamente complicados. Com raras exceções, são um peso enorme para quem deixa e para quem recebe. E neste caso, além de tudo, temos também a eutanásia. A ambição pelo dinheiro causou esquisitices e desentendimentos para toda a família de Paulina. Pais mesquinhos possuem filhos esbanjadores. Estive na casa de Paulina quando o irmão, Edelberto, médico aparentemente distinto, deu ao pai, já nos últimos momentos, a chamada “morte suave”. Fizemos de tudo para evitar, mas foi em vão. O pobre rapaz queria mesmo apressar a morte, por questões financeiras. Agora temos o resultado da irresponsabilidade: ódio e doença.

E com um expressivo gesto, Narcisou concluiu:

- Deus criou seres e céus, mas nós costumamos nos transformar em espíritos diabólicos, criando nossos próprios infernos individuais.

31 VAMPIRO

Eram 21h. Ainda não havíamos descansado, a não ser durante alguma conversa rápida, necessária para resolver algum problema espiritual. Aqui, um doente que pedia alívio; ali, outro que precisava de passes de reconforto. Quando fomos atender dois doentes no Pavilhão 11, escutei gritaria por perto. Instintivamente quis me aproximar, mas Narcisa não deixou, dizendo atenciosa:

- Não continue – disse. – Ali estão os perturbados do sexo. O quadro seria muito chocante para você. Deixe essa amoção para mais tarde.

Não insisti. Entretanto, meu cérebro fervia com mil perguntas. Um novo mundo se abria para o meu estudo. Era indispensável lembrar do conselho da mãe de Lísias a todo instante, para não me desviar do caminho certo.

Logo depois das 21h, chegou alguém dos fundos do grande complexo. Era um homem pequeno, de rosto estranho, parecendo ser um trabalhador humilde. Narcisa recebeu-o com gentileza, perguntando:

- O que aconteceu, Justino? Qual é o recado?

O companheiro, que fazia parte do grupo de vigias das Câmaras de Retificação, respondeu aflito:

- Vim avisar que uma pobre mulher está pedindo socorro no grande portão que dá para os campos de plantação. Creio que passou despercebida pela primeira linha de vigilantes.

- E por que não a atendeu? – perguntou a enfermeira.

O colaborador fez um gesto sem graça e explicou:

- Não pude fazê-lo, por causa das ordens que tenho. A pobre mulher está rodeada de pontos negros.

- O que é que você está me dizendo? – respondeu Narcisa assustada.

- Sim, senhora.

- Então o caso é muito grave.

Curioso, segui Narcisa pelo campo enluarado. A distância não era pequena. Lado a lado, víamos as árvores do grande parque, agitadas pelo vento tranquilo. Havíamos andado 1 km até chegar à cancela de que Justinho havia falado.

Foi aí que vimos a miserável figura de mulher que implorava socorro do outro lado. Não vi nada além de seu vulto, coberta de trapos, rosto horrendo e pernas cheias de feridas. Mas Narcisa parecia estar vendo outros detalhes, que eu não conseguia enxergar, tendo em vista a expressão de espanto que fez.

- Filhos de Deus, - gritou a mendiga ao nos ver, - dêem abrigo à minha alma cansada. Onde está o paraíso dos eleitos, para que eu possa desfrutar da paz desejada?

Aquela voz chorosa apertava-me o coração. Narcisa, no entanto, mesmo comovida, cochichou-me:

- Não está vendo os pontos negros?

- Não – respondi.

- Sua visão espiritual ainda não está bem treinada.

E, depois de um tempo, continuou:

- Se dependesse de mim, abriria o portão imediatamente. Mas, quando se trata de criaturas nestas condições, não posso resolver nada sozinha. Tenho que falar com o Vigilante-Chefe em serviço.

Dizendo isso, aproximou-se da mulher e avisou, em tom amigo:

- Espere alguns minutos, por favor.

Voltamos apressadamente para dentro do complexo. Pela primeira vez, encontrei o diretor das sentinelas das Câmaras de Retificação. Narcisa me apresentou e comunicou o fato. Ele fez um gesto e respondeu:

- Fez muito bem em me avisar. Vamos até lá.

Fomos os três para o local indicado.

Quando chegamos à cancela, o irmão Paulo, orientador dos vigilantes, examinou atentamente a recém-chegada do Umbral e disse:

- Esta mulher, por enquanto, não pode receber a nossa ajuda. É um dos vampiros mais fortes que já vi até hoje. Temos que deixá-la à própria sorte.

Fiquei horrorizado. Abandonar aquela sofredora ao azar não seria o mesmo que faltar com as obrigações cristãs? Acho que Narcisa tinha a mesma opinião, pois pediu aflita:

- Mas, irmão Paulo, não há um modo de recebermos essa pobre criatura nas Câmaras?

- Se eu fizer isso, estarei traindo minhas funções de vigilante.

E apontando a mendiga que esperava a decisão, gritando impacientemente, disse para a enfermeira:

- Narcisa, você já notou alguma coisa além dos pontos negros?

Agora era a vez dela de dizer que não.

- Pois eu vejo mais – respondeu o Vigilante-Chefe.

Baixando a voz, recomendou:

- Conte as manchas pretas.

Narcisa olhou fixamente para a mulher e respondeu, depois de alguns minutos:

- 58.

O irmão Paulo, com a paciência de quem está acostumado a explicar com amor, disse:

- Esses pontos escuros representam 58 crianças assassinadas ao nascer, umas por golpes, outras por asfixia. Em cada mancha vejo a imagem mental de uma criança assassinada. Essa pobre mulher foi profissional de ginecologia e, a pretexto de aliviar a consciência dos outros, praticou crimes horríveis, explorando a infelicidade de moças inexperientes. Sua situação é pior que a dos suicidas e assassinos comuns que, muitas vezes, têm grandes atenuantes para seus crimes.

Lembrei-me assustado dos processos médicos em que, muitas vezes, havia encarado de frente a necessidade de eliminar bebês para salvar a vida da mãe em situação perigosa. Mas, lendo meus pensamentos, o irmão Paulo acrescentou:

- Não estou falando dos casos legítimos, que aparecem como provações necessárias. Estou falando do crime de assassinar espíritos que começam a experiência física, com direito sagrado à vida.

Demonstrando muita sensibilidade, Narcisa pediu:

- Irmão Paulo, eu também já errei muito no passado. Vamos atender a esta infeliz. Se me permite, eu mesma posso cuidar dela.

- Reconheço, minha amiga, - respondeu o diretor da vigilância, impressionado pela sinceridade – que todos somos espíritos endividados. Entretanto, a nosso favor temos o reconhecimento das próprias fraquezas e a boa vontade para corrigir nossos erros. Mas, por ora, esta criatura quer apenas perturbar quem trabalha. Aqueles que têm os sentimentos viciados na hipocrisia, emitem energias destrutivas. Para que serve o serviço de vigilância?

E sorrindo, acrescentou:

- Vamos tirar a prova.

O Vigilante-Chefe então, aproximou-se do portão e perguntou:

- O que quer a irmã de nós?

- Socorro! Socorro!, socorro! – respondeu, lamentando-se.

- Mas, minha amiga, – argumentou com razão, - é preciso saber aceitar o sofrimento renovador. Por que você cortou tantas vezes a vida de seres frágeis que iam à luta com a permissão de Deus?

Ouvindo inquieta o que ele dizia, gritou com profunda expressão de ódio::

- Quem me acusa dessa baixez? Minha consciência está tranquila, canalha!... Passei minha vida ajudando a maternidade na Terra. Fui caridosa e crente, boa e pura...

- Não é isso o que se vê nas imagens de seus pensamentos e atos. Creio que a irmã ainda não pôde sentir o remorso saudável. Quando resolver abrir o coração às bênçãos de Deus, reconhecendo as próprias necessidades, então volte aqui.

Cheia de raiva, a mulher respondeu:

- Demônio! Feiticeiro! Seguidor de Satã!... Não vou voltar nunca!... Estou esperando o céu que me prometeram e que espero encontrar.

Mais firme ainda, o Vigilante-Chefe falou com autoridade:

- Então, por favor, saia. Não temos aqui o céu que espera. Estamos numa casa de trabalho, onde os doentes reconhecem seu mal e tentam se curar, com a ajuda de colaboradores de boa vontade.

A mendiga respondeu com atrevimento:

- Não pedi remédio, nem serviço. Estou procurando o paraíso que fiz por merecer, praticando boas obras.

E olhando-nos com intensa raiva, perdeu a aparência de doente ambulante e saiu com o passo firme, como quem está absolutamente seguro de si.

O irmão Paulo a acompanhou com o olhar durante vários minutos e, virando-se para nós, ainda disse:

- Viram como é um vampiro? Tem aparência de criminosa, mas declara-se inocente; é profundamente má, mas afirma-se boa e pura; sofre desesperadamente e alega tranquilidade; criou um inferno para si própria, mas diz que está procurando o céu.

Diante do silêncio com que o ouvíamos, o Vigilante-Chefe concluiu:

- É imprescindível tomar cuidado com as boas e as más aparências. Claro que a infeliz será atendida por Deus mais adiante, mas, até por uma questão de verdadeira caridade, na posição em que estou, não poderia abrir as portas para ela.

32 NOTÍCIAS DE VENERANDA

Agora que havia entrado no parque cheio de luz, sentia uma fascinação especial. Aquelas árvores acolhedoras, aquelas sementeiras verdejantes atraíam-me a todo instante. Fazendo perguntas veladas, provoquei, de forma indireta, as explicações de Narcisa.

- No grande parque, - dizia ela - não existem só caminhos para o Umbral ou plantações destinadas aos sucos. A Ministra Veneranda fez planos excelentes para as nossas atividades educativas.

E percebendo minha curiosidade sadia, continuou explicando:

- Trata-se dos “salões verdes” para serviços de educação. Entre as grandes fileiras de árvores, há lugares maravilhosos para as conferências dos Ministros da Regeneração; outros para Ministros visitantes e estudiosos em geral; mas há um, de incrível beleza, reservado às conversas do Governador, quando pode vir até aqui. De tempos em tempos, as árvores ficam cobertas de flores, como se fossem pequenas torres coloridas, cheias de belezas naturais. Assim, temos o céu como teto acolhedor, com as bênçãos do Sol ou das estrelas distantes.

- Esses palácios da natureza devem ser maravilhosos. - acrescentei.

- Sem dúvida. - continuou a enfermeira - Segundo o que fiquei sabendo, há 40 anos, o projeto da Ministra despertou a admiração de toda a colônia. Começaram, então, a campanha do “salão natural”. Todos os Ministérios pediram ajuda, inclusive o da União Divina, que solicitou a colaboração de Veneranda na organização dessas áreas no Bosque das Águas. Surgiram recantos deliciosos em toda parte. Mas, na minha opinião, os mais interessantes são os que se tornaram escolas. As formas e os tamanhos variam. Nos parques de educação do Esclarecimento, a Ministra instalou um verdadeiro castelo de vegetação, em forma de estrela, dentro do qual estão cinco turmas numerosas com cinco instrutores diferentes. No centro, funciona um enorme aparelho destinado à exibição de imagens, parecido com o projetor terrestre, com o qual é possível fazer cinco projeções diferentes ao mesmo tempo. Essa iniciativa melhorou muito a cidade, unindo utilidade prática, beleza espiritual e serviço.

Aproveitando a pausa natural, perguntei:

- E os móveis dos salões? São como os dos grandes espaços terrenos?

Narcisa sorriu e acrescentou:

- Há diferenças. A Ministra visualizou as cenas evangélicas do tempo de Jesus e sugeriu recursos da própria natureza. Cada “salão natural” tem bancos e poltronas feitos do próprio solo, forrados de relva macia e perfumada. Isso dá beleza e traços característicos aos locais. A organizadora disse que seria justo lembrar o Tiberíades e, dessa lembrança, surgiu a idéia dos móveis naturais. A manutenção exige cuidados permanentes, mas a beleza dos espaços compensa.

A essa altura, a enfermeira interrompeu sua explicação, mas, percebendo que eu continuava interessado, prosseguiu:

- O mais belo espaço do nosso Ministério é o que se destina às palestras do Governador. A Ministra Veneranda descobriu que ele sempre gostou das paisagens gregas mais antigas e decorou o salão com pequenos canais de água fresca, pontes graciosas, lagos minúsculos, redes e frondosa vegetação. A cada mês do ano temos cores diferentes, de acordo com as várias espécies de flores que vão se alternando a cada trinta dias. A Ministra deixou a paisagem mais bonita para o mês de dezembro, em comemoração ao Natal, quando a cidade recebe lindos pensamentos e vigorosas promessas dos encarnados e envia, por sua vez, doces afirmações de esperança e serviço aos planos superiores, em homenagem ao Mestre dos mestres. Esse salão é motivo de alegria para os nossos Ministérios. Talvez você já saiba que o Governador vem aqui quase todos os domingos. Fica ali várias horas, reunido com os Ministros da Regeneração, conversando com os trabalhadores, dando sugestões valiosas, examinando

nossas vizinhanças com o Umbral, recebendo saudações e visitas e atendendo doentes convalescentes. No final da tarde, quando pode ficar mais tempo, ouve música e assiste números artísticos, executados por jovens e crianças das nossas escolas. A maioria dos visitantes que se hospedam em “Nosso Lar” vem até aqui só para conhecer esse “palácio natural”, que acomoda confortavelmente mais de 30 mil pessoas.

Ouvindo essas informações interessantes, sentia alegria e curiosidade, ao mesmo tempo.

- O salão da Ministra Veneranda – continuou Narcisa toda animada – é também um espaço maravilhoso, que merece ser visto com todo carinho. Toda a nossa gratidão será pouca para retribuir a dedicação dessa trabalhadora de Jesus. Muitos benefícios alcançados neste Ministério foram conseguidos por ela para atender aos mais infelizes. Sua tradição de trabalho em “Nosso Lar” é uma das mais respeitadas pela Governadoria. É o espírito com maior número de horas de serviço na colônia e a figura mais antiga do Governo e do Ministério juntos. Está trabalhando nesta cidade há mais de 200 anos.

Impressionado com as informações, exclamei:

- Como deve ser respeitável esta senhora!...

- Você colocou muito bem. – respondeu Narcisa, com respeito. – É uma das criaturas mais elevadas de nossa colônia espiritual. Os 11 Ministros, que trabalham com ela na Regeneração, sempre a consultam antes de tomar qualquer providência mais importante. Em muitos casos, a Governadoria pede a sua opinião. Com exceção do Governador, a Ministra Veneranda é o único espírito em “Nosso Lar” que já viu Jesus nas Esferas Resplandescentes, mas nunca comenta esse fato de sua vida espiritual e foge à menor insinuação a esse respeito. Além disso, há outro fato interessante. Um dia, há quatro anos, “Nosso Lar” amanhaceu em festa. As Fraternidades da Luz, que comandam os destinos cristãos da América, homenagearam Veneranda, dando-lhe a medalha do Mérito de Serviço, sendo ela o primeiro espírito da colônia a receber essa condecoração por um milhão de horas de trabalho útil contínuo, sem reclamar e sem desanimar. Uma grande comissão veio trazer a medalha, mas, em meio à alegria geral, com a Governadoria, os Ministérios e a multidão reunidos na praça maior, a Ministra Veneranda só conseguiu chorar em silêncio. Em seguida, entregou o prêmio aos arquivos da cidade, passando-o à colônia como um todo, dizendo que não o merecia, apesar dos protestos do Governador. Rejeitou todas as homenagens e comemorações planejadas para mais tarde e jamais comentou a honra conquistada.

- Que mulher extraordinária! – falei – Por que não vai para os planos mais altos?

Narcisa baixou o tom de voz e declarou:

- Intimamente ela já vive em planos muito superiores ao nosso e só continua vivendo em “Nosso Lar” por amor e desejo de servir. Soube que ela vem trabalhando, há mais de mil anos, pelo grupo de espíritos queridos que continua na Terra, e espera com paciência.

- Como faço para conhecê-la? – perguntei, impressionado.

Narcisa, que parecia gostar do meu interesse, explicou satisfeita:

- Amanhã, no final da tarde, depois das preces, ela virá ao salão, para esclarecer alguns estudantes a respeito do pensamento.

33 OBSERVAÇÕES CURIOSAS

Um pouco antes da meia noite, Narcisa permitiu que eu fosse ao grande portão das Câmaras. Os Samaritanos já deviam estar por perto. Era imprescindível ver quando chegassem para tomar as providências necessárias.

Que emoção ao voltar ao caminho arborizado! Num ponto, alguns troncos lembravam os carvalhos antigos da Terra. Mais adiante, folhas lindas lembravam a acácia e o pinheiro. Aquele ar perfumado parecia uma bênção. Nas Câmaras, apesar das grandes janelas, não tinha essa sensação de bem estar. Fui caminhando em silêncio, por baixo das árvores. Ventos frescos agitavam as folhas devagar, trazendo-me tranquilidade.

Como estava sozinho, comecei a pensar no que já havia me acontecido desde a primeira vez que encontrei com o Ministro Clarêncio. Onde ficava, de fato, a ilusão? Na Terra ou naquela colônia espiritual? O que teria acontecido com Zélia e o meus filhos? Por que me davam tantos esclarecimentos sobre a vida e evitavam falar do meu lar? Até minha mãe havia me aconselhado ficar em silêncio, evitando saber mais detalhes.

Tudo indicava que eu precisava esquecer os problemas materiais, para poder me recuperar, mas, observando melhor meus sentimentos mais íntimos, ainda sentia muita saudade da família. Queria muito ver a esposa e os filhos novamente. Que armadilha do destino havia nos separado assim, como se eu fosse um naufrago em praia desconhecida? Ao mesmo tempo em que pensava nisso, outras idéias mais saudáveis me traziam conforto. Eu não era um naufrago abandonado. E mesmo que fosse, a culpa pelo naufrágio seria somente minha. Agora que aprendia a trabalhar de forma intensa e construtiva em “Nosso Lar”, estava espantado com o tempo que havia perdido com banalidades na Terra.

Na verdade, havia amado muito minha esposa e, sem dúvida, havia cuidado dos filhos com muito carinho. Mas, consultando a consciência de marido e pai com sinceridade, percebia que não havia deixado nada de sólido e útil no espírito dos meus familiares. E só agora me dava conta disso. Quem passa pela vida sem plantar nada não pode querer colher depois para matar a fome. Esses pensamentos se instalavam no meu cérebro com força irritante. Ao desencarnar, encontrei incompreensão. E o que será que aconteceu com a esposa viúva e os filhos órfãos, sem a estabilidade de antes? A pergunta era inútil.

O vento calmo parecia falar de coisas nobres, como se quisesse despertar minha mente para idéias mais elevadas.

As dúvidas íntimas me torturavam, mas procurei me concentrar nas novas obrigações e me aproximei do portão, tentando ver alguma coisa mais ao longe.

Tudo era luar e serenidade, céu sublime e beleza silenciosa! Observando admirado a paisagem, fiquei algum tempo em prece.

Momentos depois, vi, ao longe, dois vultos enormes que me impressionaram muito. Pareciam dois homens feitos de matéria desconhecida, semiluminosa. Tinham filamentos estranhos presos aos pés e aos braços. E, da cabeça, saía outro fio ainda maior. Tive a impressão de ver dois fantasmas de verdade e não aguentei. Com os cabelos em pé, voltei correndo para dentro. Agitado e assustado, contei a Narcisa o que havia visto, notando que ela mal conseguia conter o riso.

- Ora essa, André, - disse bem humorada, quando terminei - não reconheceu aquelas figuras?

Profundamente decepcionado, não consegui responder nada, mas Narcisa continuou:

- Eu também tive a mesma surpresa em outra ocasião. Aqueles são nossos irmãos encarnados. Trata-se de espíritos fortes, que vivem na Terra em missão, e podem, como iniciados na sabedoria universal, sair do corpo físico, transitando livremente em nossos planos. Os filamentos e fios que você viu são particularidades que os diferenciam de nós, desencarnados. Por isso, não tenha medo. Os encarnados que conseguem vir até aqui

são criaturas profundamente espiritualizadas, apesar de estarem em situação obscura e humilde na Terra.

E, animando-me com bondade, acentuou:

- Vamos até lá. Já passa da meia noite e meia. Os Samaritanos não devem demorar.

Satisfeito, voltei com ela para ao grande portão.

Ainda podíamos ver, à distância, os dois vultos que se afastavam de “Nosso Lar”, tranquilamente.

A enfermeira olhou-os, fez um gesto de admiração e disse:

- Estão envolvidos em luz azul. Devem ser dois mensageiros muito elevados no plano físico, em tarefa que não sabemos.

Ficamos ali algum tempo ainda, parados, olhando os campos em silêncio. Em determinado momento, a enfermeira indicou um ponto escuro no céu enluarado, e comentou:

- Lá vêm eles!

Reconheci a caravana que vinha em nossa direção, sob a claridade suave do céu. De repente, ouvi, de longe, o latido de cães.

- O que é isso? – perguntei, espantado.

- Os cães – disse Narcisa – são grandes auxiliares nas regiões escuras do Umbral, onde não há somente homens desencarnados, mas verdadeiros monstros, que não convém comentar agora.

A enfermeira logo chamou os ajudantes, enviando um deles para dentro para dar alguns avisos.

Olhei com atenção o grupo estranho que se aproximava devagar.

Seis grandes carros, com os cães alegres e barulhentos à frente, eram puxados por animais que, mesmo de longe, me pareceram iguais às mulas da Terra. Mas o mais interessante era os grandes bandos de aves, de corpo grande, que voavam bem acima dos carros, fazendo ruídos estranhos.

Na hora, perguntei a Narcisa:

- Onde está o aeróbus? Não seria possível usá-lo no Umbral?

Como ela disse que não, perguntei por quê.

Sempre atenciosa, ela explicou:

- Questão de densidade da matéria. É mais ou menos como a água e o ar. O avião que atravessa o ar do planeta não pode fazer o mesmo no mar. Poderíamos construir máquinas como submarinos, mas, por compaixão pelos que sofrem, os planos superiores preferem usar aparelhos intermediários. Além disso, em muitos casos, não podemos dispensar a colaboração dos animais.

- Como assim? – perguntei com surpresa.

- Os cães facilitam o trabalho, as mulas carregam as cargas pacientemente e fornecem calor quando necessário, e as aves, – acrescentou, apontando-as – que chamamos de ibis viajores, são ótimos auxiliares dos Samaritanos, porque devoram as formas mentais pesadas, lutando abertamente com as trevas do Umbral.

A caravana estava mais próxima agora.

Narcisa olhou-me com bondade e concluiu:

- Mas a hora não é para detalhes. Depois você poderá ter mais informações sobre os animais no Ministério do Esclarecimento, onde estão os parques de estudo e experimentação.

E, distribuindo serviço a todos, preparava-se para receber novos doentes espirituais.

COM OS RECÉM-CHEGADOS DO UMBRAL

Os cães, conduzidos por homens fortes, pararam ao nosso lado.

Logo em seguida, estávamos todos percorrendo os corredores de entrada das Câmaras de Retificação. Muitos colaboradores andavam com pressa. Alguns doentes foram levados para dentro, com muita ajuda. Além de Narcisa, Salústio e outros companheiros, os Samaritanos também trabalhavam com amor para socorrer. Alguns doentes comportavam-se com humildade e resignação, mas outros reclamavam aos gritos.

Procurando ajudar também, notei que uma senhora tentava descer do último carro com muita dificuldade. Notando que eu estava próximo, disse com espanto:

- Tenha piedade, meu filho! Ajude-me, pelo amor de Deus!...

Aproximei-me com interesse.

- Cruz, credo! – continuou, benzendo-se – Graças a Deus estou longe do purgatório... Ah, que malditos demônios me torturavam lá! Que inferno! Mas os anjos do Senhor sempre chegam.

Ajudei-a a descer, cheio de curiosidade. Pela primeira vez ouvia alguém que me parecia equilibrada e calma falar do inferno e do purgatório. Mais por malícia do que outra coisa, perguntei:

- Está vindo assim de tão longe?

Falando assim, fingia sincero interesse fraternal, exatamente como fazia na Terra, esquecendo completamente os sábios conselhos da mãe de Lísias. A pobre criatura, percebendo meu interesse, começou a explicar:

- De muito longe. Na Terra, meu filho, fui mulher de muito bons costumes, fiz muita caridade, rezei sempre como sincera devota. Mas, quem sabe do que Satanás é capaz? Quando saí do mundo, me vi cercada de seres monstruosos, que me levaram de sopetão. No começo, pedi a proteção dos arcanjos celestes, mas os espíritos diabólicos me mantiveram presa. Só que eu não perdia a esperança de ser libertada, de uma hora para a outra, porque deixei algum dinheiro para que missas mensais fossem rezadas por meu descanso.

Sempre com o vício de perseguir assuntos que não me diziam respeito, insisti:

- Que interessante! E não tentou saber por quê ficou tanto tempo lá?

- De jeito nenhum. – respondeu, benzendo-se. – Como disse, na Terra fiz o possível para ser uma boa religiosa. Você sabe que ninguém está livre de pecar. Meus escravos provocavam brigas e intrigas e, mesmo que o dinheiro me garantisse vida tranquila, às vezes era necessário aplicar disciplinas. Os feitores eram muito exigentes e não podia hesitar nas ordens diárias. De vez em quando, algum negro morria no tronco como exemplo geral. Outras vezes era obrigada a vender as mães escravas sem os filhos, para garantir a ordem. Nessas ocasiões, ficava com muito remorso, mas confessava-me todos os meses, quando o Padre Amâncio visitava a fazenda e, depois de comungar, estava livre dessas faltas menos graves. Afinal, depois de receber a absolvição no confessionário e engolir a hóstia sagrada, estava novamente em dia com todos os meus deveres para com o mundo e com Deus.

A essa altura, escandalizado com o que ouvia, comecei a doutrinar:

- Minha irmã, essa paz espiritual era falsa. Os escravos são nossos irmãos também. Para Deus, os filhos dos servos são iguais aos filhos do patrão.

Ao me ouvir dizer aquilo, bateu o pé de forma autoritária e disse irritada:

- Ah, mas não mesmo! Escravo é escravo! Se não fosse assim, a religião nos ensinaria o contrário. Pois se havia cativos até na casa dos bispos, por que não em nossas fazendas? Quem iria cuidar da terra se não fossem eles? E, acredite, sempre permiti que ficassem em minhas senzalas como verdadeira honra!... Em minha fazenda nunca vinham ao local das visitas, a não ser para cumprir minhas ordens. Padre Amâncio,

nosso virtuoso sacerdote, disse-me, na confissão, que os africanos são os piores entes do mundo, nascidos só para servir a Deus no cativeiro. E você acha que eu poderia me sentir constrangida ao lidar com esse tipo de criatura? Não tenha dúvida: os escravos são seres perversos, filhos de Satã! Fico até admirada com a paciência com que aguentei essa gente na Terra. E devo dizer que saí de repente do corpo, por ter ficado chocada com a determinação da Princesa de libertar esses bandidos. Já faz muito tempo, mas me lembro muito bem. Já estava doente há muitos dias e, quando o Padre Amâncio veio da cidade trazendo a novidade, piorei de repente. Como iríamos ficar no mundo, vendo esses criminosos em liberdade? Com certeza, iriam querer nos escravizar. E não era preferível morrer do que servir gente dessa laia? Lembro que me confessei com dificuldade, recebi as palavras do padre, mas parece que os demônios também são africanos e estavam me esperando, pois fui obrigada a suportar sua presença até hoje.

- E quando foi que veio para cá?

- Em maio de 1888.

Senti estranha sensação de espanto.

Com os olhos embaçados, a velhinha olhou ao longe e disse:

- Vai ver que meus sobrinhos se esqueceram de pagar as missas. No entanto, eu deixei isso bem claro em meu testamento.

Á responder com idéias novas de fraternidade e fé, na tentativa de elevar seus pensamentos, mas Narcisa se aproximou e disse, com bondade:

- André, meu amigo, você se esqueceu de que estamos lidando com doentes e perturbados? Que utilidade pode ter esse tipo de informação? Os loucos falam sem parar e quem os ouve, desperdiçando energia espiritual, pode estar tão louco quanto eles.

Aquilo foi dito com tanta bondade que fiquei vermelho de vergonha, sem coragem de responder.

- Não se impressione. – disse a enfermeira delicadamente – Vamos atender aos irmãos perturbados.

- Mas, você acha que também estou perturbada? – perguntou a velhinha, ofendida.

E Narcisa, demonstrando excelentes qualidades de psicóloga, assumiu expressão de fraternidade carinhosa e disse:

- Não, minha amiga, não é isso o que estou dizendo, mas acho que você deve estar muito cansada. Seu esforço no purgatório foi muito longo...

- Isso mesmo, isso mesmo. – respondeu a recém-chegada do Umbral – Você não imagina o que tenho sofrido, torturada pelos demônios...

A pobre mulher ía continuar com a mesma história, mas Narcisa, mostrando-me como agir nessas situações, disse:

- Não comente o mal. Já sei tudo o que aconteceu de triste e doloroso a você. Descanse, lembrando que vou ajudá-la.

E, no mesmo instante, falou a um dos assistentes:

- Zenóbio, vá ao departamento feminino e chame Nemésia, em meu nome, para que venha buscar mais uma irmã para os leitos de tratamento.

35 UM ENCONTRO ESPECIAL

Enquanto guardavam o material da viagem e os animais de serviço, ouvi uma voz carinhosa a meu lado:

- André! Você por aqui? Que bom! Que surpresa boa!...

Virei surpreso e reconheci o Samaritano que falava comigo, o velho Silveira, conhecido meu, de quem meu pai, um dia, como negociante intransigente, tirou todos os bens.

Fiquei naturalmente envergonhado. Quis cumprimentá-lo, responder ao gesto de carinho, mas, de repente, me senti paralisado pela lembrança do passado. Ali, onde a sinceridade transparecia de todos os rostos, eu não seria capaz de fingir. Foi o próprio Silveira que, percebendo a situação, tentou me ajudar, dizendo:

- Sinceramente, não sabia que você havia desencarnado e nem imaginava que estaria aqui em “Nosso Lar”.

Sentindo sua gentileza sincera, abracei-o comovido, tentando dizer palavras de reconhecimento.

Tentei dar algumas explicações sobre o passado, mas não consegui. No fundo, eu queria pedir desculpas pelo que meu pai fez, levando-o à completa falência. Naquele momento, revia mentalmente a imagem do passado. A memória mostrava-me novamente o quadro vivo. Parecia estar ouvindo a sra. Silveira quando foi à nossa casa explicar o que estava acontecendo. O marido estava doente havia muito tempo e a situação havia se complicado muito com a doença dos dois filhos. As necessidades eram muitas e os tratamentos, muito caros. A pobre mulher chorava, esfregando os olhos com o lenço. Pedia mais tempo, implorava alternativas justas. Humilhava-se, olhando com tristeza minha mãe, como se buscasse ajuda e compreensão no coração de outra mulher. Lembrei-me que minha mãe interferiu e pediu a meu pai que esquecesse os documentos assinados, abrindo mão de qualquer ação judicial. Mas meu pai, habituado a grandes negócios e tendo a sorte a seu lado, não entendia a condição do pequeno comerciante. Não deu o braço a torcer. Disse que lamentava o que estava acontecendo, que ajudaria o cliente amigo, deixando claro, no entanto, que não tinha outra alternativa quanto aos débitos já existentes, a não ser cumprir o que mandava a lei. Afirmou que não podia transgredir as regras do seu próprio estabelecimento comercial. As promissórias seriam acionadas. E consolava a esposa aflita comentando a situação de outros clientes que, para ele, parecia pior. Lembrei-me dos olhares de simpatia de minha mãe para a pobre mulher em lágrimas. Meu pai ficou completamente indiferente e, quando a sra. Silveira se despediu, chamou a atenção de minha mãe, proibindo-a de se intrometer nos negócios. A pobre família teve que arcar com a falência total. Relembrava, claramente, o instante em que até o piano da sra. Silveira foi retirado da casa deles para pagar as últimas contas.

Quis pedir desculpas, mas não encontrava frases apropriadas, porque, naquele momento, pensava como meu pai e o incentivava a agir daquela forma. Achava minha mãe sentimentalista demais e fiz com que ele continuasse com a ação até o fim. Eu era muito jovem ainda e a vaidade falava mais alto. Não queria saber se os outros sofriam, não conseguia enxergar as necessidades dos outros. Só via os direitos da minha família, mais nada. E, nesse aspecto, tinha sido implacável. Era inútil minha mãe tentar me convencer.

Derrotados, os Silveira foram para o interior, completamente miseráveis. Nunca mais havia tido notícias daquela família, que, com certeza, nos odiava.

Essas lembranças iam se juntando em minha mente em segundos. Num instante, havia reconstruído todo o passado de sombras.

E, enquanto mal disfarçava o constrangimento, Silveira, sorrindo, me trazia de volta à realidade:

- Tem visitado o “velho”?

Aquela pergunta, demonstrando carinho espontâneo, aumentava minha vergonha. Expliquei que, apesar de querer muito, ainda não havia conseguido.

Silveira percebeu meu constrangimento e, com pena do meu estado, talvez, procurou afastar-se. Abraçou-me com respeito e voltou ao trabalho.

Muito confuso, procurei Narcisa para pedir conselhos. Expliquei o que havia acontecido, contando os detalhes da história na Terra.

Ela me ouviu com paciência e disse com carinho:

- Não há nada de estranho nisso. Há algum tempo passei pela mesma situação. Já tive a felicidade de encontrar aqui muitas pessoas que prejudiquei na Terra. Hoje sei que isso é uma bênção de Deus, que nos dá novas oportunidades de recuperar simpatias, recompondo a corrente espiritual.

E, tentando enfatizar o que dizia, perguntou:

- Você aproveitou a bela oportunidade?

- O que você quer dizer?

- Desculpou-se com o Silveira? É sempre uma grande alegria reconhecer os próprios erros. Agora que você já pode examinar a própria consciência com bastante luz, reconhecendo ser o errado, não perca a oportunidade de reatar a amizade. Vá, André, e abrace-o de outro jeito. Aproveite o momento, porque o Silveira é muito ocupado e talvez não tenha outra chance tão cedo.

Percebendo minha indecisão, Narcisa acrescentou:

- Não tenha medo do fracasso. Toda vez que nos sintonizamos com o bem, Jesus nos dá o que for necessário para que tenhamos sucesso. Tome a iniciativa. Fazer boas ações, quaisquer que sejam, é sempre uma grande honra para a alma. Lembre-se do Evangelho e vá atrás da reconciliação.

Não vacilei mais. Corri para encontrar Silveira e falei com sinceridade, pedindo que perdoasse as ofensas e erros cometidos por mim e por meu pai.

- Você entende, - destaquei – estávamos cegos. E, nesse estado, não víamos nada, a não ser o interesse próprio. Quando o dinheiro se junta à vaidade, Silveira, fica difícil manter-se longe do mau caminho.

Silveira, muito comovido, não me deixou terminar:

- Ora, André, será que existe alguém que não tenha errado? Por acaso, você acha que eu mesmo não tenho erros? Além disso, seu pai foi meu verdadeiro instrutor. Eu e meus filhos lhe devemos grandes lições de esforço pessoal. Sem aquela atitude enérgica, que nos tirou tudo o que tínhamos, como poderíamos ter progredido espiritualmente? Aqui todos os nossos conceitos sobre a vida humana ficam diferentes. Nossos inimigos não são realmente inimigos e, sim, benfeitores. Não se deixe levar por lembranças tristes. Vamos trabalhar com Deus, reconhecendo que a vida é infinita.

E, vendo meus olhos úmidos, abraçou-me com carinho e concluiu:

- Não perca tempo com isso. Em breve quero ir com você visitar seu pai.

Abracei-o em silêncio, sentindo nova alegria na alma. Parecia que, em algum canto escuro do coração, uma divina luz havia se acendido para sempre.

36 O SONHO

Os serviços continuavam sem parar. Doentes precisando de cuidados, perturbados pedindo atenção.

Quando anoiteceu, já estava familiarizado com o mecanismo dos passes e aplicava-os a todo tipo de necessitado.

Pela manhã, Tobias voltou às Câmaras e, mais por generosidade do que outra coisa, disse-me algumas palavras de incentivo.

- Muito bem, André! – exclamou, contente. – Vou recomendá-lo ao Ministro Genésio e, pelos primeiros serviços, você receberá bônus em dobro.

Estava tentando agradecer, quando D. Laura e Lísias chegaram e me abraçaram.

- Estamos muito contentes. – disse a senhora, sorrindo. – Acompanhei você por toda a noite e posso dizer que seu primeiro dia de trabalho é motivo de muita alegria lá em casa. Fiz questão de dar a notícia ao Ministro Clarêncio e ele me pediu que o cumprimentasse em nome dele.

Fizeram alguns comentários com Tobias e Narcisa e me pediram que contasse como havia me sentido. Eu estava muito feliz.

Mas minhas grandes alegrias tiveram que ficar para depois.

Apesar de a mãe de Lísias me pedir para voltar para casa para descansar, Tobias colocou um apartamento ao lado das Câmaras à minha disposição. Estava mesmo precisando descansar. Narcisa cuidou da cama para mim.

Já deitado no quarto espaçoso e arejado, fiz uma prece a Deus, agradecendo a oportunidade de ter sido útil. O “cansaço sadio”, de quem cumpriu o seu dever, não me deixou perder tempo acordado.

Logo depois, senti uma grande leveza e tive a sensação de ser levado por um barco pequeno, a um lugar desconhecido. Onde estava indo? Não sei. A meu lado havia um homem quieto que segurava o leme. E, como uma criança que não é capaz de descrever o que vê pelo caminho, continuei viagem sem dizer nada, admirado com a beleza da paisagem.

Tinha a impressão de que o barco ia muito rápido, apesar de estar subindo.

Depois de alguns minutos, estava em frente a um porto maravilhoso, onde alguém me chamou com carinho especial:

- André! André!

Desci do barco feito criança apressada. Era capaz de reconhecer aquela voz em meio a milhares de outras. Em seguida, abraçava minha mãe todo contente.

Ela me levou a um lindo bosque, onde as flores tinham uma característica diferente: eram capazes de reter a luz, proporcionando uma festa permanente de cor e perfume. Tapetes dourados e luminosos se estendiam sob as grandes árvores, que faziam um ruído suave, agitadas pelo vento. A sensação de paz e felicidade era indescritível. O sonho não era exatamente como acontece na Terra. Eu sabia que havia deixado o corpo mais denso no apartamento das Câmaras de Retificação, em “Nosso Lar”, e tinha total consciência de que me movimentava num outro plano. Tinha perfeita noção de tempo e espaço, mas as emoções eram cada vez mais intensas. Depois de me cumprimentar e dizer várias palavras de incentivo, minha mãe explicou com bondade:

- Pedi muito a Jesus que me permitisse a alegria de estar com você no seu primeiro dia de serviço útil. Como você vê, meu filho, o trabalho é um tônico divino para o coração. Muitos dos nossos companheiros, depois de desencarnarem, adotam atitudes negativas, esperando milagres que nunca vêm. Com isso, suas capacidades ficam reduzidas a simples parasitismo. Alguns dizem que estão desanimados pela solidão. Outros dizem que não se sentem bem no ambiente a que foram chamados a trabalhar. É indispensável, André, oferecer todas as oportunidades da vida a Deus. Nos planos inferiores, meu filho, o prato de sopa para quem tem fome, o remédio para os doentes, o gesto de amor para os desiludidos, são serviços divinos que nunca serão esquecidos por

Deus. Do mesmo modo, aqui, o olhar de compreensão para os culpados, a promessa evangélica para os desesperados, a esperança para os aflitos, são bênçãos de trabalho espiritual, que Deus observa e registra a nosso favor...

O rosto de minha mãe estava mais belo do que nunca. Seus olhos de santa pareciam irradiar luz sublime, suas mãos me transmitiam energias novas a cada gesto. Isso sem falar nas doces emoções.

- O Evangelho de Jesus, André, - continuou com amor – nos lembra que há mais alegria em dar do que em receber. Vamos aprender a praticar isso, naquilo em que a vida nos colocar pela nossa própria felicidade. Dê, sempre, meu filho. E, acima de tudo, não se esqueça nunca de dar de si mesmo, em tolerância, em amor fraterno e compreensão. A prática do bem exterior é uma lição e um chamado para que cheguemos à prática do bem interior. Jesus deu mais de si para o engrandecimento dos homens que todos os milionários da Terra juntos em caridade material, que, embora seja louvável, é apenas material. Não se envergonhe de ajudar os doentes e esclarecer os loucos que entrem nas Câmaras de Retificação, onde, espiritualmente, vi você trabalhando na noite passada. Trabalhe, meu filho, fazendo o bem. Em todas as nossas colônias espirituais, assim como nos planos mais próximos da Terra, vivem almas perturbadas, ansiosas por novidades e distrações. Mas, sempre que puder, esqueça o divertimento e procure ser útil. Assim como eu, imperfeita, posso ver, em espírito, seus esforços em “Nosso Lar” e seguir a tristeza de seu pai no Umbral, Deus nos vê e acompanha a todos, desde o mais lúcido espírito de luz, até os últimos seres da Criação, muito inferiores aos vermes da Terra.

Minha mãe fez uma pausa, que eu quis aproveitar para dizer alguma coisa, mas não pude. Lágrimas de emoção me deixaram sem voz. Ela me olhou com carinho, entendendo a situação, e continuou:

- Na maioria das colônias espirituais, conhecemos a remuneração do bônus-hora. Nossa base de compensação une dois fatores essenciais. O bônus representa a possibilidade de recebermos alguma coisa daqueles que lutam ou de recompensar alguém que esteja em nossos planos, mas o critério para estabelecer o valor da hora é de Deus. Na bonificação exterior pode haver muitos erros de nossa personalidade imperfeita, considerando que somos seres em evolução, exatamente como na Terra, mas, no que se refere ao conteúdo espiritual da hora, existe proporcionalidade direta entre o trabalhador e as forças divinas. É por isso, André, que nossas experiências evolutivas, desde o mundo físico, sofrem mudanças todos os dias. Tabelas, quadros, pagamentos, são tipos de experiência dos administradores, a quem Deus deu a oportunidade de cooperar com a vida, assim como dá à criatura o privilégio de ser pai ou mãe na Terra e em outros mundos por algum tempo. Todo administrador responsável está ciente de suas obrigações, assim como todo pai consciente está cheio de amor e cuidado. Deus também, meu filho, é Administrador vigilante e Pai muito dedicado. Não esquece de ninguém e reserva-se o direito de tratar diretamente com o trabalhador o verdadeiro proveito no tempo de serviço. A compensação exterior diz respeito à personalidade temporária em experiência, mas o valor do tempo interessa à personalidade eterna, aquela que permanecerá sempre em nossos planos de vida, a caminho da glória de Deus. É por isso que Ele dá sabedoria ao que usa o tempo aprendendo e dá mais vida e alegria a quem sabe renunciar!...

Minha mãe se calou, enquanto eu enxugava os olhos. Foi aí que ela me abraçou com imenso carinho. Como um menino que dorme depois da lição, perdi a consciência de mim mesmo, para acordar mais tarde nas Câmaras de Retificação, com fortes sensações de alegria.

37

A PALESTRA DA MINISTRA

Em meio às atividades do dia seguinte, tinha grande interesse pela palestra da Ministra Veneranda. Como sabia que precisaria de autorização, falei com Tobias a respeito:

- Essas aulas – disse ele - são ouvidas apenas pelos espíritos realmente interessados. Os instrutores aqui não podem perder tempo. Autorizo você a assistir entre as centenas de ouvintes que são trabalhadores e abrigados dos Ministérios da Regeneração e do Auxílio.

Num gesto de carinho, concluiu:

- Espero que aproveite bem.

Passei o dia trabalhando. O contato com minha mãe e suas belas palavras sobre a prática do bem traziam-me muito conforto.

Logo depois que acordei, aquelas explicações sobre o bônus-hora me trouxeram muitas dúvidas. Como poderia a compensação da hora ser tarefa de Deus? A contagem do tempo não era tarefa do administrador espiritual ou humano? Tobias me esclareceu, eliminando minhas dúvidas. Cabe aos administradores em geral a obrigação de contar o tempo de serviço, assim como estabelecer critérios de reconhecimento ao trabalhador, mas só as forças divinas podem determinar com exatidão qual foi o verdadeiro aproveitamento. Há trabalhadores que, depois de 40 anos de serviços especiais, deixam o trabalho tão inexperientes quanto no início, provando que gastaram tempo sem se dedicar espiritualmente, assim como há homens que, mesmo que cheguem a 100 anos de idade, deixam a vida com a mentalidade de uma criança. Para você ter uma idéia de como a explicação de sua mãe é valiosa, - disse Tobias – basta lembrar as horas dos homens bons e maus. Para os primeiros, são fonte de bênçãos de Deus, mas para os segundos são chicote de tormento e remorso, como se fossem seres malditos. Cada filho acerta as contas com Deus segundo suas obras ou de acordo com o que tiver feito das oportunidades que lhe foram dadas.

Essa explicação me ajudou a refletir no valor do tempo, em todos os sentidos.

Quando chegou a hora da palestra da Ministra, logo depois da oração da tarde, fui, com Narcisa e Salústio, para o grande salão em plena natureza.

O espaço todo verde era uma maravilha, onde nos acomodamos confortavelmente em grandes bancos de relva. Flores variadas, brilhando à luz de velas, exalavam delicado perfume.

Calculei haver mais de mil pessoas ali, dispostas como numa platéia comum. Percebi que 20 entidades estavam em local de destaque, entre nós e o palanque florido onde se via a poltrona da instrutora.

Com uma pergunta minha, Narcisa explicou:

- Estamos no espaço reservado aos ouvintes. Aqueles irmãos, em local de destaque, são os mais avançados no assunto de hoje e podem fazer perguntas à Ministra. Conseguiram esse direito pela dedicação ao tema, o que nós também podemos conseguir.

- Você não pode ficar lá com eles? – perguntei.

- Não. Por enquanto, só posso me sentar ali quando a instrutora fala do tratamento a espíritos perturbados. Mas há irmãos que ficam ali em várias palestras, conforme o que já tiverem aprendido.

- Interessante o processo. – comentei.

- O Governador – continuou – determinou essa medida, nas aulas e palestras de todos os Ministros, para que os trabalhos não se transformassem em debate de opiniões pessoais sem fundamento, o que acarretaria grande perda de tempo para todos. Qualquer dúvida ou comentário útil poderá ser esclarecido ou aproveitado, desde que seja o momento adequado.

Mal acabou de falar e a Ministra Veneranda entrou no salão ao lado de duas senhoras, que Narcisa me disse serem Ministras da Comunicação.

Só com a sua presença, Veneranda espalhou enorme alegria em todos os rostos. Não tinha a aparência de uma velha, como o nome sugeria. Parecia mais uma senhora madura, muito simples e serena.

Depois de conversar rapidamente com os 20 companheiros, informando-se das maiores necessidades do público em geral em relação ao tema da noite, começou dizendo:

–“Como sempre, não vou usar nossa reunião para longos discursos. Estou aqui para conversar com vocês, fazendo alguns comentários a respeito do pensamento.

“Neste momento, há, entre nós, vários ouvintes que se surpreendem pelo fato de o nosso plano ser tão parecido com o planeta. Vários deles se perguntam: - Eles não aprenderam que o pensamento é a linguagem universal? Não foram informados de que a criação mental é quase tudo em nossa vida? – Ainda assim, encontraram aqui, a casa, os objetos e a linguagem da Terra. Só que esta realidade não deve surpreender ninguém. Não podemos esquecer que, até agora, temos passado nossas vidas físicas em antigos círculos de antagonismo vibratório. O pensamento é a base das relações espirituais dos seres entre si, mas não podemos esquecer que somos milhões de seres dentro do universo, ainda rebeldes às leis universais. Por enquanto, não somos como os irmãos mais velhos e mais sábios, próximos de Deus, mas milhões de entidades vivendo nos caprichosos “mundos inferiores” do nosso eu. Os grandes instrutores da humanidade física ensinam princípios divinos, expõem verdades eternas e profundas no mundo. Mas, em geral, em nossas atividades terrenas, ouvimos falar dessas leis sem nos aplicarmos e sem dedicarmos a vida a elas.

“Podemos acreditar que o homem ficaria livre de toda inferioridade, só por tomar conhecimento do poder do pensamento? Impossível!

“Mesmo que uma encarnação humana durasse 100 anos, seria um tempo curto demais para alcançarmos a posição de trabalhadores puramente divinos. Aprendemos sobre a força mental nas escolas da Terra, mas esquecemos que, nesse assunto, toda nossa energia tem sido usada, milênio após milênio, nas criações mentais destrutivas ou prejudiciais a nós mesmos.

“Somos recebidos nos diversos cursos de espiritualização do mundo, mas, com frequência, não passamos das palavras. No entanto, ninguém pode cumprir o dever só com palavras. A Bíblia nos ensina que nem Deus ficou só nas palavras e continuou o trabalho criativo na ação.

“Todos sabemos que o pensamento é força essencial, mas não admitimos nosso vício milenar de desviar essa força.

“Ora, todos sabem que o homem é obrigado a alimentar os próprios filhos. Assim também, cada espírito é levado a manter e nutrir as criações que lhe são peculiares. Uma idéia criminosa produzirá criações mentais do mesmo tipo e um pensamento elevado obedecerá a mesma lei. Vejamos um exemplo mais simples. Depois de evaporar-se, a água volta purificada, carregando importantes fluidos vitais, seja no orvalho que protege ou na chuva que traz benefícios, mas se a conservarmos com os detritos da terra, ela se transformará em colônia de microorganismos destruidores.

“O pensamento é força viva, em toda parte. É atmosfera criadora que envolve o Pai e os filhos, a Causa e os efeitos, no lar universal. Nele, os homens se transformam em anjos, a caminho do céu, ou tornam-se gênios diabólicos, a caminho do inferno.

“Vocês percebem a importância disso? Certo, para as mentes desenvolvidas, entre os encarnados e desencarnados, basta o intercâmbio mental, sem necessidade de formas, e convém destacar que o pensamento em si é a base de todas as mensagens silenciosas da intuição entre os seres de todas as espécies. Dentro desse princípio, um espírito que tenha vivido só na França poderá se comunicar no Brasil, pensamento a pensamento, sem necessidade da linguagem verbal, que, nesse caso, será sempre a do receptor. Mas isso exige afinidade pura. Ainda não estamos nos planos de pureza mental, onde todas as criaturas têm afinidades entre si. Nós nos afinizamos com os outros em

núcleos fechados e somos forçados a continuar encarnando, a fim de voltar ao mundo com maior bagagem evolutiva.

“Nosso Lar”, portanto, como cidade espiritual de transição, é uma bênção concedida a nós por misericórdia divina, para que alguns poucos possam se preparar para a ascensão, e para que a maioria volte à Terra em serviços de redenção. Devemos compreender e nos submeter à grandiosidade das leis do pensamento desde já.”

Depois de longa pausa, a Ministra sorriu para a platéia e perguntou:

- Quem quer aproveitar?

Logo depois, uma música suave encheu o salão de harmonia.

Veneranda conversou ainda por muito tempo, demonstrando amor e compreensão, delicadeza e sabedoria.

Sem qualquer formalidade nos gestos que indicasse o término da palestra, encerrou a exposição com uma pergunta graciosa.

Quando vi os companheiros se levantarem para a despedida, ao som da música habitual, perguntei a Narcisa, com surpresa:

- Como assim? Já acabou a reunião?

A enfermeira esclareceu, sorrindo:

- A Ministra Veneranda é sempre assim. Termina a conversa quando estamos mais interessados. Ela costuma dizer que as palestras evangélicas começaram com Jesus, mas ninguém sabe quando e como vão terminar.

38 O CASO TOBIAS

No terceiro dia de trabalho, Tobias me fez uma agradável surpresa. Quando terminamos o trabalho no fim da tarde, como outros se encarregaram do turno da noite, ele me levou à sua casa, onde belos momentos de alegria e aprendizado me esperavam.

Assim que chegamos, apresentou-me duas senhoras, uma mais idosa e uma entrando na idade madura. Explicou que a primeira era sua esposa e a outra, uma irmã. Hilda e Luciana foram muito atenciosas e gentis.

Reunidos na bela biblioteca de Tobias, examinamos livros maravilhosos, tanto pela capa, como pelo conteúdo espiritual.

D. Hilda me convidou para ir ao jardim, para que pudesse ver de perto alguns caramanchões muito bonitos. Cada casa em “Nosso Lar” parecia se especializar no cultivo de determinadas flores. Na casa de Lísias, havia centenas de glicínias e lírios. Já na casa de Tobias, víamos hortênsias em meio a um tapete de violetas. Belos caramanchões de árvores delicadas, parecidas com o bambu ainda novo, tinham uma trepadeira diferente em cima, que unia a copa de várias árvores como se fosse enorme laço florido, formando um lindo teto.

Não sabia expressar minha admiração. O ar estava carregado de delicioso perfume. Comentávamos a beleza da paisagem geral, vista daquele ângulo do Ministério da Regeneração, quando Luciana nos chamou para um lanche.

Encantado com o ambiente simples, cheio de fraternidade sincera, não sabia como agradecer a Tobias a generosidade.

Num certo momento da conversa, Tobias disse sorridente:

- A bem da verdade, você ainda é novato em nosso Ministério e talvez não saiba do meu caso familiar.

As duas mulheres sorriram ao mesmo tempo e, percebendo minha curiosidade muda, o dono da casa continuou:

- Aliás, temos vários outros casos idênticos na colônia. Imagine que fui casado duas vezes...

E, apontando as duas senhoras, prosseguiu com bom humor:

- Acho que não preciso dizer quem foram as esposas...

- Ah!, sim. – gaguejei muito confuso. – Quer dizer que D. Hilda e Luciana compartilharam da sua experiência na Terra...

- Isso mesmo – respondeu tranquilo.

Nesse meio tempo, D. Hilda tomou a palavra, falando comigo:

- Perdoe o Tobias, André. Ele está sempre disposto a falar do passado, quando nos encontramos com alguma visita recém-chegada da Terra.

- E não é motivo de alegria – respondeu Tobias – vencer o ciúme inferior, conquistando, ao menos, alguma parcela de fraternidade verdadeira?

- De fato, - respondi, - o problema interessa muito a todos nós. Há milhões de pessoas casadas pela segunda vez no plano físico. Como fica essa importante questão, considerando que o espírito é eterno? Sabemos que a morte do corpo não nos destrói, apenas nos transforma. Os laços da alma continuam pelo tempo a fora. Como agir? Condenar o homem ou a mulher que se casaram mais de uma vez? Só que aí teríamos milhões de pessoas nessa situação. Muitas vezes lembrei, com interesse, a passagem evangélica em que Jesus nos promete a vida dos anjos, falando do casamento na eternidade.

- Mas precisamos reconhecer, com todo respeito a Jesus, – comentou Tobias bondoso – que ainda não estamos nos plano dos anjos e, sim, no dos homens desencarnados.

- Mas, então, como resolvemos essa questão aqui? – perguntei.

Tobias sorriu e disse:

- Simplesmente reconhecendo que entre os animais e o homem há uma enorme sequência de graus. Assim como de nós aos anjos há uma distância imensa a caminhar. Ora, como podemos desejar a companhia de anjos se ainda não somos fraternos uns com os outros? Claro que existem espíritos mais fortes, que se mostram superiores a todos os obstáculos do caminho, com enorme força de vontade, mas a maioria não pode abrir mão de pontes ou socorro de amigos espirituais.

Em vista dessa verdade, esses casos são resolvidos com base na fraternidade pura, tendo em mente que o verdadeiro casamento é de almas e essa união ninguém pode desfazer.

Nesse momento, Luciana, que estava quieta, comentou:

- Mas é bom explicar que tudo isso, felicidade e compreensão, devemos ao espírito de amor e renúncia de Hilda.

A sra. Tobias, no entanto, demonstrando humildade, comentou:

- Deixem disso. Nada de me atribuir qualidades que não tenho. Vou tentar resumir nossa história, para que o nosso visitante conheça meu difícil aprendizado.

E, depois de um gesto de amabilidade, continuou:

- Tobias e eu nos casamos muito jovens na Terra, de acordo com nossas afinidades espirituais. Acho que não é necessário falar da felicidade de duas almas que se amam de verdade e se unem no casamento. No entanto, acho que a morte tinha ciúme da nossa felicidade e me tirou do mundo quando tive o nosso segundo filho. É impossível descrever nosso sofrimento. Tobias chorava sem consolo e eu não tinha forças para acalmar minha angústia. Passei dias pesados no Umbral. Não tive outra escolha a não ser continuar agarrada ao marido e ao casal de filhos, surda a todo esclarecimento que os amigos espirituais me enviavam por intuição.

Queria lutar, como a leoa ao lado dos filhotes. Reconhecia que Tobias precisava reorganizar a família, que as crianças necessitavam de orientação maternal. A situação estava ficando muito difícil. Minha cunhada solteira não tolerava as crianças e a cozinheira apenas fingia carinho. As duas babás jovens agiam com completa insensatez. Tobias não tinha como ficar adiando a decisão mais sensata e, um ano depois do meu desencarne, casou-se com Luciana, contrariando minha vontade. Ah, se você soubesse como me revoltei... Parecia uma loba ferida. Foi aí que Jesus me permitiu a visita de minha avó materna, desencarnada havia muitos anos. Ela chegou como quem não quer nada, surpreendendo-me muito, e sentou-se ao meu lado. Em seguida, pôs-me no colo, como em outros tempos, e me perguntou com tristeza: “O que é isso, Hilda? Qual é o seu papel na vida? Você é uma leoa ou uma alma consciente de Deus? Quer dizer que Luciana pode servir de mãe para os seus filhos, cuidar da sua casa e do seu jardim, suportar o mau humor do seu marido e não pode assumir o lugar provisório de companheira ao lado dele? É assim que você agradece as bênçãos divinas e retribui aqueles que o ajudam? Você quer uma escrava e despreza uma irmã? Hilda, Hilda!... onde estão as lições de Jesus que você aprendeu? Ah, minha pobre neta!...” Abracei-a, então, chorando, e abandonei a antiga casa, vindo com ela para os serviços em “Nosso Lar”. Desde essa época, passei a ver Luciana como mais uma filha. Trabalhei muito, dediquei-me ao estudo sério, ao melhoramento espiritual de mim mesma, tentei ajudar a todos em nossa casa, sem distinção. Tobias constituiu nova família, que passou a ser minha família também, pelos laços espirituais. Mais tarde, ele desencarnou e se juntou a mim, acompanhado de Luciana, que veio também nos encontrar, para nossa alegria. E essa é, André, a nossa história...

Mas Luciana tomou a palavra e comentou:

- Ela só não disse quanto tem se sacrificado por nós, dando-me muitos exemplos.

- O que você está dizendo, Luciana? – perguntou a sra. Tobias, acariciando sua mão.

Luciana sorriu e continuou:

- Graças a Jesus e a ela, aprendi que há casamentos por amor, por fraternidade, por provação, por dever, e, no dia em que Hilda me beijou, perdendo-me, senti que meu

coração se libertava do monstro do ciúme inferior. O casamento espiritual realiza-se de alma para alma. Os outros são todos sagrados, mas representam apenas alternativas indispensáveis para atender necessidades ou processos de resgate.

- E assim contruímos nosso novo lar, com base na verdadeira fraternidade – concluiu o dono da casa.

Aproveitando o silêncio que se fez, perguntei:

- Mas como é o casamento aqui?

- Pela sintonia vibratória, - explicou Tobias – ou então, para ser mais preciso, pela afinidade máxima ou completa.

Sem poder controlar minha curiosidade, esqueci a discrição e perguntei:

- E qual é a situação de Luciana nesse caso?

Antes que o casal respondesse, foi a própria Luciana que explicou:

- Quando me casei com Tobias viúvo, já sabia que, provavelmente, seria uma união fraternal, acima de tudo. Isso foi o mais difícil de entender. Aliás, é lógico que, se os cônjuges não se entendem, são tristes e agitados, estão unidos fisicamente, mas não estão espiritualmente sintonizados.

Queria perguntar mais coisas, mas não encontrava palavras que disfarçassem meu atrevimento. D. Hilda, no entanto, percebeu meus pensamentos e explicou:

- Fique tranquilo. Luciana está em noivado espiritual. Seu companheiro de várias encarnações voltou ao mundo há alguns anos, reencarnando antes dela. No próximo ano, ela irá também. Creio que o grande momento será em São Paulo.

Sorrimos todos com alegria.

Nesse instante, Tobias foi chamado com urgência para atender um caso grave nas Câmaras de Retificação.

Por isso, foi preciso terminarmos a conversa.

OUVINDO D. LAURA

A história de Tobias havia me impressionado muito.

Aquela família formada com base em novos conceitos de união fraterna não me saía da cabeça. Afinal de contas, eu também me sentia dono do lar físico e imaginava como seria difícil para mim uma situação como essa. Será que eu teria coragem de agir como Tobias? Reconhecia que não. No meu entender, não seria capaz de colocar Zélia nessa situação, nem poderia aceitar que ela me impusesse algo assim.

Aqueles comentários na casa de Tobias me torturavam. Não conseguia achar explicações razoáveis que me deixassem satisfeito.

Fiquei tão preocupado que, no dia seguinte, resolvi visitar Lisias durante uma folga, para poder pedir explicações a D. Laura, em quem tinha muita confiança.

Fui recebido com muita alegria e esperei o momento adequado em que pudesse ouvir a mãe de Lisias com calma e tranquilidade.

Depois que os jovens saíram para os seus passeios, contei à boa amiga, muito constrangido, o problema que me incomodava.

Ela sorriu, como quem tem muita experiência de vida, e foi dizendo:

- Você fez muito bem em vir conversar comigo. Todo problema que nos torture fica mais fácil de ser resolvido quando podemos contar com os amigos.

E, depois de rápida pausa, continuou:

- O caso Tobias é apenas um dos muitos que temos aqui e em outras colônias que se caracterizam por pensamentos elevados.

- Mas, isso nos choca os sentimentos, não é verdade? – respondi interessado.

- Quando nos prendemos aos pontos de vista puramente humanos, essas coisas podem até nos escandalizar. No entanto, André, é necessário que agora consideremos, antes de tudo, os princípios espirituais. Para isso, precisamos nos lembrar da sequência lógica que há no processo evolutivo. Se levamos um bom tempo para sair da animalidade, é natural que essa animalidade não desapareça de uma hora para outra. Levamos muitos séculos para sair dos planos inferiores. O sexo é uma faculdade divina que demoramos muito para entender. Não será fácil para você, no momento, captar o sentido elevado da família que visitou ontem. Entretanto, a felicidade ali é muito grande, pela atmosfera de compreensão que se criou entre eles. Nem todos conseguem substituir elos de sombra por laços de luz em tão pouco tempo.

- Mas isso é regra geral? – perguntei. – Todo homem e toda mulher que tenham se casado mais de uma vez, reconstróem o lar aqui, em companhia de todos os cônjuges com quem conviveram?

Fazendo um gesto de paciência, ela explicou:

- Não seja tão radical. Vamos devagar. Muita gente pode ter carinho e não ter compreensão. Não esqueça que nossas construções vibratórias são muito mais fortes que as materiais. O caso Tobias é um caso de vitória da fraternidade verdadeira, por parte dos três interessados. Quem não se adaptar à lei de fraternidade e compreensão, logicamente não conseguirá o mesmo. As regiões escuras do Umbral estão cheias de entidades que não resistiram a provas como essa. Enquanto odiarem, funcionam como agulhas magnéticas agitadas pelas correntes mais antagônicas. Enquanto não entenderem a verdade, sofrerão com a mentira e, portanto, não poderão passar a planos superiores. São muitas as criaturas que sofrem muito tempo, sem qualquer alívio espiritual, só por se recusarem a praticar a fraternidade legítima.

- E o que acontece então? – perguntei, aproveitando a pausa de D. Laura – Se não podem ir aos planos de aprendizado superior, onde ficam os espíritos que estão nessa situação?

- Depois de sofrerem muito com as imagens mentais que criam para si mesmos - respondeu a mãe de Lisias - voltam para fazer no corpo físico o que não conseguiram fazer fora dele. Deus permite que, reencarnados, esqueçam o passado e recebam, como

parentes, aqueles que repudiaram deliberadamente por ódio ou incompreensão. Por aí vemos o quanto é oportuna a recomendação de Jesus para que nos reconciliemos com os adversários o quanto antes. Esse conselho, interessa, antes de mais nada, a nós mesmos. Devemos segui-lo pelo nosso próprio bem. Quem sabe aproveitar bem o tempo, quando desencarna, mesmo que ainda precise voltar ao plano físico, pode alcançar sublime paz de consciência, reencarnando com menos preocupações depois. Há muitos espíritos que perdem séculos tentando desfazer antagonismos e antipatias na vida terrena e refazendo-se depois de desencarnarem. O problema do perdão com Jesus, André, é muito sério. Não se resolve em conversas. Dizer que perdoamos é só uma questão de palavras, mas aquele que perdoa realmente, precisa movimentar pesados compromissos de outras vidas dentro de si mesmo.

A essa altura, D. Laura se calou, como quem precisasse pensar na profundidade do que foi dito. Aproveitando a deixa, comentei:

- O casamento é muito sagrado para mim.

D. Laura não se surpreendeu com minhas palavras e respondeu:

- Nossa conversa não interessa aos espíritos mais animalizados. Mas para nós, que entendemos a necessidade de crescimento, é necessário notar que, não só o casamento é sagrado, como também toda experiência que envolva sexo, porque afeta profundamente a vida da alma.

Ouvindo aquela observação, não consegui deixar de ficar vermelho, lembrando meu passado de homem comum. Minha mulher havia sido um objeto sagrado para mim, que eu colocava à frente de todas as outras afeições. No entanto, ao ouvir a mãe de Lísias, pensei nas palavras antigas do Velho Testamento: “ não cobiçarás a casa do próximo, não cobiçarás a mulher do próximo, nem o servo, nem a serva, nem o jumento, nem o boi, nem coisa alguma que lhe pertença”. Num instante, deixei de estranhar o caso Tobias. E D. Laura, percebendo minha confusão íntima, continuou:

- Onde todo mundo tem que consertar alguma coisa, deve haver muita compreensão e muito respeito à bondade de Deus, que nos dá tantas oportunidades de correção. Para o espírito que já alcançou alguma luz, toda experiência sexual é muito importante. É por isso que o entendimento fraterno deve vir antes de qualquer trabalho de redenção. Há pouco tempo ouvi um grande instrutor do Ministério da Elevação afirmar que, se pudesse, iria se materializar no mundo físico para dizer aos religiosos em geral que toda caridade, para ser divina, precisa se apoiar na fraternidade.

Nesse momento, a dona da casa me convidou para visitar Eloísa, que ainda estava de repouso, dando a entender que não queria explicar outros detalhes sobre o assunto. E, depois de ver como a jovem recém-desencarnada já estava melhor, voltei às Câmaras de Retificação, completamente envolvido em meus pensamentos.

Já não me preocupava mais com a situação de Tobias, nem com as atitudes de Hilda e Luciana. Estava mais interessado na importante questão da fraternidade humana.

40 QUEM PLANTA, COLHE

Eu não sabia explicar porque queria tanto visitar o departamento feminino das Câmaras de Retificação. Comentei o meu desejo com Narcisa e ela se dispôs a me ajudar.

- Quando Deus nos chama para um determinado lugar, - disse com bondade - é porque alguma tarefa nos espera lá. Na vida, cada situação tem uma finalidade definida... Não se esqueça disso quando fizer visitas aparentemente casuais. Se os nossos pensamentos estiverem focados no bem, não é difícil identificar as sugestões divinas.

No mesmo dia, a enfermeira foi comigo procurar Nemésia, grande colaboradora daquele setor.

Não foi difícil encontrá-la.

Em filas de leitos muito brancos e bem cuidados, estavam mulheres que mais pareciam trapos humanos. Aqui e ali, ouviam-se gemidos terríveis. Mais adiante, palavras de angústia profunda. Nemésia, que demonstrava a mesma generosidade de Narcisa, falou com bondade:

- Você já deve estar acostumado com este quadro. No departamento masculino, a situação é praticamente a mesma.

E fazendo um gesto para a colega, disse:

- Narcisa, por favor, acompanhe André e mostre-lhe os serviços que achar mais interessantes para o seu aprendizado. Fiquem à vontade.

Minha amiga e eu falávamos da vaidade humana sempre voltada para os prazeres físicos, fazendo comentários e observações, quando chegamos ao Pavilhão 7. Ali estavam algumas dezenas de mulheres, em leitos separados por distância regular, um a um.

Estava observando o rosto das doentes, quando percebi alguém que me chamou a atenção. Quem seria aquela mulher amargurada, de aparência especial? Tinha o rosto prematuramente envelhecido e os lábios contraídos numa expressão de ironia e resignação. Os olhos, embaçados e tristes, estavam defeituosos. Com a memória agitada e o coração apertado, logo localizei-a no passado. Era Elisa. Aquela mesma Elisa que conheci ainda jovem. Estava diferente por causa do sofrimento, mas não havia qualquer dúvida. Lembrei, perfeitamente, o dia em que ela, humilde, foi à nossa casa com uma antiga amiga de minha mãe, que aceitou suas recomendações e a contratou para o serviço doméstico. No começo, nada de anormal. Depois, intimidade excessiva, de quem abusa da própria autoridade em relação à condição humilde de outra pessoa. Elisa me pareceu muito leviana e, quando estava sozinha comigo, comentava descaradamente certas aventuras da sua mocidade, piorando nossa situação. Lembrei também o dia em que minha mãe me chamou para dar alguns conselhos.

Aquela intimidade, não pegava bem - dizia ela. Era justo que tratássemos a empregada com carinho e respeito, mas era melhor manter uma certa distância. Mesmo assim, fui irresponsável e levei muito longe nossa amizade. Muito envergonhada, Elisa saiu de nossa casa, sem coragem de me acusar de nada. O tempo passou, reduzindo o fato a acontecimento passageiro em minha mente. No entanto, o episódio continuava vivo. Na minha frente, Elisa estava agora vencida e humilhada! Por onde será que andou a pobre criatura, levada tão jovem a sofrimentos tão grandes? De onde vinha? Ah!... dessa vez não era o Silveira, para que eu pudesse dividir o erro com meu pai. A dívida agora era só minha. Cheguei a tremer de tanta vergonha daquelas lembranças, mas, como um menino ansioso por ser desculpado pelos erros cometidos, procurei Narcisa para pedir ajuda. Eu mesmo me admirava da confiança que sentia naquelas santas mulheres. Talvez nunca tivesse coragem de pedir ao Ministro Clarêncio as explicações que havia pedido à mãe de Lílias e, provavelmente, tomaria outra atitude naquele momento se fosse Tobias que estivesse comigo. Considerando que toda mulher generosa e cristã é mãe, fui até a enfermeira, com mais confiança do que nunca. Pela forma como me olhou, creio que Narcisa já tinha entendido tudo. Comecei a falar, fazendo força para não chorar, mas, no meio da história, minha amiga falou:

- Não precisa continuar. Já imagino como terminou a história. Não se entregue a pensamentos negativos. Sei como você está se sentindo, por experiência própria. No entanto, se Deus permitiu que você reencontrasse essa moça, é porque acha que você já tem condições de resgatar a dívida.

Vendo que eu continuava indeciso, completou:

- Não tenha medo. Aproxime-se dela e reconforte-a. Todos nós, André, encontramos, em nosso caminho, os frutos do bem ou do mal que tivermos plantado. Isso é certo, é realidade universal. Situações como esta têm me feito muito bem. Bem aventurados os devedores que já têm condições de pagar.

E percebendo que eu estava decidido a fazer o que fosse necessário para acertar as contas, acentuou:

- Vamos, mas não deixe que ela saiba quem você é, por enquanto. Faça isso depois de ajudá-la efetivamente. Isso não será difícil, já que ainda sofre de cegueira temporária. Pelas características de sua aura, pode-se ver uma mãe fracassada e uma mulher de ninguém.

Aproximamo-nos e eu tomei a iniciativa de consolá-la. Elisa se apresentou, dizendo o próprio nome e, espontaneamente, dando-nos outras informações sobre o seu caso. Havia chegado às Câmaras de Retificação havia três meses. Querendo me castigar na frente de Narcisa, para que a lição se gravasse em meu espírito para sempre, perguntei:

- E qual é a sua história, Elisa? Você deve ter sofrido muito...

Sentindo carinho em minha pergunta, sorriu e, muito conformada, desabafou:

- Para que lembrar de coisas tão tristes?

- As experiências difíceis sempre nos ensinam algo. – respondi

A infeliz, demonstrando profunda mudança íntima, pensou por algum tempo e, como quem organiza idéias, falou:

- Minha vida foi a de todas as mulheres irresponsáveis que trocam o trabalho honesto pela ilusão venenosa. Filha de um lar muito pobre, ainda jovem arrumei emprego na casa de um rico comerciante, onde a vida me impôs profundas transformações. Ele tinha um filho, tão jovem quanto eu. Depois de nos tornarmos íntimos, quando já não adiantava qualquer reação de minha parte, esqueci que o trabalho é bênção de Deus para aqueles que amam a vida sadia, por mais que tenham errado, e me deixei levar por experiências dolorosas, que nem preciso comentar. Conheci, de perto, o prazer, o luxo, o conforto material e, em seguida, o horror a mim mesma, a sífilis, o hospital, o abandono de todos, as tremendas desilusões que terminaram com a cegueira e a morte física. Fiquei muito tempo andando sem rumo em total desespero, até que um dia, tanto pedi o socorro da Virgem de Nazaré, que mensageiros do bem me recolheram em seu nome, trazendo-me para esta casa abençoada.

Muito comovido e chorando, perguntei:

- E ele? Como se chama o rapaz que a tornou tão infeliz?

Ouvi-a, então, dizer o meu nome e o dos meus pais.

- E você o odeia? – perguntei, envergonhado.

Ela sorriu com tristeza e respondeu:

- Antes eu o odiava profundamente, amaldiçoando seu nome, mas Nemésia me transformou. Para odiá-lo, tenho que odiar a mim também. No meu caso, a culpa deve ser dividida. Portanto, não posso recriminar ninguém.

Aquela humildade me emocionou. Peguei sua mão e, sem conseguir evitar, uma lágrima de arrependimento e remorso caiu.

- Ouça, minha amiga, - falei emocionado – eu também me chamo André e preciso ajudá-la. De hoje em diante, conte sempre comigo.

- E a sua voz – disse ela, ingenuamente – parece a dele.

- Pois é... - continuei, comovido – Até hoje não tenho exatamente uma família em “Nosso Lar”, mas você será minha irmã do coração. Conte com a minha dedicação de amigo.

Revisitando Nosso Lar

Em seu rosto vi, então, um grande sorriso que parecia uma enorme luz:
- Muito obrigada! – disse, enxugando as lágrimas – Há muitos anos ninguém fala comigo dessa maneira, nesse tom familiar, como amigo sincero!... Que Jesus o abençoe.
Nesse instante, quando já não podia mais conter o choro, Narcisa pegou minhas mãos e repetiu:
- Que Jesus o abençoe.

41 CONVOCADOS À LUTA

Nos primeiros dias de setembro de 1939, “Nosso Lar” sofreu o mesmo choque que várias outras colônias espirituais ligadas ao povo americano. Era a guerra na Europa, tão destruidora no plano físico, quanto nos planos espirituais. Muitos espíritos comentavam os acontecimentos, sem conseguir disfarçar o imenso terror que sentiam.

Havia muito tempo já se sabia que as Grandes Fraternidades do Oriente vinham enfrentando vibrações antagônicas do Japão, com muitas dificuldades. Mas agora, viam-se fatos curiosos, muito educativos. Assim como os planos espirituais mais elevados da Ásia lutavam em silêncio, “Nosso Lar” também se preparava para o mesmo tipo de atividade. Além de importantes recomendações relativas à fraternidade e à simpatia, o Governador determinou que tivéssemos cuidado com os pensamentos, evitando qualquer idéia ou sentimento negativo.

Percebi que, nesses casos, os espíritos superiores não consideram os países agressores como inimigos, mas como desordeiros que precisam ser reprimidos.

- Infelizes os povos que se deixam envolver pelo mal. – disse-me Salústio – Ainda que consigam vitórias temporárias, estas só servirão para agravar o seu estado, acentuando ainda mais as verdadeiras derrotas. Quando um país toma a iniciativa da guerra, lidera a desordem da casa de Deus, e paga um preço muito alto por isso.

Notei, então, que, nesses casos, os planos superiores trabalham para se defender dos avanços da ignorância e da escuidão, que só causam anarquia e destruição. Os colegas me explicaram que, em situações como essa, os países agressores se transformam, naturalmente, em núcleos poderosos de centralização do mal. Sem se prevenir dos imensos perigos, esses povos se envolvem com entidades perversas, atraídas das regiões mais escuras. Comunidades bem sucedidas se transformam em robôs criminosos. Grandes grupos de espíritos trevosos se lançam sobre cidades promissoras, transformando-as em campos de crueldade e medo. Mas enquanto os bandos trevosos se apoderam da mente dos agressores, os grupos espirituais mais elevados se movimentam para ajudar os agredidos.

Se devemos nos lamentar pela criatura que se coloca contra a lei do bem, mais ainda devemos nos lamentar pelo povo que se esquece da justiça.

Logo depois dos primeiros dias de bombardeios na Polônia, estava com Tobias e Narcisa nas Câmaras de Retificação, quando, no final da tarde, ouvimos um clarim soar por mais de 15 minutos. Ficamos todos muito emocionados.

- É a convocação superior para os serviços de socorro na Terra. – explicou-me Narcisa.

- Temos indicações de que a guerra vai continuar, com muitos sofrimentos para os homens – exclamou Tobias, agitado. – Apesar da distância, toda vida psíquica americana se originou na Europa. Vamos ter muito trabalho para proteger o Novo Mundo.

O toque do clarim soava estranho e imponente. Notei que todo Ministério da Regeneração ficou em profundo silêncio. Percebendo minha angústia, Tobias avisou:

- Quando soa o clarim de alerta em nome de Deus, precisamos silenciar os ruídos inferiores, para que o chamado se grave em nossos corações.

Quando o clarim silenciou, fomos ao grande parque para olhar o céu. Muito comovido, vi vários pontos luminosos, como pequenos focos brilhantes, flutuando no céu.

- Esse clarim – disse Tobias também emocionado – é utilizado por vigilantes espirituais de alto grau.

Voltando às Câmaras, ouvi rumores enormes vindo das vias públicas, na parte mais alta da colônia.

Tobias deu algumas instruções importantes a Narcisa sobre os doentes e me chamou para ir com ele ver o que estava acontecendo.

Chegando aos andares de cima, de onde podíamos ir a pé à Praça da Governadoria, percebemos muito movimento em todos os setores. Notando meu espanto natural, Tobias explicou:

- Estes grupos enormes estão indo ao Ministério da Comunicação, para receber notícias. O clarim que acabamos de ouvir só chega até nós em circunstâncias muito graves. Todos sabemos que se trata da guerra, mas é possível que a Comunicação nos dê algum outro detalhe importante. Observe as pessoas que passam.

Ao nosso lado, vinham dois senhores e quatro senhoras conversando muito animados.

- Imagine – dizia uma delas – o que vai acontecer conosco no Auxílio. O volume de pedidos tem sido muito grande há vários meses seguidos. Temos muitas dificuldades para atender todos os compromissos.

- E nós na Regeneração? – disse o senhor mais idoso – O volume de serviços continua maior que o normal. No meu setor, precisamos estar sempre vigilantes contra as vibrações do Umbral. Já estou até vendo o que vem por aí...

Tobias pegou no meu braço de leve e disse:

- Vamos um pouco mais à frente para ouvir o que dizem outros grupos. Aproximando-nos de dois homens, ouvi um deles perguntar:

- Será que todos seremos atingidos pela calamidade?

O outro, que parecia ter muito equilíbrio espiritual, respondeu sereno:

- Seja como for, não vejo motivo para afobação. A única novidade é o aumento de trabalho, que, no fundo, é uma bênção. Quanto ao resto, tudo me parece natural. A doença é mestra da saúde, o desastre traz bom senso. A China está sob ataque há muito tempo e você não demonstrou qualquer preocupação com isso.

- Só que agora – argumentou o primeiro desapontado – parece que vou ser obrigado a mudar meu programa de trabalho.

O outro sorriu e comentou:

- Helvécio, Helvécio, que tal esquecer o “meu programa” para pensar nos “nossos programas”?

Acompanhando Tobias, observei três senhoras que iam na mesma direção à nossa esquerda, notando que, nem naquela confusão, faltava o toque engraçado nas conversas.

- Estou muito preocupada com esta questão, – dizia a mais moça – porque Everardo não pode desencarnar agora.

- Mas a guerra, – disse uma outra – ao que parece, não chegará à Península. Portugal está muito longe do local dos acontecimentos.

- Mas por quê essa preocupação? – perguntou a terceira mulher. – O que aconteceria se Everardo viesse agora?

- Tenho receio que ele me procure como esposa. – disse a mais jovem – Não poderia suportá-lo. É muito ignorante e não me submeteria às suas crueldades de forma nenhuma.

- Como você é boba! – comentou uma das companheiras – Você se esqueceu que Everardo será detido no Umbral ou coisa pior?

Tobias, sorrindo, explicou:

- Ela tem medo que o marido irresponsável e mau seja libertado.

Depois de algum tempo observando a multidão, chegamos ao Ministério da Comunicação, parando diante dos enormes edifícios dedicados à informação.

Milhares de entidades se acotovavam aflitas. Todos queriam informações. Mas era impossível chegar a um acordo. Muito surpreso com o falatório enorme, vi que alguém havia subido numa sacada alta, pedindo a atenção de todos. Era um velho imponente, dizendo que, dentro de dez minutos, o Governador faria um apelo.

- É o Ministro Esperidião – disse Tobias, matando minha curiosidade.

Logo depois que o barulho cessou, ouvimos a voz do próprio Governador saindo de vários alto-falantes:

Revisitando Nosso Lar

“- Irmãos de “Nosso Lar”, não se entreguem a pensamentos e palavras desequilibrados. A aflição não constrói e a ansiedade não ajuda. Procuremos ser dignos do chamado de Deus, fazendo a Sua vontade trabalhando em silêncio em nossos postos.”

Aquela voz clara e veemente, de quem falava com autoridade e amor, surtiu efeito especial na multidão. Uma hora depois, toda a colônia já havia voltado à serenidade normal.

A PALAVRA DO GOVERNADOR

O Governador prometeu fazer, no domingo seguinte, um culto evangélico no Ministério da Regeneração. Segundo Narcisa, o objetivo era a preparação de novas escolas de assistência no Auxílio e núcleos de treinamento na Regeneração.,

- Precisamos nos organizar para o serviço hospitalar urgente e para exercícios adequados contra o medo, – disse ela – embora o conflito esteja muito longe daqui.

- Contra o medo? – perguntei admirado.

- Claro! – respondeu ela – Como muita gente, você talvez não imagine a quantidade de vidas humanas aniquiladas apenas pelas vibrações destrutivas do terror, que é tão contagioso quanto qualquer doença. Classificamos o medo como um dos piores inimigos do ser humano, porque se aloja na alma, atacando as forças mais profundas.

Percebendo minha surpresa, continuou:

- Não tenho dúvida de que, nas atuais circunstâncias, a Governadoria coloca o treinamento contra o medo muito acima até das lições de enfermagem. A calma é garantia de êxito. Mais tarde, você vai atender a importância disso.

Não sabia o que responder.

No dia anterior ao grande acontecimento, tive a honra de participar do grupo de limpeza e ornamentação natural do grande salão para o Governador.

Estava muito ansioso. Já ver, pela primeira vez, a meu lado, o nobre líder, venerado por todos. E não estava sozinho nessa expectativa, porque muitos outros companheiros sentiam a mesma coisa.

Tive a impressão de que todas as atenções do nosso Ministério se voltaram para o grande salão natural desde as primeiras horas do domingo, quando verdadeiras caravanas de todos os departamentos chegavam ao local. O Grande Coro do Templo da Governadoria, em conjunto com os meninos cantores das escolas do Esclarecimento, abriu o evento com o maravilhoso hino “Sempre Contigo, Senhor Jesus”, cantado por duas mil vozes ao mesmo tempo. Outras melodias muito bonitas preencheram o espaço amplo. O doce ruído do vento perfumado parecia responder às suaves harmonias.

Todos no Ministério da Regeneração tinham permissão para entrar no grande salão verde, porque, conforme o programa estabelecido, o culto se destinava especialmente a eles, embora todos os Ministérios se fizessem presentes em grandes delegações.

Pela primeira vez, estive pessoalmente com alguns cooperadores dos Ministérios da Elevação e União Divina, que pareciam estar vestidos de claridades brilhantes.

O evento ultrapassava todas as minhas expectativas de beleza e encantamento. Instrumentos musicais de especial poder vibratório enchiam de melodia a paisagem perfumada.

Às 10h, o Governador chegou acompanhado dos 12 Ministros da Regeneração.

Nunca vou esquecer o vulto nobre e imponente daquele senhor de cabelos brancos, que parecia ter, ao mesmo tempo, a sabedoria do velho e a energia do moço, a ternura do santo e a serenidade do administrador responsável e justo. Alto, magro, usando uma túnica muito branca, olhos penetrantes e muito lúcidos, apoiava-se num cajado, embora caminhasse sem dificuldade.

Matando minha curiosidade, Salústio informou:

- O Governador sempre gostou de atitudes patriarcais, considerando que sempre se deve administrar como um pai.

Quando ele se sentou na tribuna, ouvimos vozes infantis, acompanhadas de harpas, entoando o hino “A Ti, Senhor, Nossas Vidas”.

O velhinho simpático e enérgico olhou para a platéia lotada por milhares de assistentes. Em seguida, abriu um livro luminoso, que Salústio me disse ser o Evangelho de Jesus. Depois de folheá-lo com atenção, leu em voz pausada:

- “E ouvireis falar de guerras e de rumores de guerras; olhai, não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim”, pa lavras do Mestre em Mateus, capítulo 24, versículo 6.

Com a voz ampliada pelas vibrações, o chefe da cidade orou emocionado, pedindo as bênçãos de Jesus, e saudando, em seguida, os representantes da União Divina, da Elevação, do Esclarecimento, da Comunicação e do Auxílio, dirigindo-se em especial a todos os colaboradores de nosso Ministério.

Impossível descrever o tom doce, enérgico, amoroso e convincente daquela voz inesquecível, bem como transmitir as considerações divinas do comentário evangélico, calcado em profundo respeito pelas coisas sagradas.

Terminando, em meio a grande silêncio, o Governador se dirigiu, em particular, aos trabalhadores da Regeneração, dizendo mais ou menos o seguinte:

- É para vocês, meus irmãos que trabalham mais perto da Terra, que dirijo mais diretamente meu apelo pessoal, esperando muito da sua dedicação. Elevemos ao máximo nossa coragem e espírito de serviço. Quando as forças da sombra criam mais dificuldades nas regiões inferiores, é imprescindível projetar novas luzes que dissipem as trevas mais densas na Terra. Dediquei o culto de hoje a todos os trabalhadores deste Ministério, devotando-lhes, de modo especial, a minha confiança. Portanto, não estou me dirigindo aos irmãos que já mantêm a mente em padrões mais elevados, mas a vocês que trazem na memória os sinais do mundo, para destacar a grandiosidade da tarefa. “Nosso Lar” precisa de 30 mil colaboradores treinados para o serviço defensivo, 30 mil que não se preocupem com o repouso, nem com interesses pessoais, enquanto estivermos combatendo as forças do crime e da ignorância. Haverá serviço para todos nas regiões que fazem fronteira com os planos inferiores, porque não podemos esperar o adversário em nossa casa. Nas organizações coletivas, é preciso pensar na medicina preventiva como medida de preservação da paz interna. Em “Nosso Lar”, somos mais de um milhão de criaturas dedicadas às determinações superiores e ao melhoramento moral de nós mesmos. Seria justo permitir que vários milhões de espíritos desordeiros nos invadissem? Por isso, não podemos vacilar em relação à defesa do bem. Sei que muitos de vocês se lembram, neste instante, de Jesus. Sim, Jesus se entregou à multidão de rebeldes e criminosos, por amor à libertação de todos nós, mas não entregou o mundo à desordem e à destruição. Todos nós devemos estar prontos para o sacrifício individual, mas não podemos entregar nossa colônia aos desequilibrados. Lógico que a nossa principal tarefa é a confraternização e a paz, o amor e o alívio para os que sofrem. Claro que todo mal será interpretado por nós como desperdício de energia, e todo crime, como doença. No entanto, “Nosso Lar” é um patrimônio divino que precisamos defender com todas as energias do coração. Quem não sabe preservar, não merece usufruir. Preparemos, então, grandes grupos de trabalhadores capazes de esclarecer e consolar na Terra, no Umbral e nas Trevas, em missões de amor fraternal, mas, antes de tudo, precisamos organizar, neste Ministério, um grande grupo especial de defesa que nos garanta as construções espirituais dentro de nossas fronteiras vibratórias.

Assim continuou por longo tempo, falando da importância de providências fundamentais, fazendo observações que jamais conseguiria repetir aqui. Terminando os comentários, repetiu a leitura do versículo de Mateus, pedindo novamente as bênçãos de Jesus e as energias dos ouvintes, para que nenhum de nós recebesse dádivas em vão.

Comovido e impressionado, ouvi as crianças cantarem o hino que a Ministra Veneranda chamou de “A Grande Jerusalém”. O Governador desceu da tribuna em meio a grande vibração de esperança e foi então que brisas suaves começaram a soprar sobre as árvores, trazendo, de muito longe talvez, pétalas de rosas diferentes, de um azul maravilhoso, que se desfaziam de leve ao tocar nossa testa, enchendo nosso coração de imensa alegria.

43 CONVERSANDO

O Ministério da Regeneração continuou em festa, mesmo depois de o Governador ter saído com seus Ministros mais próximos. Todos comentavam os acontecimentos. Centenas de companheiros se ofereciam para o trabalho de defesa, atendendo o pedido do chefe da colônia.

Procurei Tobias para saber se seria possível encaixar-me no serviço, mas ele sorriu da minha ingenuidade e falou:

- André, você está começando um trabalho novo agora. Não se precipite, pedindo mais responsabilidade. O Governador nos disse, ainda agora, que haverá serviço para todos. Não se esqueça de que as nossas tarefas nas Câmaras de Retificação exigem muito esforço, dia e noite. Não fique aflito. Lembre-se de que 30 mil companheiros serão convocados para a vigilância permanente, mas, mesmo assim, ficará ainda muita coisa por fazer por aqui.

Vendo meu desapontamento, o bondoso companheiro, bem humorado, disse logo depois:

- Fique feliz em estar inscrito na escola - contra o medo. Tenha certeza de que isso vai lhe fazer muito bem.

Nesse meio tempo, recebi um grande abraço de Lísias, que estava com a delegação do Ministério do Auxílio.

Pedindo licença a Tobias, sai com Lísias para conversar.

- Você conhece – perguntou ele – o Ministro Benevenuto da Regeneração, o mesmo que chegou anteontem da Polônia?

- Ainda não tive a oportunidade.

- Vamos falar com ele – respondeu Lísias, com carinho. – Faz tempo que tenho a alegria de tê-lo como amigo.

Logo depois, estávamos no grande salão verde, dedicado aos trabalhos deste Ministro da Regeneração, que eu conhecia só de vista.

Muitos grupos de visitantes trocavam idéias sob as árvores grandes. Lísias levou-me ao grupo maior, onde Benevenuto conversava com vários amigos, de forma muito bondosa. O Ministro me recebeu com muita gentileza em seu grupo.

A conversa seguiu naturalmente e notei que estavam falando da situação na Terra.

- Muito triste o quadro que vimos. – comentava Benevenuto em tom sério – Acostumados a trabalhar na paz aqui na América, nenhum de nós imaginava como seria o trabalho de socorro espiritual na Polônia. Tudo muito escuro e difícil. Ali não se podem esperar luzes de fé nos agressores. E na maioria das vítimas também não, pois se entregam totalmente a emoções terríveis. Os encarnados não ajudam e só consomem nossas energias. Desde o começo do meu Ministério, nunca vi tanto sofrimento coletivo.

- E vocês demoraram muito por lá? – perguntou um dos companheiros.

- Todo tempo de que pudemos dispor – completou o Ministro. – O chefe do grupo, nosso colega do Auxílio, achou melhor ficarmos concentrados no trabalho, para podermos aproveitar melhor as observações e experiências. Realmente, as condições não poderiam ser melhores. Acredito que estamos muito longe da capacidade de resistência dos companheiros espirituais que trabalham ali. Todas as tarefas de assistência imediata funcionam perfeitamente, embora o ar seja sufocante, saturado de vibrações pesadas. O campo de batalha invisível para os encarnados, é como verdadeiro inferno sem fim. Em nenhuma outra situação o homem evidencia sua condição de alma decaída como na guerra, apresentando características realmente diabólicas. Vi homens inteligentes e instruídos concentrados em apontar para setores pacíficos o que eles chamam de “impactos diretos”. Bombas de alto poder explosivo destruindo edifícios que levaram anos para construir. Emanações doentias de ódio juntando-se aos fluidos venenosos do bombardeio, sendo quase impossível dar qualquer ajuda. No entanto, o que mais nos chocou, foi a triste condição das tropas agressoras, quando um deles desencarna, em

consequência da situação. Dominados por forças tenebrosas, quase todos fugiam dos espíritos de luz, chamando-os de “fantasmas da cruz”.

- E não eram resgatados para esclarecimento? – perguntou alguém, interrompendo o narrador.

Benevenuto fez um gesto forte e respondeu:

- Se já é difícil cuidar de loucos pacíficos em casa, o que se pode fazer por loucos furiosos, além de dar-lhes hospício? Não tínhamos outra opção a não ser deixar esses companheiros nas trevas, onde serão naturalmente forçados a se reajustar, abrindo a mente para pensamentos mais elevados. Por isso, é natural que as missões de socorro resgatem apenas aqueles predispostos a receber ajuda. Como vocês podem ver, as cenas presenciadas foram muito tristes, por várias razões.

Aproveitando a pausa, outro companheiro comentou:

- É quase impossível acreditar que a Europa, com tantos patrimônios culturais, tenha se deixado envolver por tamanho desastre.

- Isso é falta de preparo religioso, meus amigos – explicou o Ministro, com voz emocionada. – Não basta ser inteligente. É preciso que o homem ilumine seus raciocínios para a vida eterna. As igrejas são sempre santas, em seus princípios, e o sacerdócio será sempre divino, quando dedicado à verdade de Deus. Mas o sacerdócio político jamais suprirá a necessidade espiritual da civilização. Sem a inspiração divina, as personalidades religiosas podem obter respeito e admiração, mas não conseguem inspirar fé e confiança.

- Mas, e o Espiritismo? – perguntou, de repente, um dos presentes. – As primeiras expressões da doutrina não surgiram na América e na Europa há mais de 50 anos? Esse movimento novo não continua a serviço das verdades eternas?

Benevenuto sorriu, fez um gesto significativo e acrescentou:

- O Espiritismo é a nossa grande esperança e, por todos os méritos, o Consolador da humanidade encarnada. Mas a nossa marcha é ainda muito lenta. Temos nele uma dádiva sublime, para a qual a maioria dos homens ainda não tem “olhos de ver”. A grande maioria dos novos estudantes espíritas aproxima-se da doutrina com os mesmos vícios religiosos do passado. Querem ter vantagens, mas não se dispõem a dar algo de si mesmos. Pedem a verdade, mas não caminham para ela. Enquanto muitos estudiosos transformam os médiuns em cobaias humanas, vários adeptos agem como doentes que, mesmo curados, acreditam mais na doença do que na saúde e nunca caminham sozinhos. Enfim, na Terra procuram espíritos para concretizar o fenômeno passageiro, enquanto nós aqui vivemos à procura de homens espiritualizados para a realização do trabalho sério.

O trocadilho arrancou algumas risadas. O Ministro ainda acrescentou:

- Nossos serviços são gigantescos. Mas não podemos esquecer que todo homem é semente divina. Se fizermos a nossa parte, com esperança e otimismo, podemos ficar tranquilos que Deus fará o resto.

44 AS TREVAS

Para enriquecer a conversa, Lísias mostrou-nos um pouco mais de sua cultura e sensibilidade. Dedilhando com habilidade as cordas de uma cítara, lembrou-nos algumas antigas canções da Terra.

Dia realmente maravilhoso! Muitas alegrias espirituais, como se estivéssemos em pleno paraíso.

Quando fiquei a sós com o enfermeiro do Auxílio, tentei expressar minhas maravilhosas impressões.

- Não tenha dúvida. - disse sorrindo – Quando nos reunimos àqueles a quem amamos, algo de bom e construtivo acontece em nosso espírito. É o alimento do amor, André. Quando várias almas se juntam para esta ou aquela atividade, seus pensamentos se entrelaçam, formando núcleos de força viva, pelos quais cada uma recebe uma porção de alegria ou sofrimento da vibração geral. É por isso que, na Terra, o problema do ambiente é sempre muito importante no caminho de cada homem. Cada ser vive daquilo que cultiva. Quem se apegue à tristeza todos os dias, convive com ela. Quem destaca a doença, sofrerá com os seus males.

Percebendo meu espanto, concluiu:

- Não há mistério nisso. É lei da vida, tanto no bem, como no mal. Quando participamos de reuniões de fraternidade, esperança, amor e alegria, saímos com a fraternidade, a esperança, o amor e a alegria de todos. Mas, se tomamos parte em reuniões onde prevalecem o egoísmo, a vaidade ou o crime, saímos envenenados pelas vibrações destrutivas desses sentimentos.

- Tem razão – falei comovido. – Vejo nisso os mesmos princípios que regem a vida nos lares terrenos. Quando há compreensão recíproca, vivemos antecipadamente no paraíso, mas, se insistimos no desentendimento e na maldade, sofremos como se já estivéssemos em pleno inferno.

Lísias reagiu com bom humor e confirmou sorrindo.

Foi então que me lembrei de perguntar-lhe sobre uma coisa que, desde umas horas antes, me incomodava. Quando fez a sua palestra, o Governador falou dos planos da Terra, do Umbral e das Trevas, mas, sinceramente, ainda não tinha ouvido falar desse último. O Umbral já não era uma região trevosa, onde eu mesmo havia vivido em meio a sombras densas durante vários anos seguidos? Não havia, nas Câmaras, vários desequilibrados e doentes de todo tipo, vindos das regiões umbralinas? Lembrando que Lísias havia me dado ótimas explicações sobre minha própria situação, logo que cheguei a “Nosso Lar”, comentei com ele minhas dúvidas pessoais, demonstrando a surpresa que sentia.

Ele ficou sério e falou:

- Chamamos Trevas às regiões mais inferiores que conhecemos. Pense nas criaturas como viajantes da vida. Alguns poucos caminham decididos, visando o objetivo principal da jornada. São os espíritos mais nobres, que descobriram a essência divina em si mesmos, marchando para o alvo sublime, sem vacilar. No entanto, a maioria estaciona. Essa é a multidão de almas que levam séculos e séculos recapitulando experiências. Os primeiros seguem por linhas retas. Os outros caminham fazendo grandes curvas. Nessa movimentação, repetindo roteiros e retomando antigos esforços, ficam expostos a muitas dificuldades. Desse modo, muitos costumam perder-se em plena vida, perturbados no labirinto que traçam com os próprios pés. Nesse grupo, estão os milhões de seres que vagam pelo Umbral. Outros, preferindo caminhar às cegas, preocupados apenas com suas próprias idéias egoístas, costumam cair em precipícios, estacionando no fundo do abismo, por tempo indefinido. Entendeu?

As explicações não poderiam ser mais claras.

No entanto, emocionado com a gravidade do assunto, comentei:

- Mas, essas quedas acontecem apenas na Terra? Só os encarnados estão sujeitos a cair no precipício?

Lísias pensou um pouco e respondeu:

- Seu comentário é muito apropriado. Em qualquer lugar, o espírito pode cair no mal. No entanto, é preciso ressaltar que as defesas são maiores nos planos superiores, onde a culpa é maior por cada erro cometido.

- Mas sempre achei impossível sofrermos quedas nos planos espirituais. – argumentei – Pensei que o ambiente divino, o conhecimento da verdade, o auxílio superior, fossem antídotos infalíveis contra o veneno da vaidade e da tentação.

Lísias sorriu e esclareceu:

- O problema da tentação é mais complexo. A Terra está cheia de ambientes divinos, conhecimento da verdade e auxílio superior. São muitos os que travam batalhas destruidoras em meio a árvores acolhedoras e campos floridos. Outros tantos cometem assassinatos sob o luar, insensíveis à profunda inspiração das estrelas. Outros ainda exploram os mais fracos, recebendo elevadas revelações da verdade superior. Na Terra, não faltam cenários e paisagens verdadeiramente divinos.

As palavras do enfermeiro me impressionavam profundamente. De fato, em geral, os guerreiros gostam de lutar na primavera, quando a Natureza põe, no solo e no céu, maravilhas de cor, perfume e luz. Os assaltos e assassinatos são praticados, de preferência, à noite, quando a Lua e as estrelas enchem o planeta de poesia divina. A maioria dos carrascos da humanidade se compõe de homens muito cultos, que desprezam a inspiração superior. Revendo meus conceitos referentes à queda espiritual, acrescentei:

- Mas, Lísias, será que você poderia me dar uma idéia da localização dessa região de Trevas? Se o Umbral está ligado à mente humana, onde fica esse lugar de sofrimento e pavor?

- Há planos de vida em toda parte – disse ele. – O vácuo é apenas uma imagem figurativa. Em tudo há energias viventes e cada espécie de ser movimenta-se em determinada região da vida.

Depois de pequena pausa, em que parecia pensar profundamente, continuou:

- Claro que, como nós, você imaginou que as regiões de vida após a morte ficavam apenas do globo para cima, esquecendo dos níveis de baixo. No entanto, a vida também vibra no fundo dos mares e no interior da Terra. Além disso, do mesmo modo que existem leis de gravidade para as coisas materiais, há princípios de gravitação para os espíritos. A Terra não é só o lugar onde podemos agir como quisermos. É ser vivo, com leis que podem nos escravizar ou libertar, de acordo com nossas obras. É claro que a alma cheia de culpas não poderá ir à superfície da vida. Resumindo, é preciso dizer que as aves livres vão às alturas; as que se enroscam nos cipós sentem-se presas sem poder voar; e as que se prendem a muito peso são apenas escravas do desconhecido. Entende?

Lísias não precisava me fazer aquela pergunta. Na hora, vi, diante de meus olhos espirituais, o quadro imenso de experiências renovadoras, desenrolando-se nas regiões mais baixas da existência.

Como alguém que precisa refletir bastante para dizer o que deseja, ele pensou, pensou e concluiu:

- Assim como acontece conosco, que temos o superior e o inferior dentro de nós, o planeta também tem, em si, expressões altas e baixas, com as quais corrige o culpado e eleva o vencedor à vida eterna. Como médico, você sabe que no cérebro existem elementos que não são propriamente físicos, mas essencialmente espirituais. Quem quiser viver nas sombras, prejudicará o sentido divino de direção. Por isso, não é demais prever que acabe caindo nas Trevas, porque o abismo atrai o abismo e cada um de nós chegará ao local para onde esteja dirigindo os próprios passos.

45 NO CAMPO DA MÚSICA

No final da Tarde, Lísias me convidou para acompanhá-lo ao Campo da Música. Vendo minha indecisão, enfatizou:

- Vou falar com Tobias. A própria Narcisa tirou o dia de folga hoje. Vamos!

Só que eu percebia uma estranha reação em mim mesmo. Apesar dos poucos dias de serviço, já tinha grande amor por aquelas Câmaras. As visitas diárias do Ministro Genésio, a companhia de Narcisa, a inspiração de Tobias, a amizade dos colegas, tudo isso falava muito de perto ao meu espírito. Eu, Narcisa e Salústio aproveitávamos todo tempo livre para melhorar o ambiente, aqui e ali, amenizando a situação dos doentes, de quem gostávamos muito, como se fossem nossos filhos. Considerando a nova posição que ocupava, fui até Tobias, a quem o enfermeiro falou com respeito. Recebendo o pedido, meu orientador concordou, satisfeito:

- Ótimo programa! André precisa conhecer o Campoda Música.

E, abraçando-me, disse:

- Não fique na dúvida. Aproveite! Volte à noite, quando quiser. Todos os nossos serviços estão convenientemente cuidados.

Acompanhei Lísias muito agradecido. Chegando à sua casa, no Ministério do Auxílio, tive a alegria de rever D. Laura e fiquei sabendo que sua filha, mãe de Eloísa, deveria voltar na semana seguinte. A casa estava cheia de alegria. Havia mais beleza em todo o ambiente.

Despedindo-se de nós, a dona da casa me abraçou e falou, bem humorada:

- Então, daqui em diante, a cidade terá mais um frequentador do Campo da Música! Tome cuidado com o coração!...

Eu vou ficar em casa hoje. Mas logo, logo, vou me vingar de vocês. Não devo demorar muito para encontrar meu alimento na Terra!...

Cheios de alegria, saímos para a rua. As jovens estavam acompanhadas de Polidoro e Estácio, com quem conversavam animadamente. Assim que descemos do aeróbis numa das praças do Ministério da Elevação, Lísias me disse, com carinho:

- Finalmente, você vai conhecer minha noiva. Tenho falado muito de você a ela.

- Engraçado termos noivados aqui também... – comentei, curioso.

- Por quê não? O amor vive no corpo mortal ou na alma imortal? Lá na Terra, meu caro, o amor é uma espécie de ouro escondido por pedras brutas. Os homens o misturam tanto com as necessidades desejos e emoções inferiores, que, raramente, conseguem separá-lo.

O comentário fazia sentido. Percebendo que a explicação me fazia bem, continuou:

- O noivado é muito mais bonito no plano espiritual. Não existem ilusões para nos turvar a visão. Somos o que somos. Lascínia e eu já falhamos muitas vezes em outras encarnações. E tenho que confessar que, quase todos os desastres, foram por causa da minha irresponsabilidade e absoluta falta de autocontrole. Os homens ainda não entenderam completamente a liberdade que têm com as leis sociais do planeta. É raro nós a utilizarmos para crescer espiritualmente no mundo. Muita vezes, nós a transformamos em caminho para a animalidade. Por outro lado, as mulheres têm tido, até hoje, as disciplinas mais rígidas a seu favor. Quando encarnadas, sofrem com a nossa tirania e suportam o peso de nossas imposições. Mas aqui, os nossos valores são reajustados. Só é realmente livre quem aprende a obedecer. Parece contraditório, mas é a mais pura verdade.

- Mas você tem em mente novos planos de encarnação? – perguntei.

- Nem podia ser diferente. – explicou ele rapidamente – Preciso ter novas experiências. Além disso, minhas dívidas com o planeta são muito grandes. Em breve, Lascínia e eu teremos aqui a nossa casa, e creio que voltaremos à Terra dentro de uns 30 anos.

Estávamos próximos ao Campo da Música. Luzes de incrível beleza iluminavam o grande parque, onde a paisagem parecia de um conto de fadas. Fontes luminosas apresentavam desenhos maravilhosos: um espetáculo completamente novo para mim.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Lísias recomendou, com bom humor:

- Lascínia sempre vem com duas irmãs. Espero que você seja um cavalheiro com elas.

- Mas, Lísias... – respondi, indeciso, considerando que era casado na Terra – Você precisa entender que ainda me sinto ligado a Zélia.

O enfermeiro riu muito e acrescentou:

- Era só o que faltava! Ninguém aqui quer ferir o seus sentimentos de fidelidade, André. No entanto, não acho que o casamento acabe com as regras de relacionamento social. Você não sabe mais ser amigo de alguém?

Ri, sem graça, e nada pude dizer.

Nesse momento, chegamos à entrada, onde Lísias fez a gentileza de me pagar a entrada.

Ali mesmo, notei um grande número de pessoas circulando em torno de um coreto, onde uma orquestra pequena executava algumas canções. Caminhos contornados por flores iam à nossa frente, dando acesso ao interior do parque, em várias direções. Percebendo minha admiração pelas canções que ouvíamos, Lísias explicou:

- Nas extremidades do Campo temos apresentações de acordo com o gosto de cada grupo, para aqueles que ainda não podem entender completamente a música como arte sublime. Mas no centro, temos a música universal e divina, a arte santificada por excelência.

Realmente, depois de atravessarmos alamedas muito alegres, onde cada flor parecia reinar independente, comecei a ouvir harmonia maravilhosa dominando o ambiente. Na Terra, há pequenos grupos que apreciam a música erudita e grandes grupos que gostam da música popular. Eu havia visto muitos grupos na colônia e havia ficado surpreso com a reunião que o nosso Ministério havia preparado para o Governador. Mas o que via agora, ultrapassava tudo o que já havia visto.

As grandes figuras de “Nosso Lar” estavam presentes.

O brilho do ambiente não era por luxo ou qualquer tipo de excesso. Era apenas a expressão natural de tudo, a simplicidade misturada à beleza, à arte pura e à vida sem artifícios. As mulheres demonstravam extremo bom gosto individual, sem afetação ou exageros em acessórios, e sem contradizer a simplicidade divina. Grandes árvores, diferentes das que conhecemos na Terra, enfeitavam belos espaços, iluminados e aconchegantes.

Não só os casais de namorados passeavam pelas passarelas floridas. Grupos de homens e mulheres conversavam animadamente. Embora me sentisse insignificante diante daquelas pessoas, percebia a mensagem silenciosa de simpatia de todos que me olhavam. Ouvia frases soltas falando do plano físico e, no entanto, em nenhum grupo notei a mais leve crítica maliciosa ou acusação aos encarnados. Discutia-se o amor, a cultura intelectual, a pesquisa científica, a filosofia edificante, e todos os comentários eram elevados e voltados para o auxílio mútuo, sem qualquer atrito de opiniões. Notei que, ali, o mais sábio diminuía suas vibrações, ao mesmo tempo que os menos instruídos elevavam, o mais possível, sua capacidade de compreensão para absorver o conhecimento mais elevado. Em várias conversas, notei os comentários sobre Jesus e o Evangelho. No entanto, o que mais me impressionava era a alegria reinante em todos os grupos. Ninguém se lembrava do Mestre com pensamentos negativos de tristeza inútil ou de desânimo sem razão. Jesus era lembrado por todos como o maior orientador do planeta, nos planos visíveis e invisíveis, cheio de compreensão e bondade, mas também atento à energia e vigilância necessárias à preservação da ordem e da justiça.

Aquela sociedade otimista me encantava. Tinha concretizadas, diante de meus olhos, as esperanças de vários grandes pensadores da Terra.

Muito impressionado com a música sublime, ouvi Lísias dizer:

Revisitando Nosso Lar

- Nossos orientadores, em harmonia, recebem inspiração dos planos mais elevados e os grandes compositores encarnados são, muitas vezes, trazidos a planos como o nosso, onde recebem orientações melódicas, transmitindo-as aos ouvidos humanos, modelando, o que recebem, com as características e dons próprios. O universo, André, está cheio de beleza e harmonia. O raio brilhante e eterno da vida vem originariamente de Deus.

Mas o enfermeiro do Auxílio não pôde continuar.

Encontramos um grupo gracioso de jovens. Lascínia e suas irmãs haviam chegado e era preciso dar atenção fraterna a elas.

46 SACRIFÍCIO DE MULHER

Um ano de trabalhos construtivos se passou, com muita alegria para mim. Aprendi a ser útil, encontrei prazer no serviço, sempre contente e confiante.

Até ali, não havia voltado à minha casa na Terra, apesar da grande vontade que me angustiava o coração. Às vezes, pensava em pedir concessões especiais para isso, mas alguma coisa me impedia. Não havia recebido ajuda, não tinha ali o carinho e o respeito de todos os companheiros? Por isso, reconhecia que, se houvesse utilidade, há muito tempo já teria sido levado ao lar terreno. Assim, era melhor esperar. Além disso, embora trabalhasse muito na Regeneração, o Ministro Clarêncio continuava a se responsabilizar por minha permanência na colônia. D. Laura e o próprio Tobias não se cansavam de me lembrar disso. Várias vezes havia encontrado o Ministro do Auxílio e, no entanto, ele nada havia dito sobre o assunto. Aliás, Clarêncio era sempre reservado no desempenho de suas funções. Apenas no Natal, quando estávamos na festa da Elevação, ele havia tocado no assunto de leve, percebendo as saudades que sentia da esposa e dos filhos. Comentou as alegrias da noite e me assegurou que não estava longe o dia em que me levaria até minha casa. Agradei, comovido, esperando muito animado. Entretanto, já estávamos em setembro de 1940 e nada parecia indicar a realização dos meus desejos.

Meu consolo era ter meu tempo todo ocupado com o trabalho útil nas Câmaras de Retificação. Não descansava. Nossas tarefas continuavam sempre, sem interrupção.

Havia me acostumado a cuidar dos doentes, a interpretar seus pensamentos. Não perdia a pobre Elisa de vista, orientando-a, indiretamente, para melhores experiências.

Mas, à medida que meu equilíbrio emocional se consolidava, aumentava a ansiedade para ver minha família.

A saudade doía muito. Em compensação, de vez em quando minha mãe me visitava. Ela nunca me abandonou, embora vivesse em planos superiores.

A última vez que nos vimos, ela me disse que queria me colocar a par de seus novos planos. Aquela atitude suave de quem se resigna diante dos sofrimentos que ferem a alma, havia me comovido muito. Quais seriam seus novos projetos? Curioso, esperei sua visita, ansioso para saber das novidades.

Nos primeiros dias de setembro de 1940, ela veio às Câmaras e, depois de me cumprimentar com carinho, contou-me que pretendia reencarnar. Com muito amor, explicou o projeto. Mas, surpreso e contrário a esta decisão, reclamei:

- Não concordo. A senhora reencarnar? Por quê? Entrar de novo no caminho escuro do mundo, sem necessidade imediata?

Muito séria, minha mãe argumentou:

- Você não acha triste a situação de seu pai, meu filho? Há muitos anos trabalho para ajudá-lo e meus esforços têm sido em vão. Laerte hoje é um cético com o coração envenenado. Não pode continuar assim para não complicar ainda mais a própria situação. O que fazer, então, André? Você teria coragem de vê-lo nessas condições, sem socorrê-lo como fosse possível?

- Não. – respondi impressionado – Trabalharia para ajudá-lo. Mas a senhora pode ajudá-lo daqui mesmo.

- Não duvido disso. No entanto, os espíritos que amam de verdade, não se limitam a estender as mãos de longe. De que adianta toda riqueza material se não pudermos estendê-la às pessoas que amamos? Poderíamos, por acaso, morar num palácio, deixando os filhos ao relento? Não posso ficar de longe. Já que posso contar com você aqui, vou me juntar a Luísa para ajudar seu pai a reencontrar o caminho certo.

Pensei, pensei e argumentei:

- No entanto, insisto com a senhora. Não há um jeito de evitar isso?

- Não. Não seria possível. Estudei bem o assunto e meus superiores concordam comigo. Não posso trazer o inferior para o superior, mas posso fazer o contrário. Que outra opção tenho, além desta? Não posso vacilar nem um minuto. Tenho em você o

amparo para o futuro. Por isso, não se perca e ajude sua mãe, enquanto puder circular entre os planos que nos separam da Crosta. Ao mesmo tempo, cuide de suas irmãs, que talvez ainda estejam no Umbral, em trabalho de purificação. Logo estarei na Terra e lá poderei me encontrar com Laerte para aquilo que Deus determinar.

- Mas como ele se encontrará com a senhora? – perguntei – Em espírito?

- Não. – disse minha mãe com expressão séria – Com a ajuda de alguns amigos, localizei-o na Terra na semana passada e já preparei sua reencarnação imediata, sem que ele percebesse nossa ação direta. Ele quis fugir das mulheres que o perseguiram, talvez com razão, e aproveitamos para prendê-lo à nova situação física.

- Mas isso é possível? E o livre-arbítrio?

Minha mãe sorriu, meio triste, e acrescentou:

- Há reencarnações que são soluções drásticas. Ainda que o doente não tenha coragem, há amigos que o ajudam a tomar o remédio necessário, mesmo que seja amargo. Quanto à liberdade irrestrita, a alma só pode reivindicar esse direito quando compreende e cumpre o seu dever. De resto, é indispensável reconhecer que o devedor é escravo do compromisso assumido. Deus criou o livre-arbítrio, nós criamos a fatalidade. Assim sendo, precisamos romper as amarras que criamos para nós mesmos.

Enquanto pensava distraído, ela continuou, retomando a conversa anterior:

- Só que as mulheres que o perseguem não o abandonam e, se não fosse a proteção dos amigos espirituais, talvez até conseguissem frustrar sua nova encarnação.

- Meu Deus! – exclamei – Isso é possível? Estamos à mercê do mal até esse ponto? Somos simples joguetes nas mãos dos inimigos?

- Essas perguntas, meu filho, – respondeu minha mãe, muito calma – devem estar sempre presentes em nossa mente e em nosso coração, antes de contrairmos qualquer dívida e de transformarmos irmãos em inimigos em nosso caminho. Nunca peça empréstimos à maldade!...

- E essas mulheres? – perguntei – O que vai acontecer com elas?

Minha mãe sorriu e respondeu:

- Serão minhas filhas daqui a alguns anos. Você não deve esquecer que vou reencarnar para ajudar seu pai. Ninguém ajuda, de fato, alimentando as forças contrárias, assim como não se pode apagar um incêndio com petróleo. É indispensável amar, André! Os que não acreditam, perdem o rumo certo, vagando pelo deserto, e os que se enganam se desviam da estrada real, mergulhando no pântano. Seu pai hoje é um cético e essas pobres mulheres suportam um peso enorme por sua ignorância e ilusão. Em futuro não muito distante, todos eles serão meus filhos, em minha nova experiência.

E, de olhos úmidos, como se estivesse vendo o futuro, concluiu:

- E, mais tarde... quem sabe? Talvez volte a “Nosso Lar”, rodeada do amor de mais algumas pessoas, para uma grande festa de alegria, amor e união...

Percebendo seu espírito de renúncia, ajoelhei-me e beijei suas mãos.

Dali em diante, minha mãe não era somente minha mãe. Era muito mais que isso. Era a mensageira do Amparo, que sabia transformar desequilibrados maldosos em filhos do coração, para que eles pudessem voltar ao caminho de Deus.

A VOLTA DE LAURA

Não era só minha mãe que estava se preparando para voltar à Terra. D. Laura também estava prestes a reencarnar. Alguns amigos me avisaram e resolvi participar da demonstração de apoio e solidariedade que alguns funcionários, especialmente do Auxílio e da Regeneração, iam dar à nobre senhora, por sua volta ao plano físico. Fizeram uma homenagem muito carinhosa na noite em que o Departamento de Contas lhe entregou a notificação do tempo total de serviço na colônia.

Não é possível descrever o significado espiritual dessa festa.

A casa graciosa estava cheia de música e luzes. As flores pareciam ainda mais bonitas.

Muitas famílias foram cumprimentar a companheira. A maioria dos visitantes falava com ela rapidamente e saía. No entanto, os amigos mais íntimos iam ficando até mais tarde. Assim, tive a oportunidade de ouvir vários comentários curiosos e sábios.

D. Laura parecia compenetrada, mais séria. Era possível perceber seu esforço para acompanhar o otimismo de todos. Com a sala de estar cheia de gente, a mãe de Lísias explicava ao representante do Departamento:

- Creio que não tenho mais do que dois dias. As aplicações do Serviço de Preparação do Ministério do Esclarecimento já terminaram.

E, com o olhar meio triste, concluiu:

- Como você pode ver, estou pronta.

O companheiro fez um gesto de sincera fraternidade e, para incentivá-la, disse:

- Mas eu espero que esteja animada. É uma glória voltar ao mundo nas suas condições. Milhares e milhares de horas de serviço a seu favor, perante a comunidade de mais de um milhão de companheiros. Além disso, seus filhos serão um belo estímulo aqui.

- Tudo isso me dá conforto, – disse a dona da casa, sem disfarçar a preocupação que sentia – mas devemos entender que a reencarnação é sempre uma experiência de grande importância. Sei que meu marido foi antes de mim e que meus filhos serão sempre meus amigos, no entanto...

- Ora essa! Não se deixe levar por suposições. – respondeu o Ministro Genésio – Precisamos confiar na proteção de Deus e em nós mesmos. A fonte divina é inesgotável. É preciso acabar com a idéia de que o plano físico é um exílio de sofrimento. Não pense em fracasso. Mentalize, sim, as possibilidades de êxito. Além do mais, você precisa confiar um pouco mais nos amigos que tem aqui. Em vibração, não estaremos longe de você. Pense na alegria de ajudar antigas amizades e na glória imensa de ser útil.

D. Laura sorriu, mais encorajada, e disse:

- Tenho pedido o socorro espiritual de todos os companheiros, para me manter firme nas lições que recebi aqui. Sei que a Terra está cheia da grandeza de Deus. Basta lembrar que o nosso Sol é o mesmo que alimenta os encarnados. No entanto, meu caro, tenho medo daquele esquecimento temporário a que somos submetidos. Sinto-me como uma doente que se curou de várias feridas... Na verdade, essas feridas não incomodam mais, mas ainda tenho as cicatrizes. Bastaria um leve arranhão para que voltassem.

O Ministro fez um gesto de quem entendia o que ela dizia e respondeu:

- Sei o que são as sombras dos planos inferiores, mas é preciso ter coragem e caminhar adiante. Nós a ajudaremos a trabalhar muito mais no bem dos outros do que na satisfação de si mesma. O grande perigo ainda é e sempre será a insistência nas tentações do egoísmo.

- Aqui, - continuou a senhora – contamos com as vibrações espirituais da maioria dos habitantes, quase todos educados nas luzes do Evangelho. E, mesmo que as antigas fraquezas surjam novamente em nossos pensamentos, temos a defesa natural do próprio ambiente. Mas, na Terra, nossa boa intenção é como chama fraca num mar imenso de forças agressivas.

- Não diga isso. – falou o bondoso Ministro – Não dê tanta importância às influências dos planos inferiores. Isso seria o mesmo que armar o inimigo contra nós. O campo das idéias é também campo de lutas. Toda luz que acendermos, de fato, na Terra, vai ficar viva para sempre, porque o vento das paixões humanas não pode apagar as luzes de Deus.

D. Laura parecia ver tudo mais claramente agora, em face das palavras ouvidas. Mudou radicalmente a atitude mental e falou, com novo ânimo:

- Agora tenho certeza de que sua visita não foi casual. Precisava recuperar as energias. Estavam me faltando estas palavras. É verdade. Nossa vida mental é campo de batalha constante. É preciso anular o mal e as trevas dentro de nós mesmos, pegá-los de surpresa no lugar em que se escondem, sem lhes dar tanta importância. Isso mesmo, agora compreendo...

Genésio sorriu satisfeito e acrescentou:

- Dentro do nosso mundo individual, cada idéia é como um ser à parte... Precisamos nos lembrar disso. Alimentando as manifestações do bem, elas progredirão para a nossa felicidade, como um exército de defesa. No entanto, se alimentarmos o mal, daremos base para os nossos inimigos.

A essa altura, o funcionário do Departamento de Contas comentou:

- E não podemos esquecer que Laura volta à Terra com grandes créditos espirituais. Ainda hoje, o Gabinete da Governadoria enviou uma nota ao Ministério do Auxílio, recomendando aos técnicos da Reencarnação o máximo cuidado com o material biológico a ser usado para formar o seu novo corpo físico.

- Ah!, é verdade. – disse ela – Pedi essa providência para que não fique muito sujeita à lei de hereditariedade. Tenho estado muito preocupada com o que diz respeito ao sangue.

-Veja – respondeu o companheiro – que seu mérito em “Nosso Lar” é bem grande, pois o próprio Governador fez as determinações.

- Por isso, não se preocupe, minha amiga. – disse o Ministro Genésio – Você terá vários companheiros a seu lado ajudando no seu bem estar!

- Graças a Deus! – disse D. Laura, aliviada – Era isso o que eu precisava ouvir!

Lísias e as irmãs, inclusive Teresa, demonstraram grande alegria.

- Minha mãe precisava esquecer as preocupações. – comentou o enfermeiro do Auxílio – Afinal, não vamos ficar aqui dormindo, não é?

- Vocês têm razão. – concordou a dona da casa – Vou cultivar mais esperança e terei confiança em Deus e em todos vocês.

Em seguida, todos voltaram a falar da confiança e do otimismo. Ninguém mais comentou o retorno ao plano físico, a não ser como uma bênção para recapitular e aprender para o bem.

Ao se despedir, já bem tarde, D. Laura me disse com carinho:

- Amanhã à noite, André, espero você também. Faremos uma pequena reunião familiar. O Ministério da Comunicação nos prometeu a visita de meu marido. Embora esteja encarnado, Ricardo será trazido até aqui com a ajuda de alguns companheiros. Além disso, amanhã pretendo me despedir. Não deixe de vir.

Agradei comovido o convite, fazendo força para não chorar antes da hora.

48 EVANGELHO NO LAR

Para os praticantes do Espiritismo talvez não fosse tão surpreendente a reunião de que participei na casa de Lísias. No entanto, para mim, a situação era inédita e interessante.

Na espaçosa sala de estar, perto de 30 pessoas se reuniam. A preparação dos móveis era a mais simples possível. Apenas algumas cadeiras e poltronas enfileiradas de 12 em 12, diante do estrado de onde o Ministro Clarêncio dirigia os trabalhos, cercado por D. Laura e os filhos. À distância de, mais ou menos, 4 metros, havia um grande globo cristalino com, aproximadamente, 2 metros de altura, com a parte de baixo envolvida em vários fios, que se ligavam a um pequeno aparelho, igual aos nossos alto-falantes.

Muitas perguntas dançavam em meu cérebro.

Na sala grande, cada um havia ocupado seu lugar, mas notei que todos conversavam amigavelmente.

Estando ao lado de Nicolas, antigo trabalhador do Ministério do Auxílio e amigo íntimo da família, aproveitei para fazer algumas perguntas. Ele não hesitou em me responder e explicou:

- Estamos prontos. No entanto, estamos aguardando a ordem da Comunicação. Ricardo é ainda uma criança na Terra e não será difícil para ele desprender-se do corpo físico por algum tempo.

- Mas ele virá até aqui? – perguntei.

- Claro! – respondeu o companheiro – Nem todos os encarnados ficam presos ao solo da Terra. Da mesma forma que os pombos-correio vivem muito tempo em serviço entre duas regiões, há espíritos que vivem lá entre dois mundos.

E, apontando o aparelho à nossa frente, disse:

- Ali está a câmara onde ele aparecerá.

- Por que o globo cristalino? – perguntei, curioso. – Ele não poderia se manifestar sem isso?

- É preciso lembrar que – disse Nicolas – as nossas emoções emitem forças que podem perturbá-lo. Aquela pequena câmara cristalina é feita de material isolante. Nossas energias mentais não poderão atravessá-la.

Nesse instante, Lísias foi chamado ao telefone por funcionários da Comunicação. Tinha chegado a hora. O trabalho poderia começar.

Olhei o relógio na parede. Passavam 40 minutos da meia noite. Notando meu ar de dúvida, Nicolas disse baixinho:

- Só agora a atual casa de Ricardo está bem tranquila lá na Terra. Natural que a casa descanse, os pais durmam e ele, em nova fase, não fique totalmente preso ao berço...

Nicolas não pôde continuar. O Ministro Clarêncio, levantando-se, pediu pensamentos e sentimentos equilibrados e unidos.

Houve um grande silêncio e Clarêncio fez uma prece emocionada. Em seguida, Lísias tocou algo na cítara, enchendo o ambiente de profundas vibrações de paz e alegria. Logo depois, Clarêncio falou novamente:

- Irmãos, - disse – enviemos agora a nossa mensagem de amor a Ricardo.

Surpreso, notei, então, que D. Laura, as filhas, a neta e Lísias saíram do estrado e se colocaram junto aos instrumentos musicais. Judite, Iolanda e Lísias ocuparam, respectivamente, o piano, a harpa e a cítara, ao lado de Teresa e Eloísa, que faziam o coro familiar.

As cordas afinadas emitiram suave melodia e a música se revelou divina. Quando vozes maravilhosas encheram o ambiente, senti-me como se houvesse sido levado a planos superiores do pensamento. Lísias e as irmãs cantavam uma linda canção, composta por eles mesmos.

Muito difícil repetir aqui os versos lindos, cheios de espiritualidade e beleza, mas vou tentar transmitir a riqueza do amor nos planos da vida após a morte:

Pai querido, enquanto a noite
Traz a benção do repouso,
Recebe, pai carinhoso,
Nosso afeto e devoção!...

Enquanto as estrelas cantam
Na luz que as empalidece,
Vem unir à nossa prece
A voz do teu coração.

Não te perturbes na estrada
De sombras do esquecimento,
Não te doa o sofrimento,
Jamais te firas no mal.

Não temas a dor terrestre,
Recorda a nossa aliança,
Conserva a flor da esperança
Para a ventura imortal.

Enquanto dormes no mundo,
Nossas almas acordadas
Relembra as alvoradas
Desta vida superior;

Aguarda o porvir risonho,
Espera por nós que, um dia,
Volveremos à alegria
Do jardim do teu amor.

Vem a nós, pai generoso,
Volta à paz do nosso ninho,
Torna às luzes do caminho,
Inda que seja a sonhar;

Esquece, um minuto, a Terra
E vem sorver da água pura
De consolo e de ternura
Das fontes de "Nosso Lar".

Nossa casa não te olvida
O sacrifício, a bondade,
A sublime claridade
De tuas lições no bem;

Atravessa a sombra espessa,
Vence, pai, a carne estranha,
Sobe ao cume da montanha,
Vem conosco orar também.

Nas últimas notas da bela canção, notei que o globo se enchia de substância cinzenta leitosa, mostrando, logo em seguida, a figura simpática de um homem de meia idade. Era Ricardo. Impossível descrever a emoção da família, que o cumprimentou com amor.

O recém-chegado, depois de falar em particular com a esposa e os filhos, olhou a todos, pedindo que a canção fosse repetida, a qual ouviu chorando. Quando a música terminou, disse comovido:

- Ah!, meus filhos, como é grande a bondade de Jesus, que enfeitou o nosso Evangelho no lar com as grandes alegrias desta noite! Nesta sala temos procurado, juntos, o caminho dos planos superiores. Muitas vezes recebemos, aqui, o pão espiritual da vida, e é aqui mesmo que nos reencontramos para o incentivo sagrado. Como sou feliz!

D. Laura chorava discretamente. Lísias e as irmãs tinham os olhos úmidos.

Percebi que Ricardo não falava com plena naturalidade e não tinha muito tempo entre nós. Creio que todos ali tinham a mesma impressão, pois vi Judite abraçar o globo, dizendo com carinho:

- Pai querido, diga o que precisa de nós, explique como podemos ser úteis ao seu coração!

Notei, então, que Ricardo olhou profundamente para D. Laura e sussurrou:

- Sua mãe virá se encontrar comigo em breve, filha! Depois, vocês também virão. O que mais eu poderia querer para ser feliz, a não ser pedir a Jesus que nos abençoe para sempre?

Todos chorávamos, emocionados.

Quando o globo começou a ficar novamente cinzento, ouvi Ricardo dizer, quase já se despedindo:

- Ah!, meus filhos, tenho uma coisa a pedir do fundo do coração! Peçam a Deus para que eu nunca tenha vantagens na Terra, a fim de que a luz da gratidão e do entendimento esteja sempre viva em meu espírito!...

Aquele pedido inesperado me emocionou e surpreendeu ao mesmo tempo. Ricardo despediu-se de todos com carinho e o globo ficou totalmente cheio da substância leitosa, para, logo em seguida, voltar ao normal.

O Ministro Clarêncio fez nova prece e a sessão foi terminada, deixando-nos mergulhados em grande alegria.

Á abraçar D. Laura, expressando pessoalmente minha profunda impressão e gratidão, mas alguém me deteve um pouco antes, enquanto ela se ocupava em falar com todos os presentes.

Era Clarêncio, que me falou com carinho:

- André, amanhã vou levar Laura ao plano físico. Se você quiser, pode vir conosco para visitar sua família.

Minha surpresa não poderia ser maior. Uma alegria profunda me envolveu espírito. Mas, instintivamente, me lembrei do meu trabalho nas Câmaras. E, adivinhando meus pensamentos, o Ministro disse:

- Você tem uma boa quantidade de horas extras a seu favor. Não será difícil conseguir que Genésio autorize sua ausência, depois de um ano de trabalho ativo.

Cheio de alegria, agradei chorando e rindo ao mesmo tempo. Á, enfim, rever a esposa e os filhos queridos.

49 VOLTANDO PARA CASA

Como a criança que acompanha quem a orienta, cheguei à minha cidade, com a incrível sensação do viajante que volta à terra natal depois de muito tempo longe.

Sim, a paisagem não havia mudado muito. As antigas árvores do bairro, o mar, o mesmo céu, o mesmo perfume incerto. Tonto de alegria, não percebi mais o rosto de D. Laura, que demonstrava muita preocupação, e despedi-me do grupo que continuaria viagem.

Clarêncio abraçou-me e disse:

- Você tem uma semana. Passarei por aqui todos os dias para vê-lo, enquanto cuido dos detalhes da reencarnação de Laura. Se quiser ir a “Nosso Lar”, aproveite as minhas visitas. Tudo de bom, André!

Uma última palavra de despedida à mãe de Lísias e fiquei sozinho, respirando profundamente o ar de outros tempos.

Não demorei muito para reparar nos detalhes e atravessar rapidamente algumas ruas em direção à minha casa. O coração batia agitado, à medida que chegava mais perto do grande portão de entrada. O vento sussurava suavemente nas árvores do parque, como antigamente. Azáleas e rosas desabrochavam, saudando a primavera. Em frente à porta de entrada, via-se a linda palmeira que eu e Zélia havíamos plantado em nosso primeiro aniversário de casamento.

Tonto de felicidade, entrei. Mas estava tudo muito diferente. Onde estavam os antigos móveis de jacarandá? E o grande retrato onde eu, Zélia e os meninos aparecíamos tão bem? Alguma coisa me angustiava profundamente. O que havia acontecido? Comecei a cambalear de emoção. Fui à sala de jantar, onde encontrei minha filha mais nova, já uma jovem em idade de casar-se. E, quase na mesma hora, vi Zélia saindo do quarto com um senhor que, à primeira vista, me pareceu ser um médico.

Gritei minha alegria com toda a força que tinha, mas as palavras pareciam ecoar pela casa sem chegar ao ouvido das pessoas. Entendi a situação e me calei, decepcionado. Abracei minha esposa, com carinho e saudade imensos, mas Zélia parecia completamente alheia ao meu gesto de amor. Muito atenta, perguntou ao senhor alguma coisa que não pude compreender imediatamente. Ele, baixando a voz, respondeu, com respeito:

- Só amanhã vou poder dar um diagnóstico seguro, já que a pneumonia está muito complicada por causa da pressão alta. Todo cuidado é pouco. Dr. Ernesto precisa de repouso absoluto.

Quem era aquele Dr. Ernesto? Fiquei perdido num mar de dúvidas, quando ouvi minha esposa pedir ansiosa:

- Mas, doutor, por favor, cure-o. Peço que o salve! Não vou aguentar ficar viúva outra vez.

Zélia chorava e esfregava as mãos, demonstrando imensa angústia.

Nem um raio teria me fulminado com tanta violência. Outro homem havia ocupado minha casa. Zélia havia me esquecido. A casa não me pertencia mais. Valia a pena ter esperado tanto tempo para sofrer tanta desilusão? Corri ao meu quarto, notando estava decorado com outros móveis. Na cama, estava um homem maduro, em grave quadro estado de saúde. Ao lado dele, três figuras negras iam e vinham, querendo complicar seu quadro.

Na hora, quis odiar o intruso com todas as forças, mas já não era o mesmo de outros tempos. Deus havia me chamado para os ensinamentos de amor, fraternidade e perdão. Percebi que o doente estava rodeado de entidades inferiores e maléficas, mas não consegui ajudá-lo imediatamente.

Sentei-me, desiludido e triste, vendo Zélia entrar e sair do quarto várias vezes, acariciando o doente com a mesma atenção que dedicava a mim em outros tempos. Depois de algumas horas de sofrimento e reflexão, voltei, tonto, à sala de jantar, onde

encontrei minhas filhas conversando. As surpresas continuavam. A mais velha havia se casado e tinha um bebê no colo. E meu filho? Onde estava?

Zélia deu instruções cuidadosas a uma enfermeira e veio conversar com mais calma com as filhas.

- Vim ver vocês, mamãe. – disse a mais velha – Não só para saber do Dr. Ernesto, mas também porque hoje sinto muitas saudades do papai. Desde cedo, não sei por quê, penso o tempo todo nele. É uma coisa que não sei explicar...

As lágrimas não a deixaram terminar a frase.

Zélia, para minha surpresa, falou com a filha, autoritariamente:

- Ora essa! Era só o que me faltava!... Como se não bastasse a aflição em que estou, tenho que tolerar suas perturbações. Que saudosismo é esse, minha filha? Já proibi vocês de fazer qualquer alusão a seu pai nesta casa. Você não sabe que Ernesto não gosta disso? Já vendi tudo que nos lembrava o passado esquecido, mudei as paredes, e você não pode me ajudar com isso?

A filha mais nova interveio, dizendo:

- Desde que ela começou a se interessar pelo maldito Espiritismo, vive com essas bobagens na cabeça. Onde já se viu tamanho absurdo? Essa história dos mortos voltarem é o cúmulo!

Embora ainda estivesse chorando, a outra falou:

- Não estou falando de convicções religiosas. Por acaso é crime sentir saudades de papai? Vocês não o amam também, não têm sentimento? Se papai estivesse conosco, mamãe, seu único filho não estaria fazendo tanta loucura por aí.

- Ora, ora... – falou Zélia nervosa e irritada – Cada um tem o destino que Deus lhe dá. Não se esqueça de que André está morto. Não me venha com queixas e lágrimas por um passado que não pode ser mudado.

Fui para perto de minha filha e acalmei-a, dizendo palavras de coragem e consolo que ela não ouviu, mas captou de forma subjetiva, como pensamentos agradáveis.

Que situação! Agora entendia por quê meus verdadeiros amigos haviam adiado tanto a minha visita ao lar. Decepções e tristeza me esperavam. Minha casa me parecia um patrimônio que ladrões e vermes haviam transformado. Nem bens, nem títulos, nem afetos! Só uma das filhas continuava ligada ao meu antigo e sincero amor.

Nem os anos de sofrimento logo depois da morte haviam me causado tanta dor.

Anoiteceu e amanheceu novamente e eu continuava na mesma situação, ouvindo e vendo coisas que nunca poderia esperar.

No final da tarde, Clarêncio passou por lá para me dizer algumas palavras de amizade. Percebendo meu estado, disse com carinho:

- Entendo a sua tristeza e sinto-me alegre por esta oportunidade. Não tenho novas orientações. Qualquer conselho de minha parte agora seria impulsivo. Só não posso esquecer de dizer que aquela recomendação de Jesus para que amemos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos, é sempre válida e sempre virá acompanhada de verdadeiros milagres de felicidade e compreensão, quando sinceramente vivida em nossos caminhos.

Agradei emocionado e pedi que não me deixasse sem a ajuda necessária.

Clarêncio sorriu e se despediu.

Então, diante da realidade, completamente só para demonstrar minhas conquistas, comecei a pensar com mais serenidade na importância das palavras evangélicas. Afinal de contas, por que condenar o comportamento de Zélia? E se fosse eu que tivesse ficado viúvo? Por acaso, teria aguentado ficar tanto tempo sozinho? Não teria feito qualquer coisa para justificar outro casamento? E o pobre doente? Como e por quê odiá-lo? Não era também meu irmão na casa de Deus? Será que as coisas não estariam pior em casa se Zélia não tivesse aceitado casar-se com ele? Assim sendo, era necessário lutar contra o egoísmo feroz. Jesus me apontava outros caminhos. Não podia agir como homem encarnado. Minha família não era só uma esposa e três filhos na Terra. Era, sim, centenas de doentes que estavam nas Câmaras de Retificação e, agora, também todos os seres do

Revisitando Nosso Lar

universo. Com outros pensamentos, senti que o amor começava a brotar das feridas que a realidade havia me causado.

50 CIDADÃO DE "NOSSO LAR"

Na segunda noite, estava exausto. Começava a entender o valor do amor e do entendimento mútuos como alimentos espirituais. Em “Nosso Lar”, trabalhava vários dias seguidos, sem precisar me alimentar, treinando a elevação espiritual a que muitos de nós se dedicam. Ficava satisfeito com a presença dos amigos queridos, com o seu carinho, a absorção do ar e da água carregados de fluidos sublimados, mas ali não via nada além de um campo de batalha escuro, onde as pessoas queridas haviam se transformado em carrascos. As importantes reflexões que a palavra de Clarêncio me inspiravam, davam-me alguma tranquilidade. Finalmente entendia as necessidades humanas. Não era proprietário de Zélia, mas seu irmão e amigo. Não era dono de meus filhos, mas, sim, seu companheiro de jornada.

Lembrei que, uma vez, D. Laura havia me dito que toda criatura, quando em prova, deveria fazer como a abelha, buscando as flores da vida que, em nosso caso, são as almas nobres que guardamos na lembrança, tirando de cada uma os bons exemplos para obter o mel da sabedoria.

Apliquei o conselho a mim mesmo e comecei me lembrando de minha mãe. Ela não ia se sacrificar por meu pai, a ponto de adotar mulheres infelizes como filhas do coração? “Nosso Lar” estava cheio de bons exemplos. A Ministra Veneranda trabalhava há séculos sucessivos pelo grupo espiritual mais ligado ao seu coração. Narcisa se sacrificava nas Câmaras para poder conseguir autorização para reencarnar em tarefa de auxílio. D. Hilda havia vencido o dragão do ciúme inferior. E a demonstração de fraternidade dos outros companheiros da colônia? Clarêncio vinha me aconselhando como um pai, a mãe de Lísias havia me recebido como um filho, Tobias me tratava como um irmão. Cada companheiro de minhas novas experiências se erguia como nobre exemplo ao meu espírito.

Tentei me abstrair das considerações de aparente ingratidão que ouvia da família e decidi colocar o amor divino acima de tudo, colocando, ao mesmo tempo, acima de todos os meus sentimentos pessoais, as necessidades dos meus semelhantes.

Cansado como estava, fui ao quarto do doente, que estava piorando a cada minuto. Zélia segurava sua cabeça, chorando muito:

- Ernesto, Ernesto, tenha pena de mim, querido! Não me deixe sozinha! O que é que vou fazer sem você?

O doente acariciava suas mãos e respondia com carinho, apesar da dificuldade para respirar.

Pedi a Deus que me desse forças para manter a compreensão de que necessitava e passei a vê-los como dois irmãos meus.

Reconheci que Zélia e Ernesto se amavam muito. E, se de fato me considerava irmão deles, devia ajudá-los como me fosse possível. Comecei o trabalho procurando esclarecer os espíritos perturbados que se mantinham ligados ao doente. Mas tinha muita dificuldade, pois estava muito abatido.

Nessa situação angustiante, lembrei-me de certa lição de Tobias, quando me disse: “Aqui em “Nosso Lar”, nem todos precisam do aerôbus para se locomover, porque os habitantes mais elevados da colônia são capazes de se deslocar flutuando no ar. E nem todos necessitam de aparelhos de comunicação para conversar a distância, por estarem em perfeita harmonia de pensamentos entre si. Aqueles que estão sintonizados assim, podem conversar à vontade mentalmente, apesar da distância.

Lembrei o quanto seria bom ter a colaboração de Narcisa e tentei. Concentrei-me em profunda oração a Deus e, nas vibrações da prece, me dirigi a ela pedindo socorro. Contei-lhe, em pensamento, o que estava acontecendo comigo, informando minhas intenções de ajudar, e insisti para que não deixasse de me socorrer.

Foi então que aconteceu o que eu não esperava.

Depois de 20 minutos, mais ou menos, quando eu ainda não havia terminado minha prece, alguém me tocou de leve no ombro.

Era Narcisa, que me atendia sorrindo:

- Ouvi seu apelo, meu amigo, e vim ao seu encontro. Fiquei muito feliz.

A mensageira do bem olhou o quadro, compreendeu a gravidade da situação e disse:

- Não temos tempo a perder.

Antes de qualquer coisa, aplicou passes de alívio ao doente, isolando-o das formas escuras, que se afastaram imediatamente. Em seguida, me chamou decidida:

- Vamos à natureza.

Acompanhei-a sem vacilar e ela, notando meu espanto, disse:

- Não é só o homem que emite e recebe fluidos. As forças naturais fazem o mesmo, nos vários reinos em que se subdividem. Para o caso do nosso doente, precisamos das árvores. Elas vão nos ajudar com eficiência.

Admirado com a nova lição, segui com ela em silêncio. Quando chegamos a um local onde havia árvores enormes, Narcisa chamou alguém, com palavras que não pude entender. Logo em seguida, oito entidades espirituais atendiam ao chamado. Muito surpreso, vi Narcisa perguntar onde poderia encontrar mangueiras e eucaliptos. De posse da informação dos amigos, que eram totalmente estranhos para mim, a enfermeira explicou:

- Estes irmãos que nos atenderam são trabalhadores do reino vegetal.

E, diante da minha surpresa, concluiu:

- Como você vê, não existe nada inútil na casa de Deus. Em toda parte há quem ensine, se houver quem precise aprender. E onde surge uma dificuldade, surge também a solução. O único infeliz na obra divina é o espírito irresponsável que se condenou às trevas da maldade.

Em alguns minutos, Narcisa preparou certa substância com as emanções do eucalipto e da mangueira e, durante toda a noite, aplicamos aquele remédio ao doente, pela respiração comum e pelos poros.

Ele melhorou muito. Pela manhã, logo cedo, o médico afirmou, muito surpreso:

- Ele teve uma reação incrível esta noite! Um verdadeiro milagre da natureza.

Zélia estava radiante. A casa se encheu de alegria novamente. De minha parte, sentia grande satisfação na alma. Profundo alívio e belas esperanças me reanimavam o ser. Percebia que antigos laços de inferioridade haviam se rompido dentro de mim, para sempre.

Nesse dia, voltei a “Nosso Lar” com Narcisa e, pela primeira vez, consegui flutuar. Em apenas alguns minutos, vencíamos grandes distâncias. Sentia muita alegria interior. Contando a Narcisa a leveza que sentia, ouvi-a dizer:

- Em “Nosso Lar”, grande parte dos companheiros poderia dispensar o aerôbus e transportar-se, à vontade, nas áreas de nosso domínio vibratório. Mas, como a maioria ainda não tem essa capacidade, todos evitam usá-la em nossas vias públicas. Essa decisão, no entanto, não impede que a usemos quando estamos longe da colônia, quando é preciso ganhar tempo e distância.

Novo entendimento e nova alegria me preenchiam o espírito. Orientado por Narcisa, ia de casa à colônia e vice-versa, sem qualquer dificuldade, intensificando o tratamento a Ernesto, que havia melhorado muito, com rapidez. Clarêncio me visitava todos os dias, mostrando-se satisfeito com o meu trabalho.

No final da semana, terminava minha primeira licença dos serviços das Câmaras de Retificação. Minha alegria contagiava Zélia e Ernesto que agora eram como meus irmãos.

Assim sendo, estava na hora de voltar ao meu posto.

Em meio à luz da tarde, tomei o caminho de volta a “Nosso Lar”, completamente modificado. Naqueles rápidos sete dias havia aprendido belas lições práticas de fraternidade e compreensão legítimas. A bela tarde me inspirava elevados pensamentos.

- Como é grande o amor de Deus! – dizia, falando sozinho. – Com que sabedoria Ele coloca as pessoas e as coisas no lugar certo! Com que amor atende a todas as criaturas!

Mas, alguma coisa me tirou dos meus pensamentos. Mais de 200 companheiros vinham ao meu encontro.

Todos me cumprimentaram, generosos e gentis. Lisias, Lascínia, Narcisa, Silveira, Tobias, Salústio e vários outros das Câmaras estavam ali. Não sabia o que fazer, pego de surpresa. Foi, então, que o Ministro Clarêncio, à frente de todos, estendeu a mão para mim e disse:

- Até hoje, André, você era meu protegido na cidade. De hoje em diante, porém, em nome da Governadoria, declaro-o cidadão de “Nosso Lar”.

Por que tanta coisa se meu sucesso era tão pequeno? Não consegui reter as lágrimas que me embargaram a voz. E, pensando na grandeza da bondade divina, abracei Clarêncio, chorando de gratidão e alegria.